



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,  
CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**ESCOLA MUNICIPAL ANTON DWORSAK: DO SONHO À  
INSTITUCIONALIZAÇÃO**

**ROSANGELA MARTINS DA SILVA**

*Sob a Orientação da Professora Dr<sup>a</sup>.*  
**Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação** no Curso de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

Seropédica/Nova Iguaçu, RJ  
Maio de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586e Silva, Rosangela Martins da , 1968-  
Escola Municipal Anton Dworsak: do sonho à  
institucionalização / Rosangela Martins da Silva. -  
Seropédica; Nova Iguaçu, 2023.  
124 f.: il.

Orientadora: Maria Angélica da Gama Cabral  
Coutinho. Dissertação (Mestrado). -- Universidade  
Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-  
graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e  
Demandas Populares, 2023.

1. Escola Municipal Anton Dworsak. 2. Comunidade  
escolar. 3. Jardim Primavera. 4. Prefeitura Municipal  
de Duque de Caxias. I. Coutinho, Maria Angélica da  
Gama Cabral , 1959-, orient. II Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em  
Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares  
III. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"

"This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS  
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**



**TERMO Nº 748 / 2023 - PPGEDUC (12.28.01.00.00.00.20)**

**Nº do Protocolo: 23083.042021/2023-20**

**Seropédica-RJ, 30 de junho de 2023.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO/INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS  
POPULARES**

**ROSANGELA MARTINS DA SILVA**

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Área de Concentração em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 26/05/2023

Membros da banca:

MARIA ANGELICA DA GAMA CABRAL COUTINHO. Dra. UFRRJ (Orientadora/Presidente da Banca).

FERNANDO CESAR FERREIRA GOUVEA. Dr. UFRRJ (Examinador Interno).

GUSTAVO DA MOTTA SILVA. Dr. (Examinador Externo à Instituição).

*(Assinado digitalmente em 30/06/2023 20:48 )*  
FERNANDO CESAR FERREIRA GOUVEA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)  
Matrícula: 1667143

*(Assinado digitalmente em 03/07/2023 10:07 )*  
MARIA ANGELICA DA GAMA CABRAL COUTINHO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
DeptTPE (12.28.01.00.00.00.24)  
Matrícula: 1792033

*(Assinado digitalmente em 01/07/2023 18:13 )*  
GUSTAVO DA MOTTA SILVA  
ASSINANTE EXTERNO  
CPF: 132.847.887-43

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **748**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **30/06/2023** e o código de verificação: **d07e5a1b65**

## DEDICATÓRIA

*Para minha filha Rafaella...*

*...minha maior inspiração; razão da minha vida e da minha felicidade.*

*Tudo para ela e por ela...*

*Para minha mãe...*

*Que nunca deixa de demonstrar seu grande amor por mim e não me esquece nas suas  
orações.*

*Para o marido...*

*Que me apoia nos meus sonhos e projetos, sempre acreditando mais em mim do que eu  
mesma...*

## AGRADECIMENTOS

Como tudo na minha vida acontece na hora certa, concluir o mestrado não seria diferente. Tudo tem o seu tempo certo para acontecer e sem pressa, eu caminho... Às vezes, pensei em desistir, mas logo despertava para o fato de que a desistência nunca foi minha verdade. Foi com essa certeza que busquei o mestrado. Para encerrar minha carreira? Não! Há coisas na vida que não se encerram e estudar é uma delas. Talvez eu não tenha mais vontade, tempo, interesse ou tantos outros motivos para continuar, mas nunca dou por encerrado algo que me faça bem. E estudar é bom, é muito bom! Gostaria de que todos os meus alunos acreditassem nisso. Todas as crianças, adolescentes; que a minha filha entendesse essa mensagem. Enfim... Posso agradecer porque, apesar de todas as dificuldades em conciliar trabalho e estudo, família e leituras, cansaço e a certeza de que precisaria ir em frente, foram tantas novidades nesse caminho que jamais poderia imaginar. A alegria da aprovação, a novidade da primeira e única aula presencial e, logo, um afastamento que durou para sempre... Sim, só vi alguns professores e colegas de turma uma única vez. A pandemia nos afastou e nos ensinou a ter uma relação virtual. Nessa relação, demo-nos bem na maioria das vezes com as pessoas, mas com a internet e os aparelhos... foi difícil! Finalmente, encerramos um ciclo e será sempre um até breve, porque quero continuar, ainda que on-line, a abraçar, conversar, aprender e compartilhar... Quanta coisa para agradecer! Quanta gente bacana eu conheci e quero levar para minha vida! Quantas coisas eu aprendi...e, cada vez mais, aprendo a agradecer! Sempre agradecer: a Deus, que me move em tudo e para todas as coisas; à minha família, que acredita nos meus sonhos e sempre considera que sou mais capaz do que acredito ser; a fundamental contribuição de Peter Dvorsak, Ferdinand Dvorsak, Anton Dvorsak, Danilo Dvorsak, não somente pelas entrevistas, mas, sobretudo, pela parceria que continuam mantendo com escola; aos companheiros de Equipe e amigos que me motivaram a ingressar no mestrado e sempre estiveram ao meu lado: Célia, Leandro, Cida, Raimunda e Luciana; a toda a equipe de professores e funcionários da E. M. Anton Dworsak, pelo carinho, amizade, profissionalismo e ajuda; aos queridos amigos, familiares, irmãos de fé que torceram, oraram e se dispuseram, de alguma forma, a ajudar; a todas as professoras e companheiras do Museu de São Bento – Professora Marlúcia Souza – e do CEPEMHED – Márcia Montílio, Márcia Spadetti e Marluce – pelo muito que contribuíram com a construção da minha pesquisa; a todos os alunos, alunas e comunidade escolar da Anton Dworsak, que corroboraram, de alguma forma, para que despertasse em mim o interesse pelo tema da pesquisa; aos orientadores da Banca, Fernando Gouvêa e Gustavo da Motta, pela empatia, solidariedade e pelo muito que me ensinaram; à minha orientadora, Maria Angélica da Gama Cabral Coutinho, por todo o tempo dedicado, sempre demonstrando simpatia, amizade, e, sobretudo, conhecimento!

## RESUMO

SILVA, Rosangela Martins da. **Escola Municipal Anton Dworsak: do sonho à institucionalização**. 2023. 124 p. Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

Esse estudo buscou investigar o processo de criação da Escola Municipal Anton Dworsak no 2º distrito de Duque de Caxias e como ocorreu sua municipalização. O bairro, que havia sido inaugurado em 1947, estava em pleno crescimento e era habitado por muitos migrantes que chegavam tanto de outros estados como de outros países. A localidade, que já possuía um grande loteamento e diversas casas comerciais, apresentava também uma população em idade escolar que não frequentava a escola, porque não havia na localidade nenhuma escola pública. A ação educativa do governo não havia chegado ao local. Guiado por sua preocupação com aquelas crianças fora da escola e por sua história de vida em meio à Segunda Guerra Mundial, a qual o fez migrar da Iugoslávia para o Brasil, Anton Dworsak mobilizou a comunidade da região e, auxiliado por alguns moradores, buscou meios materiais e legais e construiu a escola. A construção foi realizada em um terreno cedido pela Prefeitura e o prédio, após sua edificação, passou a ser administrado e mantido por esse órgão. Como o poder público não documentou o patrimônio e Anton havia falecido poucos dias antes do término da obra, os moradores que participaram da ação e construção do prédio organizaram o Centro de Pró-Melhoramento da Vila Maria Helena e Jardim Primavera, erguendo, no mesmo terreno da escola, a sede da associação de moradores. Ao documentarem a cessão dessa instituição, incorporaram a ela, também, a unidade escolar, ficando a instituição escolar mantida pela Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e o prédio cedido pelo Centro de Pró-Melhoramento da Vila Maria Helena e Jardim Primavera. A escola foi inaugurada em 15 de novembro de 1962.

**Palavras-chave:** Escola Municipal Anton Dworsak, Comunidade escolar, Jardim Primavera, Prefeitura Municipal de Duque de Caxias.

## ABSTRACT

SILVA, Rosangela Martins da. **Anton Dworsak Municipal School: from the creation process to institutionalization**. 2023. 124 p. Dissertation (Master in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2023.

This study sought to investigate the creation process of the Anton Dworsak Municipal School in the 2nd district of Duque de Caxias and how its municipalization occurred. The neighborhood that had been inaugurated in 1947 was in full growth and inhabited by many migrants who arrived both from other states and from other countries. The locality, which already had a large allotment and several commercial houses, also had a school-aged population that did not attend school because there was no public school in the locality. The educational action of the government had not reached the place. Guided by his concern for those children out of school, his life story in the midst of World War II, which made him migrate from Yugoslavia to Brazil. Anton Dworsak mobilized the region's community and, with the help of some residents, sought material and legal means and built the school. The construction was carried out on land provided by the City Hall and the building, when built, began to be managed and maintained by it. As the government did not document the heritage and Anton had died a few days before the end of the work, some residents who participated in the action and construction of the building, organized a Center for the Improvement of Vila Maria Helena and Jardim Primavera and built the building for the residents' association on the same land as the school, and when documenting the building session, they also incorporated the building school. Until then, the school was maintained by the Municipality of Duque de Caxias and the building was donated by the Center for the Improvement of Vila Maria Helena and Jardim Primavera. That needs and does not go through the reforms that guarantee the community the education space it needs.

**Keywords:** Anton Dworsak Municipal School, School Community, Jardim Primavera, Municipality of Duque de Caxias.

# LISTA DE FIGURAS

## CAPÍTULO 1

|  |    |
|--|----|
| <b>Figura 1-</b> Anton Dworsak e esposa nas montanhas da Áustria em 1954.....                | 28 |
| <b>Figura 2-</b> Mapa da antiga Iugoslávia.....  | 31 |
| <b>Figura 3-</b> Mapa atual da antiga Iugoslávia. ....                                       | 35 |
| <b>Figura 4 -</b> Anton exercendo sua função de ferramenteiro em Petrópolis, RJ em 1958..... | 38 |
| <b>Figura 5 -</b> Filhos de Anton em 2022 no pátio da escola.....                            | 42 |
| <b>Figura 6 –</b> Família de Anton em frente à casa construída por ele em 1958.....          | 42 |
| <b>Figura 7 –</b> Os filhos de Anton Dworsak no pátio da escola em 2022.....                 | 43 |
| <b>Figura 8 -</b> Ficha de matrícula de Anton Dworsak (filho) em 1962.....                   | 45 |
| <b>Figura 9 –</b> Fachada da escola quando foi inaugurada.....                               | 46 |

## CAPÍTULO 2

|   |    |
|---|----|
| <b>Figura 10 –</b> A placa que foi trocada de Merity por Caxias.....            | 54 |
| <b>Figura 11 –</b> Primeiro Interventor e primeiro prefeito eleito.....         | 57 |
| <b>Figura 12 -</b> Fábrica Nacional de Motores.....                             | 59 |
| <b>Figura 13 –</b> Mapa da Baixada Fluminense.....                              | 61 |
| <b>Figura 14 –</b> Mapa distrital de Duque de Caxias.....                       | 62 |
| <b>Figura 15 -</b> Estação ferroviária de Jardim Primavera.....                 | 69 |
| <b>Figura 16 -</b> Início do loteamento de Jardim Primavera.....                | 70 |
| <b>Figura 17 -</b> Início do loteamento de Jardim Primavera.....                | 71 |
| <b>Figura 18 –</b> Modelo de ônibus que circulava em Jardim Primavera em 1947.. | 73 |
| <b>Figura 19 -</b> Ginásio Primavera.....                                       | 74 |
| <b>Figura 20 –</b> Diretor Heitor Combat.....                                   | 75 |
| <b>Figura 21 –</b> Arquitetura estilo europeu.....                              | 76 |
| <b>Figura 22 –</b> Fachada residencial construída em Jardim Primavera.....      | 76 |
| <b>Figura 23 -</b> Escadão de Jardim Primavera.....                             | 77 |
| <b>Figura 24 –</b> Templo da Igreja Católica São Judas Tadeu.....               | 78 |
| <b>Figura 25 -</b> Construção da caixa d'água.....                              | 79 |
| <b>Figura 26 -</b> Reservatório para abastecimento do bairro.....               | 80 |
| <b>Figura 27 -</b> Início do fornecimento de energia elétrica no bairro.....    | 80 |

## CAPÍTULO 3

|  |     |
|--|-----|
| <b>Figura 28 –</b> Planta da Escola Municipal Anton Dworsak.....   | 93  |
| <b>Figura 29 –</b> Fachada lateral da Escola Municipal Anton Dworsak.....  | 94  |
| <b>Figura 30 –</b> Certificado de 1º lugar da Escola Municipal Anton Dworsak no Concurso de horta expedido pela SME em 1983..... | 104 |
| <b>Figura 31 –</b> Fachada atual da Escola Municipal Anton Dworsak.....  | 115 |
| <b>Figura 32 –</b> Placa doada pelo CEPEMHED.....  | 115 |

# LISTA DE QUADROS

## CAPÍTULO 2

|  |    |
|--|----|
| <b>Quadro 1-</b> Prefeitos Interventores.....  | 56 |
| <b>Quadro 2-</b> Nome dos Prefeitos eleitos pelo Sufrágio Universal e seus respectivos períodos..... | 57 |
| <b>Quadro 3 -</b> Bairros de Duque de Caxias e seus respectivos distritos.....                       | 63 |
| <b>Quadro 4-</b> Prefeitos indicados pelo Governo Federal.....                                       | 66 |
| <b>Quadro 5-</b> Prefeitos eleitos pelo voto direto.....   | 66 |

## CAPÍTULO 3

|  |     |
|--|-----|
| <b>Quadro 6-</b> Nomes dos professores que trabalharam na escola nos anos de 1962 a 1973.....  | 108 |
| <b>Quadro 7 -</b> Disciplinas cursadas do curso ginásial da Escola Municipal Anton Dworsak nos três primeiros anos de implantação..... | 109 |
| <b>Quadro 8 -</b> Nomes das diretoras que dirigiram a escola nos anos de 1962 a 2009.....  | 113 |

## LISTA DE SIGLAS

|            |   |
|------------|---|
| ACC -      | Associação Comercial Caxiense   |
| ANUAR -    | Administração das Nações Unidas para Auxílio e Restabelecimento       |
| AEE -      | Atendimento Educacional Especializado                                 |
| BO -       | Boletim Oficial   |
| CA -       | Classe de Alfabetização   |
| CEE/RJ -   | Conselho Estadual de Educação/ Rio de Janeiro                         |
| CFE -      | Conselho Federal de Educação  |
| CSN -      | Companhia Siderúrgica Nacional  |
| CRPE -     | Centro Regional de Pesquisa Educacional                               |
| CRPH/DC-   | Centro de Referência e Pesquisas Históricas/Duque de Caxias           |
| CEPEMHED - | Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação de Duque de Caxias |
| CMDC -     | Câmara Municipal de Duque de Caxias                                   |
| DNOS -     | Departamento Nacional de Obras e Saneamento                           |
| EF -       | Ensino Fundamental  |
| EI -       | Educação Infantil   |
| EJA -      | Educação de Jovens e Adultos  |
| EM -       | Escola Municipal  |
| ECA -      | Estatuto da Criança e Adolescente                                     |
| EF -       | Ensino Fundamental  |
| EUA-       | Estados Unidos da América   |
| FNM -      | Fábrica Nacional de Motores   |
| IBGE -     | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística                       |
| IDH -      | Índice de Desenvolvimento Humano                                      |
| INEP -     | Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos                             |
| LDBEN -    | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional                        |
| MEC -      | Ministério da Educação  |
| ONU-       | Organização das Nações Unidas   |
| PIB -      | Produto Interno Bruto   |
| PMDC -     | Prefeitura Municipal de Duque de Caxias                               |
| PNE -      | Plano Nacional de Educação  |
| REDUC -    | Refinaria de Duque de Caxias  |
| SME -      | Secretaria Municipal de Educação                                      |
| UPC -      | União Popular Caxiense  |
| URSS -     | União das Repúblicas Socialistas Soviéticas                           |



## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>Introdução</b> .....  | 16         |
| <b>Primeiro Capítulo - ANTON DWORSAK: DE REFUGIADO A PATRONO</b> .....                                 | <b>23</b>  |
| 1.1 A TRAJETÓRIA DE UM HOMEM .....   | 23         |
| 1.2- IUGOSLÁVIA: UM PAÍS QUE DEIXOU DE EXISTIR!.....   | 30         |
| 1.3- A FAMÍLIA DWORSAK: DA IUGOSLÁVIA PARA O RIO DE JANEIRO.....                                       | 36         |
| <b>Segundo Capítulo - DUQUE DE CAXIAS: UM LUGAR ONDE NASCE A ESPERANÇA E O DIREITO DE SONHAR</b> ..... | <b>49</b>  |
| 2.1- DUQUE DE CAXIAS, O MEU LUGAR!.....  | 49         |
| 2.2- DUQUE DE CAXIAS: A CIDADE ESCOLHIDA PARA RECOMEÇAR.....   | 51         |
| 2.3- JARDIM PRIMAVERA: O BAIRRO QUE ACOLHE MIGRANTES, INSTALA A FAMÍLIA DWORSAK.....                   | 69         |
| <b>Terceiro Capítulo - ESCOLA MUNICIPAL ANTON DWORSAK: SUA HISTÓRIA, ORIGEM E MEMÓRIA</b> .....        | <b>85</b>  |
| 3.1- ANTON DWORSAK: A HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....   | 85         |
| 3.2- ESCOLA E COMUNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO DE TODOS E PARA TODOS.....                                    | 89         |
| 3.3- O ARQUIVO E A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA: O CORPO DISCENTE E O MOVIMENTO ESCOLAR.....             | 96         |
| 3.4- A FORMAÇÃO, SELEÇÃO E CONTRATAÇÃO DE DOCENTES NA ESCOLA MUNICIPAL ANTON DWORSAK.....              | 106        |
| 3.5- COMPOSIÇÃO DO CORPO DOCENTE DA ANTON DWORSAK.....   | 107        |
| 3.6- A DIREÇÃO ESCOLAR: UM CARGO DE CONFIANÇA QUE VIVE A DEMOCRACIA.....                               | 110        |
| <b>Considerações Finais</b> .....  | <b>117</b> |
| <b>Referências Bibliográficas</b> .....  | <b>121</b> |

## APRESENTAÇÃO

O presente estudo inicia-se a partir do meu universo profissional, mais especificamente por ocupar o cargo de gestora na unidade pesquisada desde janeiro de 2009. Como em tudo que faço na minha vida, envolvi-me com o local de trabalho de uma forma muito especial. Percebi que ali teria a oportunidade de criar laços para além dos profissionais e isso contribuiu bastante com o meu retorno à academia. Ao chegar à escola, tive a oportunidade de conhecer vários profissionais e alguns que me inspiraram e inspiram, ainda hoje, pela dedicação à educação e/ou pela busca constante de formação e aprendizado. Esse envolvimento foi o responsável por me motivar, levar-me a retornar aos estudos e, conseqüentemente, refletiu na razão da minha pesquisa.

Ser educadora não foi só uma escolha vocacional, mas algo que surgiu desde a minha infância, até mesmo nas brincadeiras com as crianças menores. Sempre queria brincar de dar aulas, de ensinar e, brincando, ensinava mesmo. Aos sete/oito anos já tinha quatro alunos das minhas brincadeiras, a quem ensinei a ler. Esse resultado fez com que eu nunca mais deixasse de ensinar até, de fato, tornar-me professora. Mesmo quando decepcionada com o magistério ao ingressar em outra área, conciliava as duas funções, até que entendi que o que de fato me fazia feliz era a educação. Retornei à universidade e fui cursar Pedagogia na UERJ. Após ingressar em alguns cursos de pós-graduação e especialização, descobri que poderia ir além. Com incentivo de amigos da minha equipe de trabalho, participei da prova de seleção da UFRRJ e hoje, estou aqui, concluindo mais um ciclo que a educação me propôs.

O projeto que, no tempo oportuno, tornou-se real, nasceu da curiosidade em conhecer a razão do nome da escola pesquisada. Embora eu já tenha conhecido e trabalhado em diversas instituições escolares, cujos patronos desconheço a trajetória até hoje, foi diferente com a Anton Dworsak, que continha um pedacinho da sua história na memória ou na fala de quem a conhecia. O nome da escola não homenageava personalidades mundiais, artistas, educadores ou figura pública, mas um ex-morador da comunidade que chegou ao Brasil vindo da Iugoslávia, após viver as barbáries da Segunda Guerra Mundial. Esse nome, a princípio, foi o que chamou a atenção para ser investigado. Que nome era aquele? Qual a origem? Quem era esse personagem? E por que essa escola recebeu esse nome? Foram esses os questionamentos que me levaram a pesquisar e desejar conhecer a história da unidade escolar. Investigar o motivo do nome dado à escola foi o caminho para conhecer sua história e aprofundar os estudos sobre a instituição.

A preservação da história é fundamental para compreender o que nos envolve e manter viva a nossa identidade. O tema da pesquisa remete-me a uma reflexão sobre a importância da existência da escola pública, local em que trabalho há 28 anos como professora e há 14 anos

como gestora. De acordo com Freire (1987, p. 33): “O conhecimento emerge apenas através da invenção e reinvenção, através de um questionamento inquieto, impaciente, continuado e esperançoso de homens no mundo, com o mundo e entre si”. Desse modo, torna-se indispensável aproximar-se da história para conhecê-la de forma que seja afetado por ela de maneira inspiradora, e que possa sentir-se parte integrante e atuante na mudança que se deseja fazer. Portanto, olhar para dentro da escola pesquisada é olhar também em direção a outras dimensões, além do local, mas todos os aspectos que influenciaram e influenciam e, até mesmo, determinam contextos sociais, políticos, econômicos...

Durante toda a minha vida, estive ligada à educação e, apesar de todos os obstáculos impostos à carreira, sempre acreditei na sua função e nas possibilidades que ela abriria para quem a buscasse. Estivesse eu no papel de estudante de universidades públicas - cursando Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e mestrado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - ou na função de educadora, foi a educação pública que me ensinou a acreditar nas possibilidades que somos capazes de criar na vida de tantos sujeitos que passam por nós.

O motivo de pesquisar o tema da Educação está atrelado ao fato de me encontrar, durante os últimos anos, vivenciando novos aprendizados e experiências dentro das instituições de ensino e do magistério público, conhecendo histórias e trajetórias que contribuíram com a minha vida acadêmica e profissional, o que me motivou a ingressar no mestrado e dar continuidade ao que sempre acreditei como oportunidade de mudança de vida - a educação, ainda que essa área esteja sempre à margem de onde merecia estar, e não tenha o real valor como garantia de direito.

Pesquisar uma determinada instituição escolar nunca foi meu objetivo, até conhecer a escola em que trabalho. Mesmo trabalhando tantos anos na educação e as instituições escolares fazendo parte da minha caminhada, foi a escola pesquisada que me abriu horizontes capazes de me apropriar de novos conhecimentos, assim como valorizar ainda mais o espaço público de educação.

A pesquisa realizada, além de construir conhecimento, aproximou-me, enquanto pesquisadora, do foco da pesquisa - a escola, oportunizando tratar do que propomos sem esgotar razões para novos estudos e desdobramentos, contribuindo com uma aproximação maior entre a instituição e a comunidade escolar.

# INTRODUÇÃO

Não há instituição sem história e não há história sem sentido. O desafio é trazer à luz esse sentido e, com frequência, há boas surpresas. (SANFELICE, 2007)

O presente estudo se iniciou a partir do universo profissional da pesquisadora, mais especificamente por ocupar o cargo de gestora na unidade pesquisada desde janeiro de 2009. O tema da pesquisa disserta sobre a história da Escola Municipal Anton Dworsak, conseqüentemente, aborda a relação dessa escola com a vida do patrono, com o crescimento do município de Duque de Caxias e do bairro Jardim Primavera, particularmente a partir da emancipação do município e do período em que a escola foi construída e inaugurada. Apesar do município já ter sido tema de diversas pesquisas e estudos, suas escolas municipais e, em particular, a instituição em foco, oferecem muita História a ser estudada, especialmente no campo da História da Educação.

A pesquisa no campo da História da Educação transita em diferentes cenários e contextos, já que a biografia do patrono retrata os motivos que o forçaram a deixar seu país de origem e uma Europa devastada pelas Guerras (I e II). No cenário nacional, transita pela sua história de vida, com sua chegada ao Brasil em 1954 e, particularmente, a Duque de Caxias em 1955, com sua família, ao bairro de Jardim Primavera, onde construiu sua história como cidadão, morador e patrono da escola cuja construção liderou.

O foco dessa pesquisa pretende contribuir para o avanço da história da educação local, sobretudo de uma região do estado do Rio de Janeiro ainda pouco explorada pela História, principalmente pela História da Educação.

Desse modo, enfatizamos o quanto a educação é essencial ao ser humano. Enquanto ele vive, aprende e se reconhece como sujeito no meio com o qual interage e torna-se capaz de agir e reagir ao mundo à sua volta, sendo o espaço escolar o ambiente mais propício para que essa aprendizagem se construa de fato. Portanto, cada espaço escolar tem sua história, sua importância e sujeitos que o tornam o que realmente é. São espaços organizados e construídos considerando diversos fatores - econômico, político e social - de cada povo, ou seja, o seu projeto societário. Assim, podemos compreender porque cada unidade de ensino se apresenta de maneira diferente e única em cada grupo social. Algumas se constroem de forma privilegiada, com reprodução de valores de uma sociedade; outras se constroem a partir da necessidade e realidade de um público. Todas as sociedades, das mais organizadas até as mais primitivas, em algum momento participarão de atividades onde a aprendizagem acontece. Por isso, privilegiar o espaço escolar é privilegiar o conhecimento que se dá através dele. São esses espaços as referências que sociedade tem como fundamentais na formação e construção de uma sociedade mais justa.

O objetivo principal levantado no início da pesquisa, desde o instante em que o tema se tornou interesse de investigação e de estudos, foi a relação criada entre a escola e comunidade escolar, que se estabeleceu desde a sua criação até os dias atuais. A escola, nos seus 60 anos, em algum momento de sua existência, foi o único espaço educacional público na região, considerando que as escolas municipais mais próximas estão a mais de 2 km e, por isso, diferentes gerações têm passado por lá, deixando e levando suas marcas. As influências que partem de ambas, escola e comunidade, refletem o dia a dia da escola, perpassando gerações e reconstruindo a história da instituição. Desse modo, é possível afirmar que a escola pública é um dos espaços mais importantes no processo de desenvolvimento social dos sujeitos, tendo nesse processo a sua principal finalidade.

Nesse sentido, é muito importante conhecer e compreender essa instituição pública municipal de ensino, sua origem e suas manifestações para que possamos, conseqüentemente, conhecer sua comunidade.

A Escola pública não é apenas um dos lugares onde se dá esta socialização dos indivíduos; ela é por excelência, o lugar onde se institui, na vida do futuro cidadão, esta participação, e um dos lugares mais visíveis de instituição daquilo que, na sociedade, foi decidido que definitivamente, não pode ficar sob o controle exclusivo de alguns, para não se tornar privilégio privado de uns poucos. (VALLE, 1997, p.10)

O fato de ser funcionária da Rede Municipal de Educação de Duque de Caxias e lotada na escola pesquisada foi o que motivou a pesquisa e possibilitou que se conhecesse a forma como a escola foi criada dentro do município e organizada após o seu funcionamento.

Sendo assim, a presente pesquisa propõe-se a analisar os arquivos, registros e documentos como aportes que estabelecem a ligação entre a escola e a comunidade escolar. Escola essa que foi construída em uma região onde não havia escola pública que atendesse a demanda que, na época era muito grande. A partir da mobilização de algumas pessoas da comunidade sob a liderança de Anton Dworsak, a comunidade viu nascer uma escola que passou a atender e escolarizar as crianças do entorno.

O trabalho de pesquisa investiga o processo de criação da escola, dialogando com o crescimento do município que, na época da inauguração da instituição, havia apenas 19 anos que se emancipara de Nova Iguaçu e traçando um paralelo com a expansão do bairro de Jardim Primavera, que havia 15 anos de inaugurado, cujo crescimento teve início na década de 1920, quando foi loteado com objetivo de receber os europeus e tornar o bairro com uma grande população de imigrantes.

Ao mesmo tempo, o estudo analisa o arquivo escolar e o processo de constituição da instituição de ensino municipal a partir do seu funcionamento e dos documentos - Portarias, Decretos e Regimentos - que normatizaram e regularizaram o seu funcionamento no município, levando em consideração que a construção da escola foi uma iniciativa de moradores e não da

prefeitura, como normalmente acontece. A pesquisa aponta como e quando a escola iniciou seu funcionamento, na época, com a educação primária e mais tarde, com o ginásio. Nos anos posteriores, adequando-se às necessidades da comunidade e às Leis que orientavam a educação pública no estado e país, abrangendo da educação infantil e ao ensino fundamental, a unidade escolar da rede municipal tem exercido, desde a sua construção, uma relação de parceria com a comunidade com a qual está inserida.

A pesquisa busca contribuir com a construção da História das Escolas Públicas de Duque de Caxias, de modo a permitir que se compreenda a escola pública que temos no município - em que época e como surgiu, que tipo de demanda atendeu/ atende e como se articulou durante os anos de funcionamento.

Nesse sentido, as escolas são importantes fontes de informações para o estudo delas mesmas e dos sistemas educacionais, uma vez que permitem investigar o passado ou o presente, sendo de grande relevância para a História da Educação. Desse modo, para o desenvolvimento da pesquisa, considera-se prioritariamente uma única instituição escolar, levando em conta que, cada vez mais, o estudo das instituições escolares e da escola pública se torna importante. Apesar da Constituição de 1988, no Art. 205, garantir a educação como direito de todos e dever do Estado e da família, e o Art. 18 tornar autônomos a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, o que torna a educação pública municipal uma responsabilidade executiva, chama a atenção o fato de a responsabilidade, nesse caso, ter sido exercida por moradores que, em defesa dos seus direitos, uniram-se para construir uma escola onde o poder público não alcançou., surgindo desses esforços a Escola Municipal Anton Dworsak.

Inicialmente, buscamos conhecer a história através do Projeto Político Pedagógico da escola e, através de professores e funcionários que conheciam e trabalhavam na escola há algum tempo. Em 2012, por ocasião da comemoração dos 50 anos da escola, tivemos a oportunidade de conhecer os familiares do patrono e um pouco mais dessa história a partir de fotografias cedidas por eles, o que tornou mais interessante pesquisar sobre o assunto. Em 2019, publicamos a 1ª edição do Jornal Escolar, contando a história do patrono e da escola. O trabalho, que teria continuidade no ano seguinte, foi interrompido pela pandemia da Covid-19.

Em 2022, com o retorno totalmente presencial após a pandemia e com objetivo de comemorar os 60 anos da escola, dedicamo-nos novamente a resgatar histórias, fotografias, memórias e à publicação da 2ª edição do jornal. Para esse evento, conseguimos reunir não somente os familiares, mas pessoas que fizeram parte da história da escola no início do seu funcionamento, tais como alunos, funcionários e integrantes da comunidade. Demos início à construção do Centro de Memórias no dia 18 de novembro de 2022, com a participação da comunidade escolar e dos membros do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação de Duque de Caxias (Cepemhed).

Dessa forma, a pesquisa pretende contribuir para o debate acerca da história e historiografia da educação sobre município de Duque de Caxias, tendo em vista que investigar os processos de criação de uma escola implica conhecer, também, a necessidade de escolarização dos munícipes e dos prédios escolares que sejam propriedade ou não do município, trazendo ao conhecimento as implicações políticas, sociais, culturais dos indivíduos envolvidos. Essa visão está de acordo com o que dizem Faria Filho e Bertucci (2009), quando afirmam que a escola não age apenas internamente, ao contrário, ela tem uma atuação social que vai muito além dos seus muros.

Assim, o objetivo central da pesquisa foi investigar como se deu a criação da escola, através da investigação acerca da mobilização da comunidade e da responsabilidade da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias, e quais foram as forças atuantes nesse processo, tendo em vista que as pesquisas sobre história de instituições escolares buscam explicitar a relação que esses estabelecimentos possuem com seu entorno, ou seja, a ação além dos seus limites físicos.

Para a construção da pesquisa, definimos como objetivos específicos: investigar o processo de criação da instituição educacional, buscando compreender os fatores que levaram a sua construção em uma região em pleno crescimento, e a quem essa instituição atendia; analisar o processo de crescimento do município de Duque de Caxias a partir de sua emancipação de Nova Iguaçu; e investigar a importância da Escola Municipal Anton Dworsak para a comunidade escolar e sua relação com a população local.

Temos como hipótese que a criação da Anton Dworsak foi, no contexto de sua instalação, um símbolo de oportunidade e esperança para aquela localidade onde foi construída e que sua função de educar crescia juntamente com o bairro. Ela, que havia nascido junto com a primeira lei que proclamava a educação para todos, tinha a finalidade agora de alfabetizar, escolarizar meninos e meninas, educandos que chegavam para terem uma chance de se tornarem cidadãos capazes de modificar a sociedade e seu entorno.

Como fontes de pesquisa, utilizamos o arquivo da escola Municipal Anton Dworsak, disponível nas dependências da unidade, o qual é constituído de documentação diversa. Esses documentos estão intimamente relacionados com o funcionamento da instituição e se constituem como importantes “fontes para reconstruir o itinerário da instituição escolar” (MOGARRO, 2005, p.77-78). Bonato (2005) sinaliza que o arquivo escolar vem se constituindo como fonte privilegiada para a reconstrução e compreensão do fenômeno educacional. A autora define arquivo escolar como “um conjunto de documentos produzidos ou recebidos por escolas públicas ou privadas, em decorrência do exercício de suas atividades específicas” (BONATO, 2005, p.196). Sendo assim, essa fonte nos direcionou a conhecer parte de uma história acerca da constituição, dos sujeitos envolvidos na criação e na

institucionalização dessa instituição. Permitiu-nos, também, conhecer as relações que foram criadas no seu entorno e em prol de sua existência, assim como alguns atores sociais que contribuíram para sua efetivação.

Além do arquivo da escola, utilizamos o arquivo pessoal da família Dworsak, entrevistas com os filhos do patrono, no dia 06 de abril de 2022, na sede da escola, com a presença dos membros do CEPEMHED, Professoras Márcia Montílio e Márcia Spadetti, bem como documentos do CRPH/DC/Museu de São Bento e periódicos da Revista Pilares da História.

Tais documentos - fotos, entrevistas, reportagens – permitiram-nos, assim como o acervo da escola, conhecer aspectos da criação da escola, bem como do desenvolvimento do bairro no 2º distrito. Proporcionou-nos, ainda, conhecer o desejo de Nelson Cintra de criar um bairro para receber europeus e, com isso, o local foi habitado, durante muitas décadas, por pessoas de toda parte do mundo que criaram suas famílias e deixaram suas marcas, principalmente no comércio e na própria instituição pesquisada.

No primeiro capítulo, buscamos apresentar a biografia de Anton Dworsak, o patrono da unidade escolar, tendo como aporte, Carino (1999, p.154), que questiona o motivo pelo qual as biografias fascina ou a razão pela qual nos encantam as trajetórias individuais. É a partir dessa trajetória tão curta e intensa em relação à biografia de Anton Dworsak que destacamos fatos relevantes acerca de sua vida na Iugoslávia, sua experiência e participação na Segunda Guerra Mundial e o curto tempo que viveu no Brasil. Apesar de ter a vida abreviada por uma fatalidade, ele deixou seu nome na memória e na história do bairro em que viveu. Um homem visionário, que percebeu em sua vizinhança muitas crianças em idade escolar, mas sem a oportunidade de estudar pela ausência de escolas na região. A construção de escolas para atender a comunidade era uma necessidade urgente, visto que o bairro de Jardim Primavera estava em crescimento e expansão. Conforme aponta em seu artigo, Manhães (2004, p. 91-92) relata sobre o progresso da localidade de Jardim Primavera e o quanto atraiu diversos migrantes e imigrantes para o bairro e seu entorno.

No segundo capítulo, buscamos conhecer a História de Duque de Caxias a partir dos anos de 1930, no governo do Presidente Getúlio Vargas. O atual município de Duque de Caxias desenvolveu um progresso intenso em relação à reorganização territorial e ao desenvolvimento urbano e industrial. Esse desenvolvimento atraiu a atenção do Deputado Federal Dr. Manoel Reis, o qual propôs a criação do Distrito de Caxias que, até então, era Merity. Com essa visível realidade, foi criado o 8º Distrito de Nova Iguaçu, através do Decreto Estadual nº 2.559, de 14 de março de 1931, pelo Interventor Federal Plínio Casado. A história do município se entrelaça com a dos municípios vizinhos pois, até a década de 1940, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis, Belford Roxo e Nova Iguaçu formavam um único município, o de Nova Iguaçu. Em 1943, o 8º distrito de Nova Iguaçu foi emancipado e elevado à categoria de município através

do Decreto-Lei 1.055. A partir da sua emancipação, o município de Duque de Caxias se destacou no crescimento populacional e econômico. No entanto, somente em 1947 o primeiro Prefeito foi eleito pelo voto popular, sendo a Câmara Municipal instalada no mesmo ano. Em cumprimento à Lei Orgânica, a sede municipal, que se localizava no 1º distrito, foi transferida, a partir de 29 de maio de 1991, para o 2º distrito. O município é dividido em quatro distritos: 1º- Duque de Caxias, 2º- Campos Elíseos, 3º- Imbariê e 4º- Xerém.

O município de Duque de Caxias fica situado na região Metropolitana na Baixada Fluminense. Existem várias definições para o conceito de Baixada Fluminense. Para esta pesquisa, utilizamos o conceito geopolítico definido por Souza (2014, p.5) que, entre as múltiplas definições, considera que a Baixada Fluminense corresponde à região de planícies que se estendem entre o litoral e a Serra do Mar, indo do município de Campos, no extremo Norte, até o de Itaguaí, próximo à cidade do Rio de Janeiro.

Contudo, destacamos os principais acontecimentos políticos, sociais e econômicos do município de Duque de Caxias, do 2º Distrito e, em especial, do Bairro de Jardim Primavera - sua expansão, sua criação a partir de Nelson Cintra, o idealizador do loteamento que deu origem ao bairro e iniciou o seu progresso, o motivo pelo qual foi escolhido pela Família Dworsak para viver e os fatores que levaram Anton a liderar o movimento de construção da Escola Municipal Anton Dworsak.

No terceiro capítulo, como objeto de estudo, destacamos a Escola Municipal Anton Dworsak, instituição pública de Educação Infantil e Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Duque de Caxias, localizada na Rua Geraldo Rocha, s/nº, Jardim Primavera, Duque de Caxias - Rio de Janeiro.

A pesquisa realizada no campo da História e Historiografia da Educação tem como objetivo estudar a história das Instituições Escolares. Assim, para descrever a Escola Municipal Anton Dworsak, foi necessário o encontro entre a história das instituições escolares com um olhar na história do município de Duque de Caxias, em especial, do bairro de Jardim Primavera, que nos possibilitou através dos seus autores dialogarmos com as fontes encontradas. Entre esses autores, citamos Souza (2014), Vianna (2006), Lustosa (1958), e outros. Ao selecionarmos a história da escola como objeto de pesquisa, é importante destacar que este estudo não se limita à análise de seus documentos, fontes e registros, mas abrange também um aporte teórico que vem ao encontro da investigação feita. Com esse intento, subsidiamo-nos em autores que tratam das temáticas das Instituições Escolares, como Gatti Júnior (2002), Nosella e Buffa (2010), Sanfelice (2016), Saviani (2005), entre outros que versam sobre a temática pesquisada. Para pensar os sujeitos e ações, buscamos como aporte os pressupostos teóricos metodológicos de historiadores como Le Goff (2003), Faria Filho (2000), Borges (2013) e

Alberti (2005), indagando a veracidade contida nos fatos históricos e nos documentos, respeitando seu tempo e versões.

# CAPÍTULO 1: ANTON DWORSAK: DE REFUGIADO A PATRONO

---

## 1.1- A TRAJETÓRIA DE UM HOMEM

Um pouco de muitos em benefício de todos.  
Anton Dworsak

Dada a centralidade da figura de Anton Dworsak, idealizador do projeto da construção da escola pesquisada, buscamos as informações sobre sua trajetória de vida e sua chegada ao Rio de Janeiro em 1953 e, em particular, a Jardim Primavera, bairro de Duque de Caxias onde se estabeleceu com sua família em 1954. São figuras centrais na organização, construção e criação do estabelecimento de ensino. Buscamos, também, entrevistar os filhos de Anton Dworsak, com o objetivo de enriquecer e complementar informações acerca do processo de vinda da família para o Brasil e da construção da escola; pois, de acordo com Alberti: A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a "histórias dentro da história" e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado. (2008, p.155). O objetivo da entrevista foi o de elucidar e registrar as memórias dos entrevistados e dialogar com o estudo realizado, pois a biografia de Anton é o ponto central deste primeiro capítulo.

De acordo com Carino (1999, p.154): Cada vida é una, indivisível, irrepetível, intransmissível. É a partir dessas características de Anton Dworsak que iniciaremos a sua biografia.

Anton Dworsak foi um homem corajoso, sua trajetória foi simples e curta. Não teve uma vida fácil, pelo contrário, desde muito cedo conheceu as dificuldades e com elas amadureceu. Aprendeu a valorizar o que realmente tinha valor: a vida, a família, o trabalho, a educação e a parceria que construiu com todos os que sonharam com ele. Anton nasceu na Eslovênia, ao norte da antiga Iugoslávia, na cidade de Maribor, no dia 29/04/1927. Filho de Anton Dvorsak<sup>1</sup> e Julijana Dvorsãk, era o caçula dos 14 filhos de sua mãe. Tinha duas irmãs e onze meio irmãos que, em sua maioria, não conheceu, pois emigraram para os Estados Unidos da América antes dele nascer.

Aos 7 anos, ficou órfão de pai. Sua mãe tirava o sustento da terra sem ajuda de ninguém. Nesta época, Anton trabalhou em uma fazenda, como pastor e, para o próprio sustento, recebia apenas a alimentação. Durante a década de 1930, após a Primeira Grande Guerra, em plena recessão, ele vivia no campo, trabalhou na lavoura e na pecuária. Não havia sistema de saúde e

---

<sup>1</sup>A escrita original do sobrenome Dworsak seria Dvorsak com um acento circunflexo virado de cabeça para baixo em cima do "s". Como não existe na língua portuguesa, foi substituído pelo til (~) em cima do "a" e com o tempo foi perdendo seu uso. Hoje em dia não é usado por todos e nem em todos os lugares. Sua pronúncia original é "Dorchak". Na Áustria, Anton precisou de novos documentos e lá, o "V" é pronunciado como "F"; então, para ficar com som de "V", teve que trocar por "W" e, com isso, modificou a escrita em função da pronúncia.

transporte. Quando estavam doentes, utilizavam-se de remédios caseiros e o deslocamento era muito precário, obrigando a família a andar a pé.

A escola local onde Anton estudou funcionava com alunos de 4 classes diferentes na mesma sala e com uma única professora. Não havia água encanada e nem luz elétrica onde morava. A água usada era de poço e a luz elétrica só passou a ser fornecida após a guerra. Quando a Segunda Guerra Mundial<sup>2</sup> teve início em 01 de setembro de 1939, ele tinha apenas 12 anos. A situação ficou muito difícil. Foram tempos em que era comum a falta de alimentos e precariedades de todos os tipos de serviços como saúde, transporte, educação, luz, água, etc.

De acordo com Aquino (1985): A Segunda Guerra Mundial envolveu 72 países e aconteceu em três fases. A 1ª fase aconteceu de setembro de 1939 a junho de 1942 e foi marcada pela expansão vitoriosa do Eixo. Os países do Eixo eram aqueles que reuniam as ideologias autoritárias na Segunda Guerra Mundial, englobando o nazismo e o fascismo. Na Europa, resultou na ocupação da Bélgica, Holanda, Noruega, Dinamarca e parte da França. Por algum tempo, a Inglaterra prosseguiu sozinha na luta contra o Eixo, vivendo sob a ameaça de invasão, sofrendo pesadas perdas devido à campanha submarina alemã e a bombardeios aéreos. Ainda para o autor: “No dia 1º de setembro de 1939, a Polônia foi invadida, sem formal declaração de guerra, pela Alemanha. Dois dias mais tarde, a Inglaterra e a França declararam guerra à Alemanha. Iniciava-se a Segunda Guerra Mundial” (p.278).

A 2ª fase, de junho de 1942 a fevereiro de 1943, foi marcada pela contenção do Eixo e início da contraofensiva dos Aliados, uma reviravolta decorrente do poderio dos Estados Unidos e da União Soviética. Em 1942, os norte-americanos paralisaram a ofensiva nipônica contra o Havaí e derrotaram os japoneses. No mesmo ano, os soviéticos cercaram o poderoso exército alemão que atacava Stalingrado. No Egito, os ingleses derrotaram o “*Afrika Korps*”<sup>3</sup>, (força expedicionária da Alemanha durante a Campanha do Norte da África, na Segunda Guerra). Ao mesmo tempo, uma expedição anglo-norte-americana desembarcou no Marrocos e na Argélia, a fim de dominar o Norte da África e criar bases para o posterior ataque ao Sul da Europa.

A 3ª fase, de março de 1943 a setembro de 1945, foi caracterizada pela derrota do Eixo. O potencial norte-americano e soviético era evidente. Após conter o avanço do Eixo, os aliados passaram à ofensiva contra a Alemanha. Nova frente contra a Alemanha foi aberta com a invasão da França. A libertação da França foi seguida pela invasão da Alemanha, com início em 1945. (AQUINO, 1985).

---

<sup>2</sup> A Segunda Guerra Mundial ocorreu de 01/09/39 a 02/09/45 e envolveu muitas nações do mundo. A guerra mobilizou mais de 100 milhões de militares, e acarretou a morte de, aproximadamente, setenta milhões de pessoas (aproximadamente 2% da população mundial da época), cuja maior parte eram civis. É considerado o maior e mais sangrento conflito de toda a história da humanidade.

<sup>3</sup> Afrika Korps: era uma força expedicionária composta, a princípio, por uma unidade militar da Alemanha.

Na Europa oriental, os soviéticos, desde 1943, lançaram ofensivas violentas, forçando a rendição da Finlândia, Bulgária e Hungria. Prosseguindo sua ofensiva, o exército Vermelho ocupou a Polônia, Romênia, Tchecoslováquia e Iugoslávia, só detendo seu avanço com a conquista de Berlim em 2 de maio de 1945. Nesse mesmo dia, os alemães renderam-se na Itália. No dia 7 de maio de 1945, a Alemanha foi invadida por todos os lados e, no dia 8 de maio, a Alemanha se rendeu totalmente. O fim da guerra foi marcado pela prevalência dos fatores políticos sobre os fatores militares, tanto no Pacífico como na Europa.

A Guerra era um risco recorrente na região onde Anton morava. Esta era muito visada pelos bombardeios devido à existência de muitas fábricas. A Iugoslávia foi invadida e dominada pela Alemanha em 6 de abril de 1941, mudando a vida de seus habitantes. Uma indústria de aviões foi montada pelos alemães, que transformaram fabriquetas locais em um esforço de guerra. A língua oficial e obrigatória passou a ser o alemão. Nessa época, Anton Dworsák tinha apenas 14 anos. A partir dos 16 anos de idade, Anton foi obrigado a servir o exército alemão e participou da Guerra até os 18 anos, quando a Guerra terminou e ele tornou-se prisioneiro do exército polonês.

(...) é que ele foi pro “front”. Ele foi para a Polônia. O exército alemão ia avançando. Ele foi para a Polônia. Chegou lá, o exército começou a regredir. A Rússia começou a vir para cima da Alemanha. E ele foi preso lá nos campos de concentração na Polônia. (PETER DVORSAK et.al., 2022, p.8).

Antes de Anton ser obrigado a servir o exército, ele estudou o curso básico e o curso técnico em ferramentaria, chegando ao posto de instrutor. Era católico, mas, ao voltar da 2ª Guerra Mundial, quando serviu o exército alemão, deixou de praticar sua religião. Foi prisioneiro de guerra na Polônia pelo Exército Russo. Quase um ano depois foi libertado do campo de concentração e voltou à sua terra, casando-se com Marija Ana Trunk. Quando se casaram, seu filho Ferdinand já havia nascido e, por engravidar antes do casamento, Marija foi posta para fora de casa pelos seus pais.

(...) Sempre que a gente não queria comer – criança quando não quer comer né! – Ele dizia assim: ‘ó, eu já disputei comida com rato’. Imagina, campo de concentração não tem o que comer! Eles iam revirando tudo que era possível. Aí você tem uma criança que não quer comer uma comida boa? Aí você fica. Né? Não dá para entender. (...). É, eu, digamos, a criança, sempre quer saber, é curiosa, é uma coisa que sei lá, a gente tem uma certa atração né, pela ação. Aí, mais de uma vez eu perguntei ao meu pai, como é que foi? Ele dizia que a guerra era muito chata: das que não acontece nada, depois tem um dia de operação, você corre, é tiro para tudo quanto é lado. Eu perguntei assim: ‘quantos você matou?’ Ele falava assim: “nunca matei ninguém, porque eu atirava para assustar as pessoas, poderia ter matado, porque eu olhava as pessoas na linha de frente, mas eu pensava assim: “aquele cara lá é meu irmão, ele pode ser pai, por que eu vou matar uma pessoa? Ele foi para a guerra obrigado. Ele não tinha opção. Ele era da Iugoslávia; não tinha nada a ver com a Alemanha, mas o exército chegou lá e... então, era uma guerra que não era dele, entende? (...). Quando ele voltou, ficou dois anos servindo ao exército da Sérvia. Eu fui ao casamento deles, no colo da tia. A mamãe foi posta para fora de casa por causa disso, por estar grávida fora do casamento. (FERDINAND DVORSAK et.al., 2022, p.8)

A experiência de Anton no campo de concentração foi a mesma que levou milhares de pessoas a serem exterminadas pela política cruel da Alemanha. Em Coggiola (2015), é possível conhecer o massacre coordenado pelos Nazistas alemães:

Uma rede de mais de 40 mil instalações na Alemanha e nos territórios ocupados pelos nazistas foi utilizada para concentrar, manter, explorar e matar judeus e outras vítimas. A luta e o genocídio foram realizados em etapas. Várias leis para excluir os judeus da sociedade civil, com destaque para as Leis de Nuremberg de 1935, foram decretadas na Alemanha antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial. Campos de concentração foram criados; os presos enviados para o trabalho escravo até morrerem de exaustão ou doenças. Quando a Alemanha ocupou os territórios da Europa Oriental, unidades paramilitares especializadas Einsatzgruppen<sup>4</sup> assassinaram mais de um milhão de judeus em fuzilamentos em massa. Judeus e ciganos foram confinados em guetos superlotados, até serem transportados, através de trens de carga, para campos de extermínio, onde, se sobrevivessem à viagem, a grande maioria era sistematicamente morta em câmaras de gás. (p.92)

Não sabemos em qual campo de concentração Anton esteve, mas ele ficou preso na Polônia, onde existiram vários.

Em setembro de 1945, quando acabou a guerra, Anton, que era prisioneiro em um dos campos de concentração em Moscou, foi liberado. O campo ficava distante cerca de 3 a 4 mil quilômetros de onde morava. Não havia transporte, não havia comida, não havia nada, mas ele precisava retornar para sua casa e sua família. Retornou à casa em março de 1946, doente, cansado, defendendo-se como pôde. Encontrou sua mulher e o filho mais velho, Ferdinand. Sua vida não foi fácil pois, a partir de então, ele ficou marcado como alemão e discriminado no local onde sempre viveu, assim como muitos outros sobreviventes dos campos de concentração, os quais enfrentaram ameaças constantes, discriminação e dificuldades em reconstruir suas vidas com seus familiares nos locais onde anteriormente viviam. Anton, antes mesmo de tentar organizar sua vida e de sua família, foi obrigado a servir o exército da Sérvia e ficou mais dois anos longe de casa.

O fato de ter servido o exército alemão e depois o da Sérvia fez com que Anton ficasse marcado como “partisan”. Os “partisans” eram formados por grupos de esquerda que promoviam guerrilhas de diferentes matizes para lutar contra o exército convencional. Segundo Norman (2006), os partisans foram adotados pelos grupos de resistência apoiados pelos soviéticos e também pelo movimento de Tito, na Iugoslávia. As operações especiais alemãs combatiam os partisans comunistas, principalmente os que mantinham ligação com Broz Tito.

(...) e isso não era verdade. Isso incomodava muito ele. Isso era uma das razões que ele dizia: “eu tenho que sair daqui; eu nunca vou ser ninguém aqui; vou ser discriminado”, e era. Na fábrica, ele nunca ia chegar a ser gerente; não ia ser nada, porque ele ia ser discriminado. Isso é uma das razões. Então, ele foi, voltou, Ferdinand nasceu e minha mãe não tinha casado com ele, porque ele teve que ir pra servir mais dois anos fora. É a diferença minha pra dele (referiu-se ao irmão Ferdinand). Naquela

---

<sup>4</sup>Einsatzgruppen: grupos operacionais, conhecidos também como “esquadrão da morte”. Forças armadas alemãs encarregadas de manter o controle do território foram responsáveis pelo assassinato em massa de milhões de judeus soviéticos, ciganos e oponentes políticos.

época, não era fácil não. Mas, essa é basicamente a história de um imigrante que no final semeou essa semente aqui; é etérea. Saber que o estudo é importante. Ele ficava inconformado de ver criança sem estudo, por tudo que ele passou na vida dele, apesar de jovem. (PETER DVORSAK et.al., 2022, p.9).

Em Magnoli (2006, p.215), a Segunda Guerra foi uma guerra total no sentido literal: “Uma política nazista de destruição dos judeus, contava com sofisticada organização nos assassinatos nos campos de extermínio, para onde eram enviados também os ciganos, opositores políticos e partidários e prisioneiros de guerra”. Nos campos de refugiados, a vida era precária e as mortes, frequentes. O último deles subsistiu na Alemanha até 1957.

Muitos já tinham conhecimento dos atos cometidos nos campos de concentração, no período da Segunda Guerra Mundial. Mas após o conflito é que o mundo conheceu os horrores do holocausto. Por viver essa experiência tão cruel e marcante em sua vida, Anton procurou dar outro destino à sua vida e de sua família.

Em 1948, Marija e Anton tiveram o primeiro filho, Ferdinand, e dois anos depois nasceu o segundo filho, Peter. Apesar de pouca idade e o pouco tempo que viveram em Maribor, Ferdinand ainda se lembra da paisagem da floresta que havia onde moravam.

Eu nasci em 5 de maio de 1948, no pós-guerra, numa situação muito difícil. A Europa se recuperando da guerra. Minha mãe sempre contava que nos fins de semana eles tinham que trabalhar para o estado. Era Esforço de Recuperação de Guerra. Imagina ela, com criança pequena em casa, tendo que ir trabalhar para o Estado, no domingo. Ela trabalhava a semana toda no comércio e eu acabei sendo um filho que foi criado mais com os avós, porque a mãe não (...). Ela contou que eu tive 14 dias de amamentação, só (...). Depois eu fiquei entregue aos avós né, que também trabalhavam, na terra. Eles tinham uma horta, criavam porcos, tinham um vinhedo. Minha tia tinha uma horta de pepinos. Esse tempo inicial, onde também nasceu o Peter, foi muito sofrido. Eles estavam construindo a casa. Os dois trabalhavam fora, o tempo todo. Então, os filhos tinham que ficar com os avós. Eu me lembro de criança, de brincar com outras crianças, brincar no milharal, andar pela floresta, porque nós morávamos na última rua que fazia divisa do bairro com as montanhas lá de Bühren. A gente adentrava um pouquinho na floresta. A floresta, lá na Europa, é mais aberta; você pode entrar porque são poucas árvores. (FERDINAND DVORSAK et.al., 2022, p.2).

As lembranças da bela paisagem de onde moravam e das brincadeiras de criança ficaram para trás. Todo sofrimento para cuidar da família e até mesmo o ato de amamentar o próprio filho foi impedido pelo esforço de reconstruir uma região devastada.

A situação, mesmo após a Guerra, continuava muito difícil, em função da ditadura comunista instalada pelo ditador Marechal Josip Broz Tito<sup>5</sup>. Os cidadãos passaram a ter direitos limitados e eram severamente vigiados. Anton Dworsak, não se conformava com essa situação, pois tinha um espírito liberal e empreendedor, motivo pelo qual arquitetou um plano de fuga para a América, vista como um paraíso de liberdade e oportunidade. Sem perspectiva de

---

<sup>5</sup> Josip Broz Tito: Nasceu na Croácia em 7 de maio de 1892. Foi Ex-Presidente da República Socialista Federativa da Iugoslávia, do ano de 1953 até 1980, quando faleceu. Foi um líder comunista e ditador.

mudança de vida para criar seus filhos, Anton arriscou-se com eles em uma travessia fria e perigosa:

(...). Esse foi o processo de fuga. Essa era a parte da antiga Iugoslávia. Ela passou a fazer parte da antiga União Soviética. Aquela cortina de ferro, você não podia sair. As fronteiras estavam fechadas. Meu pai estava um pouco infeliz com a situação. Resolveu fugir com a família. Parar fugir tinha que fugir pela fronteira, vigiada e armada. (...) Então, em dezembro de 1953, eu tinha três anos e meio e eu me lembro de que ele andava a pé e meu pai me levava nos ombros. (PETER DVORSAK et.al., 2022, p.2)

Em agosto de 1953, Anton fugiu sozinho para a Áustria, com o intuito de explorar as condições de vigilância na fronteira e observar se haveria facilidade para emigrar para a América, com auxílio da Cruz Vermelha. Após essa pesquisa, chegou à conclusão de que seria muito arriscado - porém possível - fugir com a família pela fronteira, fortemente vigiada pelo exército, o qual possuía autorização para atirar em qualquer pessoa que ali se encontrasse. Voltou, então, por esse caminho, na noite de Natal e ficou escondido no sótão de sua casa por uma semana para não ser visto por soldados. Foi combinado que o momento mais propício para a fuga seria na noite de ano novo, quando a vigilância se tornava mais fraca. A travessia da fronteira era feita pelas montanhas, um percurso difícil devido à neve e ao frio. Anton, seus dois filhos e sua esposa, grávida do terceiro filho, chegaram à Áustria e foram acolhidos pelo abrigo da Cruz Vermelha<sup>6</sup>, diferentemente de seus amigos que, por serem solteiros, conseguiram com mais facilidade chegar ao Canadá e aos Estados Unidos. Anton pretendia chegar ao Canadá com sua família, mas, por questões burocráticas, não pôde seguir com seus planos, e o Brasil foi a oportunidade de que ele precisava naquele momento:

Ele falou assim: “eu vou fugir também”. Só que ele tinha dois filhos e a esposa grávida. Agora, como ele fugiu? (...) E, realmente, fomos até uma estação e dali começamos a subir um morro a pé, para atravessar a fronteira do outro lado, para chegar na Áustria, a noite inteira. O Ferdinand, com 5 para 6 anos lembra mais. Eu lembro alguns flashes. Meu pai me carregava nos ombros. Chegou em uma determinada região, ele se jogou na moita, porque estava passando uma patrulha, cães latindo. Eu me lembro de que ele tampou minha boca, porque eu era pequeno, podia gritar de medo. Os cães começaram a latir porque perceberam que tinha alguém naquela moita. Isso era de noite; os guardas falaram: “coitados, se tiver alguém pode viver mais um pouquinho”. Eles ignoraram os cachorros; então continuamos a caminhar até clarear. Chegando na Áustria, fomos recebidos numa fazenda. Nessa fazenda, fomos recebidos, abrigados. Eles nos deram café da manhã; depois eles nos levaram até o abrigo militar dos refugiados na Áustria, da Cruz Vermelha. (PETER DVORSAK et.al., 2022, p. 2-3)

Quando a família deixou Maribor, as crianças, principalmente, não faziam ideia do que estava acontecendo. Era dezembro de 1953, fazia muito frio, havia neve alta e uma amiga da família, chamada Zofka, estagiária de dona Marija no comércio onde trabalhavam, estava lá com um trenó para ajudar a família durante a fuga. O trenó seria utilizado como transporte na neve nos períodos de inverno intenso. As crianças iam enroladas em mantas, com sobretudos e

---

<sup>6</sup> Cruz Vermelha – principal instituição humanitária do mundo. Atua na defesa de pessoas vulneráveis a conflitos armados.

luvas, enquanto seus pais eram conduzidos até a estação ferroviária. Peter ia dormindo enquanto Ferdinand, acordado, e acompanhava o trajeto.

Anton chegou à Áustria em dezembro de 1953 e permaneceu lá com seus familiares, assistidos pela Cruz Vermelha, que mais tarde patrocinou a vinda da família para o Brasil como refugiados da antiga Iugoslávia - hoje, Eslovênia. Anton permaneceu ali por oito meses e sua esposa e filhos, por um ano e meio. Em agosto de 1954, decidiu vir sozinho para o Brasil.

**Figura 1**

Anton Dworsak e esposa nas montanhas da Áustria em 1954



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Anton Dworsak

Araújo, sobre a História Oral e os depoimentos, afirma:

Além do que foi posto sobre a interação, a subjetividade também se faz presente nos depoimentos, pois todos eles são versões, interpretações de algo ou de alguma coisa, o que toma o material coletado (as informações) um produto composto de marcas sociais do contexto e da época sobre a qual foi produzido (ARAÚJO, 1999, p.50).

Anton saiu do país porque achava que seria discriminado e, assim, não conseguiria levar uma vida normal com sua família. É a subjetividade que permeava o contexto por ele vivido. O Brasil, após a Segunda Guerra, tornou-se um refúgio de imigrantes, principalmente europeus, na tentativa de refazerem suas vidas. Contudo, tornou-se também um país de livre circulação para pessoas com ideologias nazistas. A desconfiança sobre Anton pode ter cruzado fronteiras e, mesmo aqui no Brasil, pode ter sido discriminado ou considerado suspeito de pertencer a determinados grupos condenados e temidos pela sociedade.

Quando nós fomos carregados de lá, eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Era dezembro de 53. Eles falaram: “se veste (...)”. Fazia muito frio, neve alta, eu me lembro. A Zofka, que era estagiária da mamãe lá no comércio, ela estava lá de trenó.

Eles tinham um trenó para andar na Neve. Simplesmente ela: “vamos embora”! A gente estava com aquelas mantas, sobretudo, sobretudo de criança, né, luva: “vamos embora”. Já estava escuro. Eu não sabia o que estava acontecendo. Eles levaram a gente até a estação de trem. Peter deve ter ido dormindo, no colo. Eu me lembro de que estava andando. Aí, a gente pegou o trem. (FERDINAND DVORSAK et.al., 2022, p.2).

A família seguiu os planos de Anton, fugindo em direção à fronteira do país vizinho sem saber como seria a travessia nas montanhas naquela noite fria de 30 de dezembro. Seus dois filhos mais velhos, ainda muito novos, não entenderam o real objetivo da fuga, mas a lembrança daquele dia está guardada na memória.

## ***1.2. IUGOSLÁVIA: UM PAÍS QUE DEIXOU DE EXISTIR!***

O país que deixou de existir foi também o lugar onde começou a história de Anton Dworsak. A partir de sua história, contada através do Projeto Político Pedagógico da instituição escolar que recebe o seu nome, surgiu a motivação dessa pesquisa, de natureza bibliográfica, descritiva e documental, a qual tem suas bases na História da Educação e nos arquivos escolares onde se registra a história da instituição. Para Goldenberg (2004, p.43): “A utilização do método biográfico em ciências sociais é uma maneira de revelar como as pessoas universalizam, através de suas vidas e suas ações, a época histórica em que vivem”. É nesse contexto de pesquisa sobre a vida do Anton Dworsak e da instituição escolar em pauta que pretendemos desvelar sua história, sua função e o seu papel no período estudado.

O método de abordagem utilizado é o Hermenêutico, o qual lida com vários sentidos possíveis de um determinado texto. Segundo Hermann (2002, p.55), na Hermenêutica não há uma verdade objetiva, mas o fenômeno da compreensão, das intenções do autor e sua interpretação dos fatos.

O Método de Procedimento será o da História de Vida, a fim de obter dados relativos acerca de alguém que tenha um significado importante para o conhecimento do objeto em estudo. A abordagem de História de vida ‘cria um tipo especial de documento no qual a experiência pessoal entrelaça-se à ação histórica, diluindo os antagonismos entre subjetividade e objetividade’. O objetivo é estabelecer uma clara articulação entre biografia individual e seu contexto histórico e social. (GOLDENBERG, 2004, p.38).

Com base na pesquisa sobre a biografia de Anton Dworsak, entendemos que o principal motivo que o levou a migrar para o Brasil foi sua vivência num país em guerra, onde as disputas e o interesse pela hegemonia destruíam famílias e ceifavam vidas.

Sua história de vida, embora tenha sido curta, ficou registrada na existência de muitas pessoas, as que foram beneficiadas com a educação recebida através da escola que ele ajudou a

construir. Anton desempenhou um papel social importante, sem ocupar cadeiras ou funções, porém preservando uma memória que será guardada por muitos sobre o seu grande feito.

O país de origem de Anton Dworsak surgiu após a Primeira Guerra Mundial<sup>7</sup> (1914-1918), passando a se chamar Reino da Iugoslávia. Isso ocorreu a partir da derrota da atual Turquia, da Áustria e da Hungria, governadas por um único monarca que dominava grande parte da região dos Balcãs<sup>8</sup>.

Anton nasceu em 29/04/1927, na região norte da Iugoslávia, nove anos após o desfecho do período marcado pela Primeira Guerra Mundial, conhecida também como Grande Guerra ou Guerra das Guerras, uma guerra global centrada na Europa que durou de 28 de julho de 1914 até 11 de novembro de 1918. No entanto, muitas dificuldades vividas por ele e pela população da Iugoslávia não tiveram prazo para acabar. Pelo contrário, a guerra deixou famílias inteiras marcadas pelo fracasso, pela fome e humilhação. Nem as crianças eram poupadas do trabalho duro, muitas vezes sem remuneração. O medo e a insegurança eram constantes e a infância não era levada em consideração.

Após o conflito, vários territórios balcânicos formaram um novo país, que recebeu o nome de Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, surgindo então a Iugoslávia em 1929. Localizada no sudeste europeu, na península dos Balcãs, ao longo da margem oriental do Mar Adriático, sua capital era Belgrado e o território fazia fronteira com Itália, Áustria, Hungria, Romênia, Bulgária, Grécia e Albânia, conforme pode ser observado no mapa abaixo:

---

<sup>7</sup> A Primeira Guerra Mundial começou em 28 de julho de 1914 e terminou em 11 de novembro de 1918. Foi o resultado dos atritos permanentes provocados pelo imperialismo entre as grandes potências europeias. O conflito terminou com a vitória da Tríplice Entente formada por França, Inglaterra e Estados Unidos. A Grande Guerra foi um conflito em escala global. Começou na Europa, envolveu os territórios coloniais da África e da Ásia e países da América.

<sup>8</sup> Balcãs ou Península Balcânica é uma porção do território europeu, circundado pelos mares Adriático, Jônico, Egeu, Mármara e Negro. Além das fronteiras com os mares, a Península Balcânica também faz fronteira com o Oriente Médio. A região tem um cenário com muitas cordilheiras altas, bem como florestas profundas, planícies e rios.

**Figura 2**

Mapa da Antiga Iugoslávia



Fonte: <https://escola.britannica.com.br>

A população da Iugoslávia era formada por diversos grupos étnicos. A maioria era os eslavos, que se subdividiam em vários grupos: sérvios, montenegrinos, croatas, eslovenos, macedônios e bósnios. Tais grupos possuíam ligações entre si, embora cada um preservasse seus costumes e diferentes histórias. Além de apresentar grande diversidade religiosa - católicos, cristãos ortodoxos e islâmicos, a população iugoslava falava línguas distintas. Muitos povos que não eram eslavos, como albaneses, ciganos, húngaros e turcos, também viviam na Iugoslávia.

Toda essa diversidade gerava grandes divergências entre a população. Até a Segunda Guerra, a Iugoslávia permaneceu como monarquia, a qual foi abolida em novembro de 1945. Em janeiro de 1946, foi proclamada a República Popular Federal da Iugoslávia. A partir de então, a Iugoslávia foi reorganizada por meio de uma Assembleia Constituinte, dando lugar a seis repúblicas: Sérvia, Croácia, Eslovênia, Bósnia-Herzegovina, Macedônia e Montenegro. A Sérvia possuía duas províncias autônomas, sem suas fronteiras, sendo uma delas Kosovo, onde a maioria da população era de origem albanesa. Em 1963, a Iugoslávia tornou-se a República Socialista Federativa da Iugoslávia. Apesar dos sangrentos conflitos entre os diversos grupos durante a guerra, a Iugoslávia não perdeu a sua diversidade étnica.

A infância de Anton foi marcada pelas mazelas da Primeira Guerra Mundial e, com apenas doze anos de idade, vivenciou o terror da Segunda Guerra Mundial, ocorrida no período de 1939 a 1945. Em meio à Guerra, em 1941, a Alemanha, a Itália e seus aliados invadiram a

Iugoslávia. Alguns anos depois, Josip Broz Tito liderou os soldados que libertaram a Iugoslávia dos invasores e se tornou o governante do país, instalando um governo comunista:

Para a maioria dos europeus, a Segunda Guerra Mundial não foi uma rotina de manobras e batalhas, mas de degradação diária, um processo em que homens e mulheres eram traídos e humilhados, forçados a cometer delitos mesquinhos e degradantes, nos quais todos perderam um pouco e muitos perderam tudo. Na Iugoslávia, durante o pós-guerra, alguns grupos de resistência tinham mais valor do que outros, ao menos aos olhos do marechal Tito e de seus vitoriosos combatentes ‘comunistas’. (JUDT, 2008, p.29).

Anton Dworsak era apenas um adolescente que já havia experimentado, durante sua infância, a herança de uma vida dura, numa terra devastada pela Primeira Guerra. Passou a viver a humilhação da Segunda Guerra e a degradação que impediu aquela população de ter seus direitos garantidos. Aliás, não tinham direito a quase nada.

A trajetória tão precoce, diversa e dura de Anton o levou a buscar refúgio onde pudesse viver uma vida mais tranquila e criar seus filhos, longe da realidade sangrenta a que foi exposto em seu país de origem. A realidade vivida não era a que ele desejava para seus filhos e sua família. Ter sobrevivido à guerra e ao massacre o qual presenciou já seria para ele um motivo para buscar uma vida melhor e digna. Não foi fácil viver no período da guerra, mesmo depois que havia “terminado”.

A falta de condições para manter sua família e a busca por segurança foi a grande causa de sua vinda para o Brasil. Viver naquela terra era, sem dúvida, expor-se ao perigo constante de perder não só a vida, como tudo que possuíam. “A Iugoslávia perdeu 25% dos seus vinhedos, 50% do gado, 60% das estradas, 75% das terras cultivadas e das pontes em vias férreas. Uma em cada cinco residências, bem como a terça parte do limitado potencial da indústria do país, além de 10% da população que existia antes da guerra”, (JUDT, 2008, p.14).

Para Anton, não foi possível viver com sua família em meio a tantos conflitos e guerras. Não havia paz, e criar seus filhos em um cenário de tanta destruição não estava em seus planos. Já bastava ele ter experimentado uma vida tão dura e cruel, sem direito a aproveitar os prazeres da infância e os encantos da adolescência.

Após o fim da Segunda guerra Mundial, em 1945, sete países do Leste europeu encontravam-se sob a de influência da URSS: Bulgária, Romênia, Polônia, Iugoslávia, Tchecoslováquia, Hungria e Albânia, bem como a parte oriental da Alemanha. Toda essa região havia sofrido duramente com a ocupação nazista e, por isso, carecia de recobrar suas forças. Vários países, inclusive a Iugoslávia, foram se reorganizando e se reconstruindo. No Leste Europeu e nos Bálcãs, a guerra civil permaneceu até muito tempo após a Alemanha ser desmembrada. Somando-se todas as mortes, a Iugoslávia foi um dos quatro países mais afetados - um em cada sete cidadãos perdeu a vida durante o conflito. Em muitos lugarejos da Iugoslávia, não havia sequer um homem com mais de 15 anos, todos haviam sido executados pelos alemães.

Muitas crianças cresceram sem referência paterna. Muitas mulheres foram estupradas pelo exército vermelho e perderam suas vidas com abortos e fetos indesejados.

Segundo Judt, na Iugoslávia, ao final de 1945, quase 300 mil crianças estavam perdidas, desnutridas, mutiladas, desfiguradas e sem destino, sendo suas vidas transformadas pela guerra. “Pensando na repatriação e no bem social do pós-guerra foi criada a Administração das Nações Unidas para Auxílio e Restabelecimento (ANUAR), foi fundada em 9 de novembro de 1943, numa reunião realizada em Washington com a presença de representantes de 44 futuros membros da ONU”, (JUDT, 2008, p.46). Uma das responsabilidades da ANUAR era restabelecer o bem-estar e a repatriação ou reassentamento de milhões de deslocados pela guerra. Coggiola (2025, p.108), demonstra uma visão diferente da apresentada por Judt, considerada retrospectiva e positiva. Para aquele, as medidas “humanitárias” adotadas pelos aliados - incluindo a União Soviética - diante do drama humano em curso foram tardias e ineficazes.

O jovem rapaz já carregava em si uma vivência sangrenta de luta armada, com seus direitos de cidadão cerceados pelo poder da força política e pelo autoritarismo. Não lhe davam opção. O que era preciso fazer para oferecer à sua família uma vida mais tranquila, mais segura e digna? Afinal, a Segunda Guerra mal havia terminado e, dois anos depois, já se iniciava a chamada Guerra Fria. A Guerra Fria foi um conflito político-ideológico travado entre dois países, Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS), entre 1947 e 1991, pela conquista de zonas de influência, em que os dois países foram responsáveis por centralizar o mundo em dois grandes blocos – um alinhado ao capitalismo dos Estados Unidos e o outro, ao socialismo da União Soviética. Judt (2008, p.22) afirma que: “A Guerra Fria era vista na Europa Ocidental de modo bastante diverso da reação alarmista que o fenômeno provocou nos EUA, e a subsequente e suposta “americanização” da Europa nos anos 50 e 60 foi um tanto exagerada”. A guerra não só devastou, mas também dividiu a Europa.

No caso da Iugoslávia, o Marechal Tito procurou seguir uma orientação independente de Moscou, apoiando-se em sua enorme popularidade. Ao contrário dos soviéticos, os iugoslavos articularam a dissociação política e administrativa, optando pela gestão local e reduzindo a intervenção do governo central. Segundo Hobsbawm (2001, p.231): “Stalin tentou, sem êxito, impor o controle soviético à Iugoslávia de Tito que, em resposta, rompeu com Moscou em 1948, sem se juntar ao outro lado”. Tito, com isso, atraiu o ódio de Stalin<sup>9</sup>, que não

---

<sup>9</sup>Iosif Vissarionovich Dzhugashvili: adotou o famoso pseudônimo Josef Stalin em 1913. Conhecido ditador soviético, era o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética e, a partir de 1928, exerceu o poder totalmente. Adepto ao socialismo e ao regime político totalitário e comunista, Stalin foi nomeado secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), governou a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e definiu os rumos do país de 1922 até a sua morte, em 5 de março de 1953.

admitia dissidências nem manifestações de autonomia, rompendo relações diplomáticas da Iugoslávia com a União Soviética. Sob a ótica de Stalin e das autoridades soviéticas de ocupação, o Exército vermelho controlava todos os territórios e atuava com duras penalidades. A guerra não poupou Anton Dworsak, que pagou com sua liberdade em um campo de concentração e no “front” do exército alemão. Não era essa vida e esse futuro que ele queria oferecer à sua família.

Assim como Anton, outros imigrantes foram em busca de um lugar onde os filhos teriam a liberdade que não lhes foi permitida a ele e a tantos outros homens e mulheres que morreram na guerra, sendo mutilados ou, no mínimo, humilhados, muitos presos em trabalhos forçados e campos de concentração. A busca pela vida e pela liberdade impulsionou sua fuga para um país desconhecido, chegando ao Brasil. O Brasil foi, e ainda é, um país que recebe grande número de imigrantes de todas as nacionalidades. Isso é demonstrado por Salles e Bastos:

O Brasil passou por quatro períodos imigratórios; são eles: o primeiro até 1906 (considerado a substituição da mão de obra escrava pela imigrante); o segundo de 1906 até a Primeira Guerra Mundial (1914-1918); o terceiro até o Fim do Estado Novo (1945); e o quarto do pós-Segunda Guerra Mundial (1946) até os dias atuais. (SALLES e BASTOS, 2012, p.122 e 123).

Após tantos conflitos vividos na região, na década de 1990, o aumento da crise na economia da Iugoslávia fortaleceu as rivalidades que já existiam entre os grupos étnicos, levando-os a aflorar militâncias nacionalistas e separatistas. A partir de então, iniciou-se a fragmentação política e territorial iugoslava e o seu desmembramento. Tornaram-se independentes a Croácia, a Eslovênia, a Macedônia e a Bósnia-Herzegovina; porém, as repúblicas da Sérvia e Montenegro continuaram sob o controle da federação e permaneceram constituídas com o nome de Iugoslávia. Em 2003, a República Federativa da Iugoslávia passou a se chamar Sérvia e Montenegro. Em 2006, decidiram pela emancipação e deram origem a dois países: um chamado Sérvia e o outro, Montenegro. Dois anos mais tarde, a Sérvia perdeu parte de seu território, quando a província de Kosovo também atestou sua independência, conforme pode ser observado no mapa a seguir:

**Figura 3**

Mapa atual da antiga Iugoslávia



Fonte: <https://www.infoescola.com/tbm>

O mapa acima retrata a nova constituição da região, com os novos países surgidos após sua dissolução.

### ***1.3 - A FAMÍLIA DWORSAK: DA IUGOSLÁVIA PARA O RIO DE JANEIRO***

Antes da família de Anton Dworsak chegar a Jardim Primavera, outros imigrantes já haviam descoberto o bairro.

Os arquivos do Museu de São Bento, em Duque de Caxias, guardam a reportagem realizada por Paulo Mussoi, do Jornal do Brasil, no encarte “Cidade”, datada de 21 de julho de 1995. Nela, vários moradores do bairro e em uma determinada rua, relatam suas trajetórias depois da Segunda Guerra e da chegada ao bairro. São histórias tristes de pessoas que apesar de tudo que vivenciaram de horrível durante ou após a guerra, conseguiram refazer suas vidas e contribuíram muito com a história e o crescimento do bairro. Alguns desses depoimentos foram transcritos a seguir.

A história do bairro Jardim Primavera pode revelar a história de muitas famílias de imigrantes que, devido à guerra, às perseguições políticas e por outros diferentes motivos, buscaram o Brasil. A América era o objetivo principal da maioria, mas o Brasil apresentava maiores possibilidades e menos restrições para a entrada dos imigrantes.

Muitos personagens que contribuíram com o crescimento do bairro chegaram na mesma época em que Anton Dworsak, alguns antes, outros após sua chegada. A maioria deles morava

na mesma via - Rua do Comércio<sup>10</sup>, conhecida por residir grande parte de estrangeiros imigrantes. Alguns desses deixaram familiares, comércios com seus nomes e histórias de vida que, até hoje, servem como exemplo de superação e trabalho. Chegaram aqui e logo refizeram suas vidas - alguns deixaram suas marcas em restaurantes, cantinas, consultórios, escola e outros empreendimentos, que funcionam até hoje.

Não temos informações se ainda há algum imigrante ou familiar morando no local mas, segundo informou Danilo Dworsak, a rua continua com o mesmo nome:

É ainda, é rua do comércio, ali do lado do Primavera. Ali naquela rua, tinha cinema, boliche. Na principal, tinha o boliche, primavera boliche. O pessoal competia, inclusive era um boliche que fazia parte do circuito sul-americano de boliche. Porque aqui era um lugar assim, que tinha gente com recurso. Primavera era um lugar assim: bem-conceituado, com os estrangeiros daqui. Essa escola de primavera, o pessoal vinha da cidade para estudar aqui porque tinha condições. O pessoal aqui botava recursos. (DANILO DVORSAK et.al., 2022, p.10)

O primeiro imigrante a chegar e morar na rua foi Otto Hopfinger. Chegou a Duque de Caxias em 1945, após abandonar a Europa arrasada pela Primeira Guerra Mundial, em 1925. Nessa rua, moraram outros imigrantes, cada um com sua história marcada pelas guerras e pelos conflitos que forçaram suas vindas para o Brasil e, em especial para a rua que concentrou o maior número de imigrantes no bairro de Jardim Primavera. Algumas histórias são conhecidas e contadas até hoje porque ainda residem familiares na localidade, ou ficaram marcadas pelos nomes dos comércios e na formação do bairro. A seguir, citaremos algumas delas.

Em 1956, numa madrugada de outubro, a secretária Ljudmila, na época com 18 anos, deixou sua cidade natal - a mesma de Anton Dworsak - Maribor. Ela, junto com seu namorado, precisou subornar um soldado para que sua fuga fosse possível. Cruzaram a fronteira da Áustria por uma trilha em meio à floresta e chegaram à Viena, onde se casaram dois anos depois. Já com uma filha nos braços, chegaram ao Brasil. O casal formou aqui sua família e deu continuidade às suas vidas, sem saber se fizeram ou não a melhor escolha.

Vizinho de Ljudmila, o ex-soldado ucraniano Paulo Hladky Martlhouk se mudou para a rua desde 1948, depois de ter sido prisioneiro dos alemães em dois campos de concentração e libertado pelas tropas aliadas ao fim da guerra. Essas e outras histórias foram contadas por imigrantes que chegaram a Jardim Primavera nas décadas de 40 e 50. O bairro ainda possuía poucas ruas abertas. O loteamento era ainda um projeto e o verde imperava na região. O que havia por aqui era uma grande floresta, uma área verde que levavam os imigrantes a compará-la com uma “pequena Suíça”.

---

<sup>10</sup>A Rua do Comércio, uma rua com apenas 50 metros, concentrou um grande número de imigrantes que chegou a Jardim Primavera.

De acordo com as histórias narradas na reportagem, Anton Dworsak não foi o único a deixar Maribor, na Eslovênia, antiga Iugoslávia, e vir para o Brasil. Logo após sua chegada e de sua família, Jardim Primavera registrou também a presença de uma conterrânea de Anton, que saiu da mesma cidade em 1956, aos 18 anos, pela fronteira da Áustria como o caminho mais curto, já que contava com apenas 10 quilômetros de extensão. Foi necessário subornar soldados para conseguir realizar a fuga, mas foi possível, e Lujdimila, que teria deixado sua cidade aos 18 anos, concedeu a entrevista aos 57. Esses foram os depoimentos dados à reportagem escrita em 1995, há 26 anos.

A Eslovênia de Anton, de Lujdimila e de tantos outros cidadãos marcados pela guerra, de acordo com Moura (2012), é um país da região leste da Europa e sua capital é Liubliana. Nela está concentrada cerca de 10% da população do país. Possui pouco mais de 2.000.000 de habitantes e mais da metade vive nas cidades. Maribor é a segunda cidade eslovena mais populosa e está situada a 130 km da capital. A Eslovênia era um dos territórios que formavam a Iugoslávia, tornou-se uma nação independente em 25 de junho de 1991 e, dez anos após, tornou-se uma das nações mais desenvolvidas do leste europeu. A taxa de crescimento populacional tem sido baixa, já que a taxa de mortalidade tem sido maior que a de natalidade. Isso acontece devido à Eslovênia possuir a 11ª população mais idosa do mundo, fenômeno que ocorre em muitos países desenvolvidos. Sua área territorial possui 20.273 km<sup>2</sup> e parte dela se localiza na península dos Balcãs. É banhada pelo Mar Adriático e faz fronteira com Croácia, Hungria, Áustria e Itália. (MOURA, 2012).

A economia da Eslovênia se destaca entre as mais desenvolvidas das regiões central e do leste da Europa. O setor terciário concentra parte da força de trabalho, mas é o secundário que responde pelo segmento econômico de produção e consumo. Entre as metalúrgicas e indústrias de transformação, há também as de produção de equipamentos eletrônicos, automóveis, tratores, materiais químicos e equipamentos destinados à geração de energia. Na pecuária, o país também se destaca na produção de carnes, leites e derivados. Na agricultura, as modernas técnicas de cultivo destacam a produção do trigo, batata, milho, cevada, uva e maçãs. O plantio e cultivo são praticados em uma área equivalente a um quarto do território esloveno. A Eslovênia possui um padrão de vida acima da média, destacando-se pela segurança pública e educação, além da ampla infraestrutura que possui<sup>11</sup>.

Não era essa a Eslovênia de onde a família Dworsak precisou realizar seu plano de fuga, chegando à Áustria. Embora o principal objetivo fosse chegar ao Canadá, a ida para lá não foi viável, devido às restrições impostas, especialmente em relação às idades e documentação das crianças. Visto que o Brasil não impunha tais restrições, optaram pelo programa brasileiro.

---

<sup>11</sup> Para mais informações, ver: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/eslovenia.ht>.

Anton, inicialmente, partiu sozinho para o Brasil. Desembarcou no porto, na Praça Mauá, em 12 de agosto de 1954, aos 27 anos, sem conhecer ninguém nem falar uma palavra em português. Havia deixado na Áustria sua esposa e os três filhos - o mais novo, também chamado Anton Dworsak, nascido no dia 04 do mês de abril, tinha apenas quatro meses de idade.

Porém, apesar das dificuldades iniciais, conseguiu um emprego como ferramenteiro<sup>12</sup> numa fábrica de plástico e, após quase um ano, já tinha conseguido reunir condições para receber sua família. Alugou uma casa no Bairro de Anchieta, no Rio de Janeiro e, no ano seguinte (1955), após muitas economias, comprou a prazo um terreno no Bairro de Jardim Primavera, no município de Duque de Caxias, iniciando a construção. Ainda que casa não estivesse pronta, já era possível receber a família. Ele foi buscá-los no Porto da Praça Mauá e levá-los direto para casa; finalmente, a família pôde se reunir novamente.

O Brasil, naquela época, precisava do imigrante; precisava de mão de obra especializada, recebia muito imigrante. Meu pai veio para o Brasil como ele tinha feito na Eslovênia. Ele veio seis meses antes. Para ele chegar em um país que ele não conhecia, para não chegar no país com família, vai morar onde? O que vai fazer? (PETER DVORSAK et.al., 2022, p.3)

O fato de Anton ser estrangeiro e não falar o português não o impediu de trabalhar exercendo a sua profissão. Seu trabalho e o salário recebido por ele foi o que precisava para adquirir sua casa própria e manter o sustento de sua família.

#### **Figura 4**

Anton exercendo sua função de ferramenteiro em Petrópolis, RJ, em 1958



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Anton Dworsak

De acordo com as fontes analisadas, as Grandes Guerras Mundiais (I e II), a ditadura política, as perseguições e as dificuldades econômica, social, entre outras, foram os maiores

---

<sup>12</sup> Ferramentaria: profissão que realiza confecção e reparos em ferramentas de corte e outras estruturas como aço, metal e alumínio.

motivos para a emigração de Anton para o Brasil. Braz e Almeida relatam que a cidade de Duque de Caxias crescia e os migrantes que chegavam construía, juntos, suas vidas:

Era essa cidade, nos anos 1940 e 1950, que a romaria migrante de milhares de homens, mulheres e crianças buscava seu ponto final e que suas esperanças de construir vida nova assentavam-se. Era nessas condições que as primeiras gerações de caxienses emancipados encontraram seus desafios, desfiaram suas experiências e construíram suas histórias, construindo a história da cidade. (BRAZ e ALMEIDA, 2019, p.78).

No ano de 1955, e já unido à sua esposa e filhos aqui, no Brasil - o filho mais velho, Peter, tinha 7 anos, Ferdinand tinha 5 e Anton filho possuía pouco mais de um ano, Anton prosseguiu com a construção da sua residência e, como muitos outros imigrantes que já habitavam o bairro nessa época, buscou familiarizar-se e levantar os dados de que precisava para que pudesse matricular seus filhos em uma instituição escolar. Jardim Primavera estava em pleno crescimento, muitos imigrantes residiam no bairro nessa época, porém escola pública ainda não havia.

Primavera era o centro de imigrantes. Tinha muito imigrante, muito alemão, russo, tcheco, muitos italianos, naquela época. Quando botaram a laje, a gente foi morar lá. Uma casa sem janela. Até a casa ficar pronta, a gente morou em outros lugares, Anchieta, mas depois, em 55, a gente veio para cá. (...). Com o passar dos anos, a gente começou a estudar no colégio Jardim Primavera. Era excelente! Nessa época, meu pai era técnico ferramenteiro, podia pagar uma escolar particular e aqui nessa região não tinha nenhuma escola. As crianças daqui não estudavam. Eram analfabetas. Tinham dúzias de colegas nossos, de jogar bolinha de gude, que não iam à escola. Isso incomodou muito meu pai: “como é que pode, o país que a gente mora não tem escola para esse pessoal!” (PETER DWORSAK et.al., 2022, p.3)

Durante os anos que se passavam, muitas crianças em idade escolar que viviam nas proximidades da residência da família Dworsak permaneciam fora da escola. Eram crianças como os filhos de Anton, com idades equivalentes às deles, que brincavam e conviviam com eles, mas não estudavam. Ele sabia a importância da educação para as crianças e para a formação dessas como cidadãos. Era uma situação que começou a incomodar aquele homem, o qual acreditava que, assim como seus filhos, as outras crianças precisavam exercer o direito à educação e algo precisaria ser feito. Os dois filhos mais velhos foram matriculados na única escola particular que havia na região de Jardim Primavera - o Ginásio Primavera, que não era próximo à residência da família Dworsak, entretanto era a mais acessível, uma vez não havia escola pública no bairro Jardim Primavera, um bairro que crescia assim como o município onde se localizava. Esse fato o incomodou de tal maneira que Anton se aliou a outros moradores e foram buscar ajuda.

Meu pai disse que tinha que fazer alguma coisa: ‘não é possível que esse pessoal vai crescer analfabeto!’ Nessa época, de 50 a 60, 40% da população brasileira era analfabeta. Muita gente analfabeta. Então, ele começou a reunir os vizinhos: ‘vamos ver se a gente faz alguma coisa; se a prefeitura tem algum lugar; fazer um mutirão e fazer a escola!’.(PETER DWORSAK et.al., 2022, p.3)

Não era aceitável conviver com a ausência de escolas na região, enquanto a comunidade ansiava por educação. O poder público não havia chegado ali. Segundo Braz e Almeida, na década de 1950 o quadro apresentado no município em relação à educação era estarrecedor:

(...) quase 70% das vagas oferecidas, que por serem pagas impediam necessariamente que a população despossuída, maioria esmagadora, tivesse acesso à educação. Os números do recenseamento de 1950 revelavam que de 20.152 crianças com idade entre 5 e 14 anos, apenas 7.761 eram alfabetizadas e que dos 92.459 habitantes do município, cerca de 31.789 não sabiam ler e escrever. Em 1957, segundo dados da Agência de Estatística do Município, havia 10.000 crianças em idade escolar fora das salas de aula. Não só no que diz respeito aos números, mas também às condições em que se dava o processo educacional, eram muito precárias. A maior parte das escolas estava instalada em imóveis alugados, sem infraestrutura adequada, sem carteiras e material de trabalho suficiente. Os professores eram indicados pelo governo municipal e estadual e possuíam, em sua grande maioria, apenas o curso primário ou ginasial. (BRAZ e ALMEIDA, 2019, p.73)

Após uma década do último censo, Anton percebeu que muitas crianças em idade escolar nas proximidades da residência da família estavam fora da escola porque seus pais não podiam pagar a mensalidade. Embora essa não fosse a sua realidade, ele não se conformou. Eram crianças como seus filhos, com idades equivalentes, que brincavam e conviviam com eles, mas não tinham oportunidade de estudar. Pensou na necessidade de educação para seus filhos e para os moradores da redondeza. Assim, organizou um projeto de construção de uma escola.

Visto a sua capacidade de liderança, e por não se conformar com aquela triste realidade, coordenou um movimento para a construção de uma escola pública e do centro de melhoramentos de Vila Maria Helena (Associação de Moradores), com vistas a atender as crianças da região que não tinham acesso à escolarização. Ele não se conformava em ver toda uma geração condenada a uma vida difícil por causa do analfabetismo. O analfabetismo, que era muito grande na época e tornava aquela geração condenada à falta de oportunidade, agora dava lugar à esperança, e surgia então a chance de transformar muitas vidas sem perspectiva de um futuro melhor - uma realidade que o sensibilizou e fez com que Anton tomasse a iniciativa e mobilizasse outras pessoas da comunidade para construir a escola. Conseguiu convencer e motivar seus vizinhos, de modo que a ajuda que ele precisava se tornasse real. A rede de ensino não atendia a demanda da época. De acordo com Braz e Almeida (2019 p.73): “Em 1958, o município possuía um total de 135 escolas, dessas, 101 eram particulares. Enquanto a população era de 200 mil habitantes, o número de matrícula em todas as redes era de 27.659”.

A educação era oferecida nas escolas particulares para aqueles que podiam pagar tais instituições. As famílias mais pobres frequentavam as escolas públicas, quando estas existiam próximas às residências, e em casas particulares, por professores que não possuíam formação. Enquanto isso, muitos migrantes chegavam, principalmente do sudeste e nordeste, até de outros países, de forma que novas necessidades iam surgindo.

Anton já estava com sua vida organizada, trabalhando em Petrópolis, município vizinho, e com seus filhos estudando; ainda assim, algo o incomodava, e ele precisava mudar aquele retrato.

Diante dessa realidade, com grande esforço, nasceu a iniciativa de mobilizar a comunidade e, através das próprias mãos e recursos, conseguiu a doação de um terreno da Prefeitura para a Associação de Moradores e iniciou a obra da escola, no local onde funciona a unidade até hoje. Anton conseguiu convencer outras pessoas, apesar de não falar o português. O que ele não falava em português era interpretado por alguém da vizinhança, que acreditava no projeto. A dificuldade em comunicar-se na língua portuguesa não foi obstáculo para Anton, pois seus vizinhos e companheiros estavam sempre por perto e faziam os contatos necessários. Toda ajuda era necessária e as pessoas contribuía, de acordo com as suas possibilidades – a doação era feita através de dinheiro, materiais de construção ou em mão de obra nos finais de semana. A obra durou cerca um ano e, em média, trabalhavam 10 a 12 pessoas nos sábados e domingos.

A dinâmica de construção se deu a partir da mobilização das pessoas através de reuniões e do engajamento da comunidade que mais tarde ganharia uma escola pública, a qual atenderia a comunidade local, que não teve oportunidade de escolarização anteriormente. O objetivo também era formar um grupo voluntário que, em regime de mutirão, iria se engajar na construção do prédio.

Os trabalhos foram realizados nos finais de semana e, durante a semana, o grupo buscava a parceria da comunidade, incentivando a participação das pessoas no trabalho ou na contribuição de materiais de construção. E, segundo Peter Dvorsak et.al., (2022, p.4): “(...) durante a semana a gente fazia isso, final de semana vinha o mutirão para fazer a obra em si. Isso já tinha posto a laje, já estava embolsando tudo”.

Em um dos finais de semana em que Anton estava trabalhando na obra da escola, mais precisamente no dia 05 de junho de 1961, nasceu seu quarto e último filho, Danilo, o único que nasceu aqui no Brasil e que ainda reside no Bairro de Jardim Primavera. No dia em que o filho caçula nasceu, Anton estava empenhado na obra da escola junto com outros moradores e foi chamado às pressas, porque sua esposa grávida estaria a dar à luz. Era uma tarde de domingo quando Anton correu ao encontro da mulher e, sem alternativa, colocou os outros filhos na casa de um dos vizinhos, tendo ele mesmo realizado o parto do filho mais novo. Pela falta de experiência e conhecimento, não “amarrou” corretamente o umbigo, o que ocasionou uma hemorragia no bebê, além de uma hérnia que o acompanharia pela vida inteira.

**Figura 5**  
Os quatro filhos de Anton Dworsak e Marija



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Anton Dworsak

A família estava completa com os quatro filhos, já instalada na casa construída por Anton, a qual existe até hoje próxima à escola.

**Figura 6**  
Família de Anton em 1958 reunida em frente a casa construída por ele



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Anton Dworsak

A escola era pequena, possuía apenas duas salas, mas já estava quase pronta para começar a funcionar. O sonho daquela comunidade estava próximo de ser realizado. No entanto, aquele que mais se alegraria com tal acontecimento não estaria ali para participar de tão grande

conquista para os moradores, que tanto se esmeraram na construção do prédio. Anton Dworsak sofreu um grave acidente de lambreta, retornando do trabalho, e morreu 15 dias depois, aos 33 anos. Faltavam seis dias para o Natal de 1961.

Era dezembro. Um dia chuvoso de verão. Meu pai, voltando do trabalho, na estrada para Petrópolis, na altura da Casa do Alemão. Naquela época, ali tinha um retorno. Meu pai, vindo na estrada, a pessoa entrou na estrada. Meu pai bateu de frente. 4 de dezembro, ele sofreu o acidente. Depois ficou mais duas semanas internado. Mas, antigamente, você usava vespa, não usava capacete, não era obrigado a usar capacete. Se ele tivesse usado capacete, provavelmente não teria morrido. Ele bateu com a cabeça no chão, deu hematoma no cérebro. Ainda ficou duas semanas tentando se recuperar. Mas ele, em coma, não sobreviveu, mais não. Aí ele faleceu uma semana antes do Natal. Jovem, com 33 anos. Faleceu em 18 de dezembro. (PETER DWORSAK et.al., 2022, p.4)

Os quatro filhos de Anton estão vivos. São Engenheiros, e apenas Anton reside em Brasília. Todos retornaram à escola depois de adultos e, por diversas vezes, prestigiaram-na em visitas e eventos. Sempre encontram uma oportunidade para visitá-la. A foto abaixo foi de uma visita realizada pelos quatro, em 24 de abril de 2022.

### Figura 7

Filhos do Anton no pátio da escola em 2022



Fonte: Arquivo da E.M. Anton Dworsak

Os filhos de Anton, da esquerda para direita: Peter, Danilo, Anton e Ferdinand. Na memória de Peter, a lembrança de dias difíceis. Ele descreve a importância que a educação teve na vida dele e dos irmãos.

Ferdinand foi o primeiro a passar para a escola técnica. Dois anos depois, Peter também foi aprovado na mesma escola. Como não possuíam recursos, só podiam estudar em escola pública; no caso, foram para a escola técnica federal. Posteriormente, Anton também ingressou e depois, Danilo.

Peter cursou engenharia química e Ferdinand engenharia mecânica, ambos na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O fato de terem ficado no alojamento da universidade durante o curso ajudou muito. Com isso, a despesa com transporte e alimentação diminuiu e eles puderam concluir a graduação. Anton e Danilo também são engenheiros.

(...) minha mãe era uma mulher de 30 e poucos anos, sozinha, com quatro filhos, vai fazer o que? ‘Agora, uma coisa ela sempre falou: ‘A nossa única chance, é vocês estudarem’. A educação da minha mãe era: “vocês têm que estudar”. E aí a gente estudou, estudou. No início, terrível! Hoje eu fico até pensando: ‘não é possível isso tudo!’. Porque naquela época, a escola técnica ficava ali no Maracanã; não tinha ônibus dessa região para o centro da cidade, só passava um ônibus... (...). Já tinha a rodovia, mas não passava nenhum ônibus. Aliás, quando meu pai chegou, eu me lembro que a estrada era de terra, a Rio-Magé era de terra, imagina (...) A Rio-Petrópolis já era asfaltada. Então, o ônibus que ia para a cidade, passava aqui na Rio-Petrópolis, longe daqui. A gente tinha um amigo da escola que morava perto. A gente ia de bicicleta até a casa dele, deixava a bicicleta lá, pegava o ônibus, do ônibus a gente saltava ali na rodoviária, e de lá até a escola técnica são uns três ou quatro quilômetros. A gente ia a pé. Todo dia, andava ali, subia a quinta da boa vista. A gente atravessava toda a Quinta da Boa Vista, em torno de uma hora. (PETER DVORSAK et.al., 2022, p.6-7)

A esposa de Anton faleceu em maio de 2020, na companhia do filho Anton, que nasceu na Áustria e foi aluno da escola no primeiro ano de funcionamento. Após a morte do marido, Marija se viu sozinha, com quatro filhos e longe dos familiares. Não poderia voltar para seu país porque, além de não ter dinheiro, ainda poderiam ser presos por serem fugitivos. O jeito era tentar sobreviver aqui! Sem emprego e com a profissão de costureira, ela confeccionava algumas peças que eram vendidas no centro comercial do Rio de Janeiro. Algumas vezes, costurava para confecções e eram muitas peças de roupas para costurar, enquanto o pagamento era irrisório. Devido a essas dificuldades, precisou de ajuda. E era a sua criação de animais e sua horta que auxiliavam no sustento da família, além do filho Peter, que vendia alguns produtos nas feiras para ajudar no orçamento doméstico. O que havia na horta de casa ele levava para vender na feira: goiaba, limão.

Deixa-me contar o seguinte: Ele (Anton Dworsak) trabalhava para uma empresa, na época já tinha INSS. Então, quando ele faleceu, a mamãe passou a receber um salário mínimo, de pensão. (...) oito meses depois. Até você conseguir né? Hoje já é difícil! (...). Em seis meses que papai faleceu, nasceu o Danilo. Então, foi complicado. Mesmo depois de ela começar a receber essa pensão, teve uma época de alta inflação e o salário ficou pouquinho. Como a gente sobreviveu? Minha mãe tinha horta e criação de galinha, A nossa alimentação era basicamente coisa da horta. Obviamente comprava carne e outras coisas, mas carne de galinha era dali e as coisas da horta. (...). Foi a época mais difícil porque ela ganhava um salário mínimo e tinha quatro filhos para sustentar. Ela não podia voltar pra Iugoslávia porque lá tinha a cortina de ferro. (PETER DVORSAK et.al, 2022, p.6)

Logo que a escola ficou pronta e dona Marija ficou sozinha, sem o marido, foi contratada para trabalhar na escola como “zeladora”, como lembram os filhos mais velhos Ferdinand e Peter, que ajudavam a mãe a varrer as salas todo final de tarde. Cada um varria uma sala. Mas esse trabalho durou pouco tempo. Segundo Ferdinand Dworsak, em menos de um ano sua mãe

foi substituída por outra pessoa. Havia interesse na função por se tratar de um emprego pago pela prefeitura.

### Figura 8

Ficha de matrícula de Anton Dworsak no ano em que a escola foi inaugurada 1962

Curso Primário  
Turma 1<sup>o</sup> 2<sup>a</sup> Série Turma / N.º de Matrícula 36  
Nome Antônio Dworsak N.º do aluno  
Data do nascimento 12 de Abril de 1954 Idade 8 anos  
Local Astey Estado (Áustria)  
Nome do pai Anton Dworsak Profissão  
Nome da mãe Maria Dworsak Profissão Doméstica  
Nacionalidade Alemã Profissão Doméstica  
Residência Vila Maria Helena - Rua Bedoziague  
Data da matrícula 22 de março de 1962  
OBSERVAÇÕES  
Renovada 1963-3<sup>o</sup>  
INSPECTOR FEDERAL

Fonte: Arquivo da Escola Municipal Anton Dworsak

Eu nasci nesse acampamento da cruz vermelha, na Áustria, em 12 de abril de 1954. Depois disso, dessa época, eu não me lembro de nada. Cheguei ao Brasil com 1 ano e dois meses. Então, eu lembro mais da época que começou meu primeiro ano aqui na escola. Então, em função do pai falecer, a gente ficou em uma dificuldade financeira muito grande. Eu comecei na primeira turma da escola. Eu lembro muito bem ainda dos amigos, meninos, brincando. Para mim foi uma novidade muito grande, né. Os primeiros anos de colégio são muito bacanas, as crianças gostam muito! Uma coisa que me marcou muito foi a diretora, era Dona Nair (não há comprovação nos arquivos sobre a gestão da diretora citada), primeira diretora do colégio. Ela sabia da história toda porque ela morava aqui perto. Então, como ela conhecia a nossa história, ela dava muita importância a tudo que aconteceu e tal. Como eu era filho do fundador, ela tinha uma ligação muito forte comigo. Ela já conhecia o papai. Eu lembro que sempre que tinha alguma visita aqui na escola, alguma comemoração, algum evento, ela fazia questão de ir à minha sala, para pedir licença à professora e me apresentar às pessoas que estavam visitando: alguma autoridade, pessoas de fora: “oh aquele ali é o Anton, filho do fundador, tal”. Ela fazia questão! Em função disso, eu lembro que eu estudava até mais, para não fazer feio. Acho que por conta até disso, o incentivo, eu me esforçava mais. Eu não me formei aqui, mas os quatro anos eu fiz aqui, aqui só tinha os quatro primeiros anos, só tinha o primário. (ANTON DWORSAK et.al., 2022, p.5 e 14)

Anton foi aluno da escola quando a mesma iniciou o seu funcionamento. Estudou da 2<sup>a</sup> série até a 4<sup>a</sup> e, depois, seguiu os passos dos irmãos, indo cursar o ginásio no colégio Primavera. Nessa época, a escola havia sido vendida e passou a se chamar Colégio Padre Anchieta. Após concluir o ginásio, estudou na Escola Técnica, no bairro do Maracanã e depois cursou engenharia na UFRJ. Anton fala com orgulho e alegria da sua vida escolar, apesar das dificuldades. Sua mãe sempre acreditou na importância dos estudos e foi uma grande incentivadora para que seus filhos estudassem. Mesmo sem conhecer a língua e entender o

suficiente para auxiliar os filhos nos estudos, dona Marija nunca deixou de assisti-los e motivá-los a mudar de vida através da educação. Apesar de exercer a engenharia, já atuou como professor de Física e sempre buscou nos bons professores que teve o exemplo para lecionar e fazer diferença na vida dos seus alunos.

A escola foi inaugurada em 15 de novembro de 1962, quase um ano depois do falecimento e, em sua homenagem, recebeu o seu nome. Ele, que foi um idealizador e que tanto trabalhou no projeto de educação a favor de uma comunidade, tinha o seu direito negado por quem deveria garanti-lo. O terreno onde foi construído a escola pertencia e pertence ao Centro de Pró-Melhoramentos de Jardim Primavera. Embora essa parceria configure uma amostra de como a escola nasceu a partir da necessidade e da vontade dos moradores, na prática isso acarreta alguns problemas de ordem burocrática pois, por não ser um imóvel pertencente à Prefeitura, o município tem dificuldades de ordem legal em realizar obras na escola. A unidade, inicialmente, contava com apenas duas salas de aula. Ao longo desses sessenta anos de existência, foi sendo ampliada. Atualmente, possui 10 Salas de Aula, 1 Sala de Recursos, 1 Sala de Informática, onde funciona também a Sala de Leitura, a Sala de Direção, uma Sala de Professores, a Secretaria, o Refeitório. A escola se organiza em três turnos, contando com quarenta professores, dezesseis funcionários de apoio e cerca de quinhentos e cinquenta alunos.

### **Figura 9**

Fachada da escola quando foi inaugurada em 1962



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Anton Dworsak

Era desde o início (referindo-se à escola que foi municipalizada desde o início do funcionamento) porque depois que ela começa a funcionar, os professores têm que ser pagos pela prefeitura e todas as outras despesas. Não podia ser diferente, tanto é que tinham umas fotos lá. A escola era um pouco menor, a foto E. M, de municipal, então a foto daquela época já era municipal. Já era municipal, tanto que tem até foto lá, escola municipal. (PETER DVORSAK et.al., 2022, p.14).

A foto anterior retrata a família de Anton em frente à escola, logo que foi inaugurada e, como vemos em sua fachada, já foi considerada como uma instituição pública municipal.

## CAPÍTULO 2: DUQUE DE CAXIAS: UM LUGAR ONDE NASCE A ESPERANÇA E O DIREITO DE SONHAR

---

### 2.1- DUQUE DE CAXIAS, O MEU LUGAR!

Algumas pessoas têm a oportunidade de escolher o local onde vão viver, mas não temos essa escolha ao nascer. Nasci em Duque de Caxias, cidade onde sempre vivi, não por escolha, embora não deixe de amar “Caxias”. Nasci em 22 de janeiro de 1968 no Bairro Pantanal (conhecida como Vila São José, Pantanal ou Vila Santo Antônio). Meus avós maternos, com os quais eu convivi a vida inteira, são capixabas, em Bom Jesus do Norte e em São José do Calçado, no Espírito Santo. Nasceram lá seus três primeiros filhos, vindo os dois mais velhos a falecerem ainda bebês. Meus avós já estavam aqui em Duque de Caxias quando em 1950, nasceu no Pantanal a quarta filha, que é a minha mãe. Tempos depois, retornaram para o Espírito Santo, onde nasceram mais quatro filhos. Viveram por lá algum tempo e retornaram para Caxias. Ali, no Pantanal, nasceu o nono e último filho. Minha mãe tinha 8 anos de idade e moravam em uma chácara um pouco afastada do que seria o “centro” do Pantanal. A família toda guarda boas lembranças desse local, que ainda existe, mas bem diferente do que era na época. Era uma chácara enorme, com um varandão na frente, um córrego que passava dentro da propriedade e cercada de árvores onde, segundo minha mãe, ela e meus tios viviam brincando em cima dos galhos ou em um grande balanço. O local ainda existe, mas, diferente de outras chácaras, não se tornou um loteamento, e sim um amontoado de construções. Minha mãe se lembra bem das “casas da vila”, construídas para abrigar as pessoas que antes moravam nas áreas alagadiças e sujeitas às enchentes. Em Braz e Almeida, encontramos informação sobre o movimento de criação da Vila São José:

A topografia baixa da maioria das terras do município trazia e, ainda traz aos moradores dos bairros menos favorecidos, o flagelo das enchentes. A mais famosa dessas enchentes vitimou uma população inteira de uma favela, conhecida como Mangue, no ano de 1958, localizada próxima a Rua Manoel Teles, no centro do município. A ação do então deputado Tenório Cavalcanti junto aos órgãos públicos possibilitou a transferência e o assentamento dessas famílias para terras das glebas, da Fazenda São Bento, no município e das casas construídas com verba pública da LBA, surgindo a partir daí o bairro Vila São José e, logo depois, um desdobramento conhecido como bairro Pantanal, alavancando a fama de benfeitor dos pobres ao político nordestino. (BRAZ e ALMEIDA, 2019, p.96).

Ela conta que estudou na Escola Maria Tenório, nome da mãe do Deputado, na época, e onde o mesmo distribuía o material didático para as crianças e ajudava a população. A política assistencialista não é novidade na baixada.

Em 1966, aos 16 anos, minha mãe se casou no mesmo dia em que minha tia mais velha. Casaram juntas as duas irmãs. Tenório<sup>13</sup> também é lembrado por ela nesse acontecimento, pois contribuiu com o banquete servido na festa. Era um homem popular na comunidade, havia os que o amavam e aqueles que o queriam morto. Sua fama de pistoleiro se fortaleceu e o tornou conhecido como o “Homem da capa preta”. Sua vida política ficou conhecida pela demagogia, porém, foi longa e promissora:

No início dos anos 40, Tenório Cavalcanti era uma liderança política ascendente no próspero distrito de Caxias. Iniciou sua caminhada em 1936, quando se elegeu vereador à Câmara Municipal de Nova Iguaçu, principalmente com votos de caxienses. Apesar da perda do mandato em 1937- em virtude do fechamento das casas legislativas, sua liderança afirmava-se no distrito. Para fortalecer-se, aproximou-se da Associação Comercial de Caxias, buscando apoio na elite abastada. Em 1947, seria eleito deputado estadual e, em 1950, deputado federal - mandato renovado nas eleições de 1954, 1958 e 1962. Em 1964, seu mandato de deputado federal foi cassado e teve suspensos os seus direitos políticos por dez anos. Além dessa trajetória legislativa, concorreu ao governo do Estado da Guanabara (1960) e ao do Estado do Rio de Janeiro (1962), sendo derrotado, mas obtendo expressivas votações. (LACERDA, 2003, p.22).

Embora tenha sido derrotado em determinados pleitos aos quais concorreu, sempre foi um personagem respeitado onde viveu, fosse por medo ou pelo que ele representava. Sempre viveu no seu lugar, em Duque de Caxias. E lá, ele agradava a uns, cuidava de outros e era temido por muitos. E, assim, viveu sua longa vida.

Em janeiro de 1968, nasci em uma maternidade que existia nos fundos da escola Maria Tenório. Atualmente, nesse prédio, funciona a Escola Municipal Maria Clara Machado. Ainda na maternidade, recebemos a ilustre visita de Tenório. Cheguei a um Pantanal que tinha Tenório Cavalcanti como um importante personagem e um colaborador da comunidade. Assim ele era conhecido no local, mas fora dali era um homem temido.

Mudamos do Pantanal quando eu ainda era bebê. Só me lembro de ter morado no Pilar, até meus quatro anos de idade. Isso ficou marcado pela explosão da Petrobrás, que muito me assustou. Lembro perfeitamente das cenas de desespero e fuga das pessoas em cima de carrocerias de caminhões, fugindo de qualquer jeito, como dava. Já com cinco anos de idade, mudamos para a Vila Rosário, um bairro vizinho ao Pantanal. Lá vivi até 1995 e ainda vive a minha mãe.

Lembro-me bem de que ao longo da minha infância e adolescência, nas décadas de 70 e 80, a cidade de Duque de Caxias era abandonada, com ruas que eram feitas de poeira ou lama, além de valas abertas e serviços públicos quase inexistentes. Embora meus pais se dedicassem a construir uma casa boa e confortável, dentro dos nossos padrões, eu nunca dizia onde morava quando estava fora de Caxias. Os grupos de extermínio – um famoso, conhecido como “Mão

---

<sup>13</sup> Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque: conhecido como “Homem da Capa Preta” ou Tenório Cavalcanti, alagoano, veio morar em Duque de Caxias, ainda distrito de Nova Iguaçu, aos 19 anos. Era advogado e foi Deputado Estadual e Federal. Sua fama era de ser agressivo, violento, mas para muitos era um mito e um benfeitor.

Branca”, crimes que eram notícias diárias, tornavam o lugar estigmatizado por quem não conhecia. Ainda assim, lembro-me de como foi boa a minha infância, brincando na rua até tarde da noite, principalmente no verão. Como era bom ir a São Bento com aquela turma de crianças e adultos, buscar folhas de “pindoba” [000] para enfeitar a rua nas festas juninas. Como valeram os jogos de vôlei na rua, na adolescência, com colegas que cresceram comigo e com os quais, ainda hoje, mantenho contato.

Caxias nunca foi o meu sonho de moradia, mas é aqui que vivo. Hoje por opção, mas ainda que saísse daqui, Caxias jamais sairia de mim. Estudar sua história vai além de pesquisar a chegada de Anton Dworsak e sua família; para além de estudar uma instituição escolar, é também uma forma de conhecer o passado da minha cidade, aprender e relembrar a memória do meu lugar.

## ***2.2- DUQUE DE CAXIAS: A CIDADE ESCOLHIDA PARA RECOMEÇAR***

Pretendo, neste capítulo, tornar a História de Duque de Caxias conhecida a partir da sua emancipação. Faremos alguns apontamentos anteriores a esse fato para que esteja cronologicamente marcado o seu desenvolvimento e criação.

Merity era o quarto distrito de Nova Iguaçu e, entre os anos de 1910 e 1920, era apenas uma vila pobre, com poucas ruas que conduziam em direção à estação ferroviária, a qual transportava sua população, através de trilhos, para os lugares próximos. O transporte, além dos trilhos, também era feito pelos rios e mares, através dos portos e pelas poucas estradas. Sua população vivia do plantio de hortaliças, frutas como banana e laranja, e mandioca, que eram transportadas pela via férrea e comercializadas no Mercado Benfica, extinto em 1922. A partir daí esses produtos passaram a ser transportados pelos portos do centro do Rio de Janeiro, enquanto produtos como madeira, carvão, tijolos, telhas (produzidas nas pequenas olarias da região) eram transportados tanto pela via férrea como fluvial, pelos portos do Rio de Janeiro.

Merity tinha um futuro promissor. Na década de 20, já em torno da estação Merity crescia um pequeno comércio e despontava ali uma vida social, onde circulavam famílias tradicionais que controlavam grandes porções de lotes de terra, Jornais, Cafés e clubes, embora ainda fosse uma área pobre, com solo pantanoso e baixo em relação ao mar. Estava próxima da baía da Guanabara e do Distrito Federal, e isso facilitava o crescimento da população que, em 1930, já contava com 28.756 habitantes. Muitos chegaram em busca de oportunidades, seja da própria metrópole carioca como de outros estados, tais como São Paulo e o próprio Rio de Janeiro. A industrialização crescia e, no período pós-guerra (1914-1918), a migração de estrangeiros, camponeses e de outras regiões do Brasil, principalmente o nordeste, contribuiu com o povoamento da região. Afirma Braz e Almeida:

A fuga migratória e a expansão da malha ferroviária foram muito importantes para a constituição da nova realidade e para a recuperação demográfica da Baixada Fluminense. No entanto, um terceiro fator, mostrou-se decisivo para que esse assentamento populacional pudesse se concretizar: o saneamento das terras insalubres da região que foi tomando corpo a partir das primeiras décadas do século XX, particularmente nos anos 30, com as obras empreendidas pelo governo Vargas. (BRAZ e ALMEIDA, 2019, p.44).

A chegada dos imigrantes, sobretudo dos nordestinos, foi a responsável pelo grande desenvolvimento do município, que recebeu um considerável incentivo em sua economia. Em busca de trabalho no Rio de Janeiro, tais imigrantes estabeleciam residência em Duque de Caxias, dispostos a fazerem parte dos canteiros de obras que se formavam no novo município.

As obras foram planejadas em agosto de 1910 e seriam realizadas a dragagem, escavação, desobstrução e o desmatamento das margens dos rios; no entanto, só em 1911 trabalhos foram iniciados, começando pela bacia hidrográfica do rio Estrela, por ser considerada a área mais degradada da região. Seus afluentes passaram por ajustamento de seus percursos e interligação com quase todos os rios da baía da Guanabara, por ser área de atuação da comissão federal. Em 1913, os recursos necessários para dar continuidade às obras foram diminuindo e, em 1916, completamente suspensos, paralisando, assim, os trabalhos. O governo alegava não dispor de recursos suficientes para dar continuidade. Em março de 1920, houve uma nova tentativa de retomada às obras, a qual tinha como responsável técnico o engenheiro João Batista de Moraes Rego e cujo objetivo era o saneamento, que abarcaria de Manguinhos a Raiz da Serra. A ideia não vingou e foi extinta em dezembro do mesmo ano. Em março de 1921, houve uma nova tentativa. Dessa vez, o governo federal deu o comando ao engenheiro Jerônimo Alencar Lima que, junto ao Banco Português do Brasil, havia formado uma parceria com a Empresa de Melhoramentos da Baixada Fluminense. Uma década se passou, estudos foram feitos, mas não houve nenhuma ação prática a respeito do que havia sido planejado há vinte anos.

Em 1922, a estrada, que era apenas um caminho de pedestres, carroças e animais, começou a ser construída; ainda em terra batida, mas já tornando possível a passagem de veículos motorizados. A obra de abertura da estrada foi finalizada em 13 de maio de 1926. Em 1928, exatamente no dia 25 de agosto, a construção da Estrada Rio-Petrópolis (atual RJ-101, Governador Leonel de Moura Brizola), teve a sua obra retomada pelo então presidente da República, Washington Luís que, após calçá-la, reinaugurou toda a sua extensão de 15,9 quilômetros. Foi a primeira Rodovia asfaltada no Brasil e considerada, também, a primeira Rodovia Federal, um marco na engenharia. A construção dessa rodovia acentuou significativamente o número de habitantes na região. A estrada, que tinha início em Vigário Geral, cortava o centro de Merity e de Saraphuí. Nessa época, o pouco saneamento que havia sido feito atraiu investimentos imobiliários e a valorização dos loteamentos, que já vinham

sendo disputados violentamente. Atualmente, essa Avenida perpassa por todo o centro de Duque de Caxias e diferentes bairros até o Pilar. São 14,7 quilômetros. Faz limite com o município do Rio de Janeiro, ligando Vigário Geral em 200m extensão com a RJ-079, Via Expressa Presidente João Goulart, conhecida como Linha Vermelha. Cruza o município de Belford Roxo em 1 quilômetro, no Bairro Lote XV, pela RJ- 105- Avenida Joaquim da Costa Lima e à BR-040 Rodovia Washington Luís.

A BR-040, Rodovia Washington Luiz, é a principal estrada do município de Duque de Caxias. Ela liga o centro do município, no 1º distrito, aos bairros dos outros três distritos. É acesso para a BR-116, Rio- Magé, na altura do bairro de Jardim Primavera, e para a Rodovia Raphael de Almeida Magalhães, o Arco Metropolitano, na altura do bairro Chácaras Rio-Petrópolis.

Foi inaugurada, em 1928, a Estrada Rio Petrópolis (atual Bulhões Maciel e Kennedy). Em 1950, após a abertura da Avenida Brasil, uma variante foi aberta com mão-dupla. Nos anos 60, os militares duplicaram e nomearam a variante de Washington Luís, nome dado em homenagem ao então presidente da República, presente na reinauguração dos 19,9 Km da Estrada Rio-Petrópolis.

Enfim, em 1930, as obras foram anunciadas pelo então governador Manoel de Matos Duarte Silva, através de um discurso. Segundo ele, o governo federal se responsabilizaria pela realização dos trabalhos de saneamento e já previa recuperar a agricultura, há algum tempo esquecida, mas que já havia sido responsável por grande parte de riquezas na região:

De resto, sanear a Baixada Fluminense será criar junto à Capital da República a mais rica região do Brasil. Esgotada de seus pântanos, drenada, apropriada economicamente, cortada de estradas de ferro e rodovias, limpa do impaludismo<sup>14</sup> e da ancilostomíase<sup>15</sup>, a Baixada Fluminense é alguma coisa formidável, maravilhosa, quase inimaginável. São dezenas de milhares de quilômetros quadrados, hoje afogados em águas pútridas, que florescerão em mil culturas, junto do maior mercado de consumo do país e do mais intenso entreposto de trocas internacionais. (BRAZ e ALMEIDA, 2019, p.45).

A Baixada Fluminense crescia, mas os problemas eram muitos. Continuou com seus problemas crônicos de dragagem, pavimentação e urbanização. Seu desenvolvimento urbano desordenado refletiu em grandes conflitos ambientais. A Baixada cresceu economicamente, mas a violência e a população cresceram junto. A falta de obras de saneamento e pavimentação ainda atinge várias cidades fluminenses, situação que ocorre desde a década de 1930.

O contrato foi rescindido em fevereiro de 1931. Em 1933, as obras foram retomadas pelo governo Getúlio Vargas e o projeto de saneamento da região foi, durante três anos, estudado e posto em relatório pela Comissão de Saneamento da Baixada Fluminense, que foi criada e era subordinada ao Departamento de Portos e Navegação do Ministério da Viação de

---

<sup>14</sup> Impaludismo é o mesmo que Malária.

<sup>15</sup> Ancilostomíase - Doença causada por vermes.

Obras Públicas, coordenada pelo engenheiro Hildebrando de Góes. Somente três anos depois, em 1936, as obras foram iniciadas, e a primeira ação implementada foi a contenção do mar, através da construção de um dique no rio Meriti. As enchentes na região eram comuns e, com essa obra, resolvia-se também um dos principais problemas das terras alagadas, de pântano.

Em 1940, o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) passou a administrar as obras. Em 1941, segundo Braz e Almeida (2019, p.49) “(...) já haviam sido saneados 4.500 quilômetros quadrados dos 17.000 que compunham a Baixada Fluminense, sendo desobstruídos 3.800 quilômetros de rios e construídos inúmeros vertedores<sup>16</sup>, reservatórios, diques e canais, além de 402 pontes”. Nessa época, muitos loteamentos estavam surgindo na baixada, mas a necessidade de pavimentação, saneamento e outros serviços estavam muito aquém do que era necessário.

Na década de 1930, a população de Merity crescia a cada ano. O futuro do distrito, que já contava com cerca de 30 mil habitantes, no entanto, era promissor. Com o trem da Leopoldina, Estrada Rio-Petrópolis, olarias, fábricas, metalúrgicas, houve um crescimento desordenado que não atendia as necessidades básicas de seus moradores e fazia da cidade a conhecida “cidade dormitório<sup>17</sup>”. Nilo Peçanha, aos poucos, trazia melhorias para a região, como: bicas d’água, pavimentação das ruas, saneamento, postos de correios e telégrafos.

Duque de Caxias ainda não existia. Ela era apenas uma estação ferroviária chamada “Merity”. Na madrugada de 06/10/1930, um grupo de moradores, entre eles José Luiz Machado, o “Machadinho”, junto aos amigos Jaime Fichman, Oswaldo Gamboa, Américo Soares e Francisco Azevedo, por iniciativa própria, resolveu retirar a placa que havia e, no lugar, colocar outra com o nome “Caxias”, dando então outro nome àquela localidade. Quatro meses depois desse fato, foi criado o distrito de Caxias.

---

<sup>16</sup>Vertedores são estruturas hidráulicas utilizadas para controlar a vazão de condutos livres e o escoamento. <https://periodicos.set.edu.br>.

<sup>17</sup>Cidade suburbana com localização estratégica que acomoda e aloja as pessoas que passam o dia noutra cidade mais próximas e/ou mais importante e aí exercem alguma atividade.

## Figura 10

A placa que foi trocada de Merity por Caxias



Fonte: Braz e Almeida (2019)

No Brasil, acontecia a Revolução de 1930, contra a República Velha, e um movimento criado por alguns estados conduziu Getúlio Vargas ao poder, o que durou até 1945, conhecido como Era Vargas, e inaugurando o Brasil Republicano. A proximidade de Caxias com o Rio de Janeiro facilitou para que a informação sobre o fato ocorresse de forma rápida. O então Deputado Federal Dr. Manoel Reis e outros políticos iguaçuanos, atuantes na Revolução, solicitaram ao interventor federal no Estado do Rio de Janeiro, Plínio Casado, a transformação de Caxias em 8º distrito de Nova Iguaçu. Segundo aponta Vianna (2006):

No ano de 1931, o Decreto nº 2.559, de 14 de março de 1931, marca a criação do 8º distrito de Iguaçu, em razão de grande crescimento dessa região, com sede na povoação da estação de Merity. A proposta foi aceita e o ato normatizou a localidade com o novo nome. Criou-se então o distrito de Caxias. O nome foi uma homenagem prestada a Luiz Alves de Lima e Silva, cujo título de nobreza de Duque ficou marcado no seu lugar de nascimento. O município ainda não existia e só após doze (12) anos ele foi criado. (p.76,77 e 78).

O domínio de Nova Iguaçu estava chegando ao fim e o rompimento entre distrito e município era iminente. De 1931, quando se tornou o 8º Distrito de Nova Iguaçu, até 1943, quando foi emancipado e elevado à categoria de município, muitos empreendimentos foram construídos e houve um desenvolvimento considerável. Foram 12 anos de crescimento, mas a região ainda não contava com serviços públicos suficientes e eficientes para atender a demanda da população. Hospitais e Postos de Saúde não existiam no município, o que obrigava a população a buscar atendimento médico nos hospitais da capital do Rio de Janeiro ou recorrer a consultas particulares, quando podiam pagar. Outro grave problema que a população sofria era a falta d'água. A solução era encontrada nos poços que os próprios moradores furavam e

nas bicas e nascentes (fontes naturais) presentes, principalmente, no 3º e 4º distritos. Segundo Braz e Almeida, apesar dos problemas, eram perceptíveis o crescimento econômico e geográfico do 8º Distrito:

Em 1931, as terras do entorno da estação de Merity, assim como as das estações subsequentes (Gramacho, São Bento, Actura – atual Campos Elíseos –, Jardim Primavera, Saracuruna e Parada Angélica); além da região de Imbariê e Xerém, passaram a constituir o 8º distrito de Nova Iguaçu, o que atestava seu desenvolvimento econômico e demográfico, o que só fez acelerar daí em diante. (BRAZ e ALMEIDA, 2019, p.54).

Educação, saúde, iluminação e pavimentação eram serviços precários e quase inexistentes. A população que crescia carecia ainda mais de um atendimento adequado no local onde viviam. Essa escassez foi levando os moradores e, principalmente, os políticos e militantes a demonstrarem insatisfação com aquilo que o município que dominava disponibilizava.

Segundo Braz e Almeida (2019, p.64): “(...) a autossuficiência de Caxias foi o ponto fundamental no projeto de reforma administrativa perpetrado pelo Estado Novo, que dela se valia para “reorganizar” o quadro regional, para melhor controlá-lo e angariar simpatia dos setores populares para o governo federal e seu representante estadual Amaral Peixoto”. Apesar de não haver registro de conflito e a participação popular no processo de emancipação do município de Duque de Caxias, a criação da União Popular Caxiense (UPC), no início dos anos de 1930, a Associação Comercial de Caxias (ACC), fundada em 23 de setembro de 1937, e a imprensa local desempenharam importantes papéis. Novos tempos tinham chegado e o que era Merity, agora era Caxias. Nascia ali o que se tornaria uma grande metrópole:

O Decreto-Lei Estadual n.º 1.055, de 31/12/1943, assinado pelo interventor federal no Estado do Rio de Janeiro, Ernani do Amaral Peixoto, foi a carta de alforria de Caxias, até então 8º distrito de Nova Iguaçu. A partir dele, estava criado o município de Duque de Caxias. Para baixá-lo, o interventor, previamente autorizado pelo Presidente da República, fundamentou-se no Art. 6º, n.º V, do Decreto-Lei Federal n.º 1.202, de 8/4/1939 (que previa, entre outros assuntos, a criação de municípios). São fixados no Artigo 2º os limites de Duque de Caxias com os municípios de Nova Iguaçu (grafia da época), Vassouras, Petrópolis, Magé e Distrito Federal. No parágrafo único do referido artigo constam os limites interdistritais: entre Duque de Caxias e Meriti, e entre Duque de Caxias e Imbariê. O Art. 3º especifica os distritos do novo município: 1º distrito, Duque de Caxias (ex-Caxias); 2º distrito, Meriti; e 3º distrito, Imbariê (ex-Estrela) (LACERDA, 2003, p.22 e 23).

Caxias deixava de ser distrito e tornava-se um município, conquistando, assim, sua alforria, embora o cenário político vivido na época não fosse o melhor. De 1937 a 1945, durante o Estado Novo, no governo do estado do Rio de Janeiro estava Ernani Amaral Peixoto, enquanto o Brasil era uma ditadura liderada pelo presidente Getúlio Vargas, a qual durou de 1937 a 1945. Essa terceira fase se deu a partir do fechamento do Congresso, em novembro de 1937, e a imposição de uma nova Constituição. Enquanto isso, o município, já emancipado, crescia. De acordo com Braz e Almeida (2010), “(...) as mudanças das décadas de 1930 e 1940 trouxeram maior crescimento populacional nos bairros periféricos e o crescimento econômico e social, das décadas seguintes, aumentou substancialmente as diferenças de vida”. Podia ser notada a

ascensão de novos residentes dos bairros centrais, geralmente comerciantes, donos de casas imobiliárias, hotéis, profissionais liberais como médicos, advogados (...) e, também, os políticos.

No período entre 1940 e 1947, o distrito foi administrado por um interventor Federal, o qual indicava seus prefeitos. Só em 1º de janeiro de 1944, Ernani do Amaral Peixoto, atual interventor, designou o Contabilista Homero Lara para realizar o expediente na prefeitura. Depois de Homero, outros nove interventores foram indicados para a mesma função. Segundo Braz E Almeida, os interventores estão relacionados da seguinte forma:

**Quadro 1**  
**PREFEITOS INTERVENTORES**  
**PREFEITOS INTERVENTORES –1944/1947**

| Nome                                      | Período                 |
|---|-------------------------|
| Homero Lara                               | 01/01/1944 a 10/09/1944 |
| Heitor Luís do Amaral Gurgel              | 11/09/1944 a 01/08/1945 |
| Antônio Cavalcante Rino                   | 02/08/1945 a 02/09/1945 |
| Heitor Luís do Amaral Gurgel              | 02/09/1945 a 08/11/1945 |
| Dr. Jorge Diniz de Santiago               | 10/11/1945 a 22/03/1946 |
| Gastão Glicério de Gouvêa Reis            | 25/03/1946 a 18/10/1946 |
| José dos Campos Manhães                   | 18/10/1946 a 13/03/1947 |
| Custódio Rocha Maia <sup>31</sup>         | 31/03/1947 a 30/07/1947 |
| José Rangel                               | 19/03/1947 a 31/03/1947 |
| Custódio Rocha Maia                       | 31/03/1947 a 30/07/1947 |
| Tenente Coronel Scipião da Silva Carvalho | 01/08/1947 a 28/09/1947 |

Fonte: Braz e Almeida (2019, p.65)

A primeira eleição para prefeito só aconteceu em 1947. O primeiro prefeito eleito foi Gastão Glicério de Gouveia Reis, que governou de 28 de setembro de 1947 a 28 de dezembro de 1950. Nessa época, a cidade já apresentava características de “cidade dormitório”. A população crescia, mas era no distrito Federal, atual capital na época, que os moradores encontravam trabalho. A cidade se ampliava e a industrialização aumentava; porém, com uma população tão grande e um município tão jovem, não era possível ser diferente. O município já tinha um prefeito, faltava a estrutura que, com o tempo, foi se adequando, embora sempre distante do ideal.

**Figura 11**

PRIMEIRO INTERVENTOR E PRIMEIRO PREFEITO ELEITO



Fonte: <http://jornalcapitalcaxiaseleicoes.blogspot.com>

O Interventor era a denominação dada ao governador pelo Presidente da República. A Câmara Municipal foi instalada em 23 de outubro de 1947, com os primeiros vereadores eleitos no mesmo processo em que Gastão Reis saiu vitorioso. No quadro abaixo, figuram os prefeitos eleitos pelo Sufrágio<sup>18</sup> Universal. Foram escolhidos pelo voto direto, respectivamente:

### Quadro 2

Nomes dos Prefeitos Eleitos Pelo Sufrágio Universal e seus respectivos períodos

Prefeitos Eleitos Pelo Sufrágio Universal

| NOMES                           | PERÍODO                 |
|---------------------------------|-------------------------|
| Gastão Glicério de Gouveia Reis | 28/09/47 A 28/12/1950   |
| Braulino dos Matos Reis         | 01/01/1951 a 30/01/1955 |
| Francisco Correa                | 31/01/1955 a 30/01/1959 |
| Adolpho David                   | 31/01/1959 a 30/01/1962 |
| Joaquim Tenório Cavalcanti      | 31/01/1963 a 30/01/1966 |
| Moacyr Rodrigues do Carmo       | 31/01/1967 a 30/01/1970 |
| Francisco Estácio da Silva      | 01/01/1970 a 06/07/1971 |

Fonte: Braz e Almeida2019

No fim da década de 1940 a 1950, Duque de Caxias já tinha o seu primeiro prefeito. A cidade ia crescendo e o número de habitantes aumentou significativamente, pela proximidade com o Rio de Janeiro, então capital Federal. A chegada de migrantes com objetivo de viver e

<sup>18</sup> Sufrágio Universal – é o direito dado a todo cidadão adulto de votar e ser votado.

oferecer uma vida melhor para a família resultou em grandes loteamentos, contudo, com estruturas precárias. Os loteamentos cresceram e tornaram-se bairros. O crescimento populacional trouxe também problemas diversos, além dos que já possuíam estruturalmente. Braz e Almeida apontam que, nessa década, a região ainda era precária e o processo de urbanização estava longe do ideal:

Mas, ao longo desse processo, Merity, depois Caxias, ainda se viria pontilhada por fazendas decadentes, administradas por capatazes, desmembradas em sítios e chácaras entregues a meeiros ou abandonadas, que envolveriam os pequenos núcleos urbanos localizados no entorno das estações e os primeiros loteamentos e bairros da região. (BRAZ e ALMEIDA, 2019, p.56).

Em 1947, São João de Meriti se emancipou de Duque de Caxias e, anos mais tarde, em 1954, Imbariê originou outros dois distritos: Xerém e Campos Elíseos. A grande quantidade de loteamentos e povoamento originou um grande território retalhado. Braz e Almeida afirmam que:

Até 1949, haviam sido cadastrados junto ao governo municipal, 57.206 lotes e, durante o período de 1950 a 1959, mais 85.642 foram registrados. Planícies recém libertas dos pântanos pela ação saneadora do governo federal foram incorporadas à onda loteadora, mas esse processo estava longe de ser simples e 'pacífico'. (BRAZ e ALMEIDA, 2019, p.65)

A violência que já existia tornou os conflitos e as disputas pela terra um movimento perigoso e sangrento. Homens violentos e arbitrários tomavam posse de propriedades alheias e dos terrenos que já possuíam proprietários. Os loteamentos assim foram crescendo e dando forma aos bairros que contribuiriam para o crescimento do município.

Diferente de Nova Iguaçu, Duque de Caxias não construiu sua história com o cultivo dos laranjais, pois a topografia local não era a mais adequada para o plantio da fruta. O que marcou de fato sua história e teve grande importância durante o processo de emancipação, inclusive distinguindo-o dos municípios vizinhos e se tornando um marco, um símbolo do seu desenvolvimento e industrialização, foi a Fábrica Nacional de Motores (FNM). Em 1940, por incentivo do Ministério da Viação e Obras Públicas, surge no distrito de Xerém a FNM, empreendimento que estava calcado no projeto nacional desenvolvimentista da época e essa fábrica, com toda certeza, foi um dos percussores para a autonomia e instalação do município de Duque de Caxias. As obras principais foram finalizadas em 1945, com a fabricação de motores para aviões médios. Em 1946, apesar da entrega de alguns motores, a empresa ficou responsável pela revisão de motores de aviação, por consequência de entraves técnicos. Contudo, mesmo sendo uma importante peça no processo de industrialização do estado do Rio de Janeiro e da cidade de Duque de Caxias, em 1967 o empreendimento foi passado para a iniciativa privada. Nos anos 1970, ficou sob o acordo entre a Alfa Romeo e a Fiat. A FNM deu a Caxias a qualidade de cidade do motor, atributo lembrado até em letras de samba-enredo.

Na década de 40, mais precisamente na data de 13/06/1942, o estabelecimento da Fábrica Nacional de Motores (FNM), idealizada pelo Brigadeiro Antônio Guedes Muniz, chamou a atenção de uma grande parte de moradores de outras regiões para Duque de Caxias. A possibilidade de emprego criou expectativas para uma mão de obra em busca de oportunidade. A fábrica atraiu um número de migrantes, em sua maioria de nordestinos, que viam na Baixada uma região com semelhanças com os lugares de onde vinham, principalmente pelo clima quente. A fábrica, instalada em Xerém em 1942, produzia peças de motores de avião que seriam usados em aeronaves de treinamento militar, o que na época era muito útil, já que a Segunda Guerra Mundial estava em andamento e a base militar no nordeste brasileiro era utilizada, em troca, pelos Estados Unidos, que precisava ser abastecido pelos esforços de guerra e deu assistência financeira e técnica tanto para a FNM como para a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

**Figura 12**

Fábrica Nacional de Motores



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Anton Dworsak

Com o término da guerra em 1945, começaram a ficar prontos os primeiros aviões em 1946, mas já estavam ultrapassados. A produção da fábrica voltou-se para os motores de geladeiras, bicicletas, compressores, peças de trem e para o setor de motores, peças e tratores agrícolas. Em 1948, tornou-se uma sociedade anônima e dedicou-se somente à montagem de caminhões. Em 1949, em parceria com uma empresa italiana, fabricou apenas caminhões. Em 1950, a empresa parceira fechou suas portas. O fechamento, ocorrido em 1950, se deu por meio de um acordo com a Alfa Romeo, que faria a fábrica produzir apenas caminhões e chassis de ônibus. Em 1951, começou a produção, mas só no ano seguinte iniciou a comercialização das máquinas. Em 1958, lançou um modelo que foi inovado em 1967. Em 21 de abril 1960, a fábrica

lança o primeiro automóvel da sua linha, o FNM JK, em homenagem à inauguração de Brasília. Em 1968, a fábrica é vendida para a Alfa Romeo italiana e registra-se como uma das primeiras privatizações do Brasil. Em 1972, lança novos modelos e, em 1973, vende parte das ações para a FIAT, que assume completamente o poder em 1976 e produz até 1979. Em 1985, já administrada pela Iveco, empresa italiana, a venda de caminhões entra em declínio e, então, a crise vence - encerra suas atividades no Brasil e mantém na memória a importância que teve no processo de industrialização do município e no desenvolvimento do 4º distrito:

Durante a sua construção e na primeira fase de produção (1942/1947), a fábrica chegou a mobilizar algo em torno de 6.000 trabalhadores e suas famílias. Tornou-se também um polo de atração de migrantes mineiros e capixabas envolvidos na sua construção e manutenção, assim como na vila operária que a cercava. Havia também os que 'viam na local possibilidade de acesso à terra e de venda de produção agrícola para a fábrica, o que gerava condições favoráveis de permanência'. Em 1968, tornou-se uma empresa de capital misto e, em 1982, sob o controle da FIAT, foi transferido para Betim (MG), tendo sua linha de produção, em Xerém, encerrada. (BRAZ e ALMEIDA, 201, p 67).

A FNM havia iniciado sua fabricação de motores há cinco anos e Caxias ainda caminhava para uma emancipação. Era apenas um distrito que pertencia à Nova Iguaçu, cidade que ocupou quase todo o território da Baixada Fluminense. Além de Duque de Caxias, Nilópolis, São João de Meriti, Belford Roxo, Japeri, Queimados e Mesquita também pertenciam ao mesmo território. Atualmente, todos são municípios emancipados de Nova Iguaçu, sendo Mesquita o último deles.

O conceito de Baixada Fluminense apresenta vários significados. Ele pode assumir, de acordo com a pesquisa ou pesquisador, diferentes definições. A região denominada Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, é composta por 13 municípios, incluindo Duque de Caxias - Belford Roxo, Queimados, Nova Iguaçu, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Nilópolis, São João de Meriti, Seropédica, Paracambi e Mesquita. O conceito de baixada é amplo e, para esta pesquisa, utilizamos o conceito geopolítico de Santos (2014), que a define assim

Geograficamente, a Baixada Fluminense corresponderia à região de planícies que se estendem entre o litoral e a Serra do Mar, indo do município de Campos, no extremo Norte, até o de Itaguaí, próximo à cidade do Rio de Janeiro. Outro conceito fisiográfico utilizado pelos geógrafos e também recorrente é o de Baixada ou Recôncavo da Guanabara, restrito à região do entorno da Baía de Guanabara, indo de Cachoeira de Macacu a Itaguaí. (SOUZA, 2014, p.6).

A Baixada Fluminense possui uma população que corresponde à aproximadamente 3,5 milhões de habitantes, um terço da população do Estado. É a segunda região do Estado mais importante e uma das microrregiões mais importantes do país. Possui uma privilegiada área de recursos naturais, além de um amplo patrimônio histórico e cultural. A cidade de Duque de Caxias é o 3º município mais populoso do Estado, depois de São Gonçalo e Rio de Janeiro. Segundo informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Duque de Caxias tem a Densidade populacional de 1828,51 hab./km<sup>2</sup>. Seu Índice de Desenvolvimento



**Figura 14**

Mapa distrital de Duque de Caxias



Fonte: História e Geografia (VIANNA, 2006, p.123)

Os distritos, que antes se dividiam em 1º distrito, Duque de Caxias (ex-Caxias); 2º distrito, Meriti; e 3º distrito, Imbariê (ex-Estrela), passaram por mudanças administrativas e políticas e, em 1954, o município passou a apresentar a seguinte ordenação: 1º distrito, Duque de Caxias; 2º distrito, Campos Elíseos; 3º distrito, Imbariê e 4º distrito, Xerém. Abaixo, o Mapa com a separação dos quatro distritos de Duque de Caxias e acima, a localização do município no Estado do Rio de Janeiro. Fonte: IBGE (2016).

De acordo com VIANNA, 2006, p.124, os bairros de Duque de Caxias são divididos de acordo com o quadro abaixo:

### Quadro 3

#### Bairros de Duque de Caxias e seus respectivos distritos

| 1º DISTRITO          | 2º DISTRITO                | 3º DISTRITO            | 4º DISTRITO            |
|----------------------|----------------------------|------------------------|------------------------|
| Jardim 25 de Agosto  | Jardim Primavera           | Santa Lúcia            | Xerém                  |
| Parque Duque         | Saracuruna                 | Santa Cruz da Serra    | Parque Capivari        |
| Periquitos           | Vila São José              | Imbariê                | Mantiquira             |
| Vila São Luiz        | Parque Fluminense          | Parada Angélica        | Jardim Olimpo          |
| Gramacho             | Campos Elíseos             | Jardim Anhangá         | Lamarão                |
| Sarapuy              | Cangulo                    | Parada Morabi          | Amapá                  |
| Centenário           | Cidade dos Meninos         | Taquara                | Vila Canaã             |
| Dr. Laureano         | Figueira                   | Parque Paulista        | Cantão                 |
| Jardim Gramacho      | Chácara Rio/<br>Petrópolis | Parque Equitativa      | Parque Eldorado        |
| Centro               | Chácara Arcampo            | Alto da Serra          | Santo Antônio da Serra |
| Olavo Bilac          | Parque Eldorado            | Santo Antônio da Serra | São Judas Tadeu        |
| Bar dos Cavaleiros   | São Bento                  | Barro Branco           | Vila Santa Alice       |
| Engenho do Porto     | Pilar                      | Nova Campinas          |                        |
| Parque Lafaiete      | Vila Rosário               | Jardim Rotsein         |                        |
| Parque Beira Mar     | Pantanal                   | Vila Santa Cruz        |                        |
| Doutor Laureano      | Parque Muisa               |                        |                        |
| Parque Sr. do Bonfim | Vila Maria Helena          |                        |                        |
| Jardim Leal          | Parque Independência       |                        |                        |
| Corte Oito           | Parque Chuno               |                        |                        |
| Chacrinha            | Bom Retiro                 |                        |                        |
|                      | Parque João Pessoa         |                        |                        |

Fonte: Braz e Almeida (2019)

O 2º distrito é o segundo maior em tamanho e em número de bairros, enquanto o distrito de Xerém é o maior em extensão, considerando sua área de preservação ambiental, porém possui menor número de bairros e habitantes.

Duque de Caxias, em pleno crescimento, em 1949, recebeu, no 1º distrito, outro empreendimento que estava sendo inaugurado para movimentar a indústria do município e oferecer aos trabalhadores novas oportunidades de emprego. A conhecida “fábrica de tecidos”, Companhia União Manufatura de Tecidos S.A, foi uma marca importante deixada não só na memória dos caxienses como na vida profissional de muitos moradores e trabalhadores que vinham de outros municípios. Interligada às fabricas do Espírito Santo e Pernambuco, seus funcionários recebiam incentivos de cursos e ascensão profissional e usufruíam de benefícios, tais como assistência médica, odontológica, creches e outros, que se estendiam aos familiares dos trabalhadores.

Em 1962, recebeu maquinário moderno vindo da Inglaterra, que foi modernizado entre os anos de 1966 e 1971, o que fez aumentar a produção anterior. Em 1973, passou a produzir

sacos plásticos com o propileno<sup>19</sup> proporcionado pela REDUC. Nessa época, a fábrica funcionava em turnos, já contava com 2000 trabalhadores e mantinha-os integrados através de atividades esportivas, sociais e recreativas. Nas décadas de 1980 e 1990, a tecnologia avançou, e o trabalho executado lá não acompanhou a modernidade, levando-a a falir. Localizada no bairro Centenário, ao longo da antiga Estrada Rio–Petrópolis, era um ponto acessível para quem desejava chegar ao local. Bem perto da fábrica estava a “fortaleza” de Tenório, como era conhecida sua residência, e a Catedral de Santo Antônio, Padroeiro da cidade. Em frente à fábrica de tecidos, do outro lado da linha férrea, estava o Cemitério Nossa Senhora do Belém, conhecido como Cemitério do Corte Oito.

Em 1950, a população de Duque de Caxias aumentava de forma grandiosa. Cada família buscando seu espaço, pagando seu lote, plantando, lutando contra as constantes enchentes, sobrevivendo com água do poço ou da bica, buscando atendimento médico na capital ou (o que era também comum, na época) recorrendo aos “rezadores e curandeiros” que, com suas ervas, banhos e bênçãos, tratavam a quem buscava auxílio e valorizava suas crenças. Como o descrito em Braz e Almeida, só no final dos anos 1950 é que teve início a construção de um hospital público que, postergada repetidas vezes, só foi inaugurado em 1969, assim como um segundo, destinado ao atendimento infantil, em 1971. (2019, p.75)

A população experimentava situações diversas, seja de forma individual ou coletiva. Enfrentavam a lama e a poeira, transportes coletivos limitados, com horários e pouca opção. As escolas ainda eram poucas em relação ao número de habitantes. Segundo Vianna, a população crescia, mas o desenvolvimento local não acompanhava o crescimento populacional e as necessidades básicas da região:

Em 1950, a população de Duque de Caxias era de 123.432 habitantes: em 1960, chegava aos 243.619 habitantes, conforme dados do IBGE. E novas fábricas, lojas comerciais, escritórios, agências bancárias, órgãos públicos se instalaram na cidade. A Maria-fumaça, em suas idas e vindas ao Rio de Janeiro, transportava milhares de passageiros... A cidade crescia sem parar! (VIANNA, 2006, p.83).

A década de 60 já mostrava um município próspero, que vinha avançando há pelo menos três décadas. Na arte e cultura, era visto o crescimento, principalmente no 1º Distrito, como aponta Vianna:

Nos anos 60 que no campo cultural, o município começou a se despertar e foram inaugurados vários cinemas, Entre eles o Cine paz, Santa Rosa, River entre outros. A Biblioteca Municipal “Dr. Gastão Reis”, Teatro Municipal Armando Mello, que existe até hoje. Banda Lira de Ouro, Academia Duque caxiense de Letras e Artes (ADLA), escolas de música, escolas públicas, entre elas o Instituto “Governador Roberto Silveira” (1963) onde, em 1965, foi criado o curso Normal que formava professores de 1ª a 4ª série e 1966, o curso de Pedagogia sendo este, o primeiro curso superior da Baixada Fluminense (VIANNA, 2006, p.83).

---

<sup>19</sup> O polipropileno ou PP é um polímero termoplástico produzido a partir da polimerização do gás propileno ou propeno. Trata-se de um tipo de plástico que pode ser moldado quando submetido a temperatura elevada, desde embalagens para manteiga e sorvete, móveis de plástico, baldes, para-choques de automóveis até fibras e tecidos. por isso é classificado como um termoplástico. Para mais informações ver: <https://maispolimeros.com.br>.

O crescimento era nítido na população, na arte e na cultura. Com a extinção da fábrica de motores, na década de 1950, a população viu na Refinaria Duque de Caxias (REDUC) a oportunidade de exercer a mão de obra no próprio município, de modo que a refinaria passou a ser o polo de atração de novos habitantes e trabalhadores para a região. O trabalhador caxiense e os que migravam para a região poderiam, então, beneficiar-se de mais uma oportunidade de trabalho dentro da própria região que residiam.

A cidade, que estava em processo de industrialização, ainda oferecia muito pouco aos seus habitantes. A luz elétrica ainda não havia chegado a grande parte das residências. No atual bairro do Gramacho, em 1960, na atual Avenida Darcy Vargas, a iluminação utilizada era através do lampião. Parte do bairro se beneficiava com a luz elétrica que abastecia o Matadouro e Abatedouro Santa Lúcia, que foi extinto. Luz elétrica e água potável não chegavam a todas as casas, uma vez que a prestação de serviço de água e energia elétrica não acompanhava o crescimento populacional e a quantidade de residências que iam surgindo a cada década.

Em 1961, o atual governador do Rio de Janeiro, Roberto Silveira, marcou sua história em Duque de Caxias com a instalação da água na Praça do Pacificador. Porém, só o centro e os bairros próximos ao centro foram beneficiados. Menos de 70% dos moradores eram abastecidos até a década de 70. Essa inauguração foi um grande passo para o desenvolvimento local. No entanto, a falta d'água em Duque de Caxias, que era um problema crônico em muitos bairros, permanece até os dias atuais.

Nesse mesmo ano, em 20 de janeiro de 1961, com a criação do pólo petroquímico e a Refinaria de Duque de Caxias, o município se tornou atrativo para a instalação de muitas fábricas e um dos maiores centros industriais do Rio de Janeiro, tornando-se o segundo (2º) em arrecadação do estado e o sexto (6º) do país – embora a REDUC tenha iniciado suas atividades em 23 de julho de 1959, atraindo, também, trabalhadores e profissionais de toda parte, o que fazia o crescimento populacional saltar a cada ano.

Na década de 1970, o município de Duque de Caxias foi considerado uma área de segurança nacional, marcada pela presença das refinarias de petróleo existentes no município. Os prefeitos passaram a ser indicados pelo governo federal novamente; dessa vez, pelos militares que ocuparam o poder.

Em 1971, a Lei de nº 5.449 de junho de 1968 decretou o município de Duque de Caxias área de segurança nacional. A partir desse ato, as eleições foram suspensas e o regime militar, através da ditadura instalada no país, era quem nomeava os prefeitos. E foram nomeados, a partir desta data, pelo governo federal, os seguintes prefeitos:

#### Quadro 4

##### Prefeitos indicados pelo Governo Federal

|                                       |                         |
|---------------------------------------|-------------------------|
| General Carlos Marciano de Medeiros   | 07/07/1971 a 30/01/1975 |
| Coronel Renato Moreira da Fonseca     | 31/01/1975 a 31/01/1979 |
| Coronel Américo Gomes de Barros Filho | 01/02/1979 a 02/05/1982 |
| Hydekel de Freitas Lima               | 13/05/1982 a 31/12/1985 |

Fonte: Braz e Almeida (2019)

Durante um longo período, Duque de Caxias foi governado por Prefeitos interventores e indicados pelo governo Federal. Somente da década de 1980, o município pôde experimentar a democracia de fato. Veio a recuperar sua autonomia em 15 de novembro 1985, quando houve a primeira eleição. A população foi às urnas escolher seu governante por meio do voto, sendo eleito para prefeito Juberlan Barros de Oliveira, que governou de 1º de janeiro de 1986 a 31 de dezembro 1988. Porém, a maior vitória foi do povo caxiense, que teve o direito a escolher, além do prefeito, seus vereadores, deputados, senadores e presidente da república. A partir de 1986, os prefeitos eleitos pelo voto direto foram:

#### Quadro 5

##### Prefeitos eleitos pelo voto direto

| NOME                        | PERÍODO   |
|-----------------------------|---|
| Juberlan Barros de Oliveira | 01/01/1986 a 31/12/1988   |
| Hydekel de Freitas Lima     | 01/01/1989 a 27/08/1990 (saiu para assumir o cargo de senador da República e o seu vice-prefeito assumiu) |
| José Carlos Lacerda         | 28/08/1990 a 31/12/1992   |
| Moacyr Rodrigues do Carmo   | 01/01/1993 a 31/12/1996   |
| José Camilo Zito dos Santos | 01/01/1997 a 31/12/2000   |
| José Camilo Zito dos Santos | 01/01/2000 a 31/12/2004   |
| Washington Reis             | 01/01/2005 a 31/12/2008   |
| José Camilo Zito dos Santos | 01/01/2009 a 31/12/2012   |
| Alexandre Cardoso           | 01/01/2013 a 31/12/2016   |
| Washington Reis             | 01/01/2016 a 31/12/2020   |
| Washington Reis             | 01/01/2020 até 03/04/2022   |
| Wilson Miguel dos Reis      | 04/04/2022 até 31/12/2024   |

Fonte: <https://www.cmdc.rj.gov.br>

Depois da primeira eleição que ocorreu no município, através da qual se elegeu o primeiro prefeito, já foram sete os prefeitos eleitos e dois deles reeleitos por três vezes nesses trinta e sete anos.

A REDUC foi instalada na Rodovia Washington Luís (BR-040), que passou a ser conhecida como Rio-Petrópolis. A cidade apresentava um grande desenvolvimento populacional e, com isso, a oferta de locomoção e transportes também foi ficando obsoleta. Inaugurada em 1928 pelo então presidente Washington Luís, que tinha como lema principal:

“Governar é abrir estradas”, havia a estrada Rio-Petrópolis, que ligava Vigário-Geral, cidade do Rio de Janeiro, ao Pilar, em Duque de Caxias. A partir da necessidade de ampliar o tráfego, pela intensidade de circulação, surgiu outro caminho mais reto e mais rápido do que a Rio-Petrópolis antiga, e que acabou sendo importante no movimento intenso de veículos. Na década de 40 e 50, esse caminho, chamado de “Variante”, acabou se tornando o caminho principal entre a Avenida Brasil e as Serras de Petrópolis e Teresópolis, convertendo-se, então, na principal via para quem percorria esse trajeto.

A rodovia, criada com intuito de encurtar caminhos para a serra, teve também o objetivo de levar pessoas do centro do Rio de Janeiro aos bairros que foram surgindo ao longo de sua via. A via diminuiu o percurso, aumentando consideravelmente o fluxo rodoviário, influenciando de forma considerável o crescimento industrial, comercial e residencial de Duque de Caxias. Em 1º de agosto de 1959, é inaugurada, com a presença do Presidente Juscelino Kubistchek, a Rodovia Santos Dumont (BR-116), conhecida também como Rio-Teresópolis ou Rio-Magé. Essa rodovia perpassa pelo 2º e 3º distritos de Duque de Caxias e limita os municípios de Duque de Caxias e Magé.

Em 1992, foi inaugurada, pelo então Governador Leonel de Moura Brizola, a RJ-071 (Linha Vermelha), Via Expressa Presidente João Goulart, que também passou a receber o fluxo rodoviário da Washington Luís. A Washington Luís (BR-040) é ligada a Itaguaí pelo Arco Metropolitano. Foram muitos atrasos e seis anos de obras, até que 71 km foram inaugurados em 01 de julho de 2014. O projeto era ligar Itaboraí até Itaguaí, passando por vários municípios, inclusive Duque de Caxias. O trecho de 145 Km não foi totalmente concluído e a obra finalizou em parte de Guapimirim. O projeto foi criado em 1974, com a definição da rodovia RJ-109, e inaugurado pelo governador da época, Sérgio Cabral.

A REDUC está localizada em local estratégico e próximo às principais vias que interligam os municípios da Baixada fluminense e a Região Metropolitana. Dá acesso para os três outros estados da Região Sudeste, principalmente São Paulo, o qual se destacou consideravelmente em relação aos outros dois estados, Espírito Santo e Minas Gerais. Além das rodovias próximas, os portos do Rio de Janeiro muito contribuíram com o escoamento dos produtos produzidos pela Refinaria.

O contínuo crescimento demográfico não vem sendo acompanhado pela prestação dos serviços básicos e de postos de trabalho que atendam a população. Embora tenha crescido o centro comercial do município, isso não tem garantido emprego para toda a população. Cresceram as oportunidades, a industrialização e o comércio, mas a população ainda busca no Rio de Janeiro oportunidades que não encontram aqui no município. As grandes vias são ocupadas por um tráfego maior, instalação de novas indústrias e empresas diversas, o que possibilita a procura pela moradia com custo dentro um patamar possível, para que a população

adquirir seu imóvel. Cresce, com isso, o mercado imobiliário e o aparecimento de novos loteamentos, construtoras, imobiliárias e a comercialização do espaço. Dessa forma, a Washington Luís foi – e tem sido – extremamente importante no desenvolvimento social, político e econômico para o desenvolvimento de Duque de Caxias, especialmente, para alguns dos seus bairros.

Lustosa, em sua obra, descreve as belezas de Duque de Caxias. A obra foi citada em 1958 como um poema que reflete grande admiração por parte de seu autor:

São surpreendentes as belezas naturais de Duque de Caxias. A diversidade de panorama encanta os mais exigentes. A paisagem é deslumbrante. Belezas e riquezas foram distribuídas por todos os recantos. À proporção que vai o viajor penetrando no interior do município, o entusiasmo vai aumentando, pois, os soberbos panoramas com as maravilhas do monumental conjunto deslumbram. Os crepúsculos divisa dessas paisagens paradisíacas só se avantajam às auroras de mágicos encantos. Essas paisagens, de aspectos raros, empolgam o observador quando completadas pelo casario branco, circundado pelos pomares e pela mata. Rios e riachos deslizam, mansamente pela planície, beijando a relva verde que se atapeta às margens. Grandes áreas de vegetação silvestre, são vistas às margens da Estrada de Ferro, e das rodovias, dando a impressão de abandono, e parecem estar suplicando, que venha alguém em seu socorro, para libertá-la da letargia, é como se quisessem dizer que estão na expectativa, esperando pelo homem, para juntos, de mãos dadas, partirem para o futuro grandioso. (LUSTOSA, 1958, p.237).

A bela natureza encontrada em Duque de Caxias ansiava pelas mãos humanas para crescerem e se orgulharem, juntas, dos grandes feitos. A realidade não foi bem assim, e hoje resta muito pouco da natureza encontrada em Jardim Primavera em relação à época do seu encantamento.

### ***2.3. JARDIM PRIMAVERA: O BAIRRO QUE ACOLHE MIGRANTES, INSTALA A FAMÍLIA DWORSAK***

A Baixada Fluminense recebeu muitos migrantes desde o início do século XX. Chegaram aqui as mais diversas nacionalidades. Portanto, em nossa pesquisa, iremos focar apenas no Bairro de Jardim Primavera, em Duque de Caxias.

A História de Jardim Primavera começa quando, na década de 40, um espanhol, denominado Constantino Regis perde seu filho assassinado em uma emboscada e, desgostoso com o ocorrido, resolve ir embora e vender suas terras para Nelson Cintra. Não se sabe se o pagamento fora feito no ato da compra ou posteriormente, conforme seriam vendidos os lotes. Inicia ali, no 2º distrito, um empreendimento imobiliário precursor do que seria, mais tarde, um grande bairro. Seu proprietário, Nelson Cintra, tinha um ideal urbanístico elitizado, um loteamento com aparência especial, construído para oferecer bem-estar aos futuros habitantes, conforme afirma Manhães: “Atendendo às exigências técnicas do decreto-lei 58, do antigo Distrito Federal, cuidou para que as ruas principais fossem demarcadas com meios-fios, arborização, rede pluvial, etc.”. (MANHÃES, 2004, p.94).

Em 1945, o paulista Nelson da Silveira Cintra chegou a Jardim Primavera, fixou sua residência e, em 1946, iniciou o loteamento. Ele era músico do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e conhecido, também, como administrador de empreendimentos imobiliários. Com o objetivo de iniciar um loteamento na região, leiloou um violino para comprar as terras. A ideia era criar 451 lotes que medissem cerca de 500 a 1.500m<sup>2</sup>. Segundo os arquivos do Centro de Referência Patrimonial e Histórico de Duque de Caxias (CRPH/DC), é possível afirmar que:

O atual bairro de Jardim Primavera, em seus primórdios, era parte integrante de uma grande fazenda, a Luis Ferreira, que seguia os moldes das culturas da época, passando por canaviais, laranjais e uma pequena parte de plantação de subsistência, demonstrando, assim, a função rural da região na época. Em um segundo momento essa fazenda passa por um grande loteamento, e é dividida em diversas partes, dando origem a alguns bairros do 2º distrito de Caxias (Campos Elíseos), como Saracuruna, Campos Elíseos, além do próprio Jardim Primavera, entre outros. O loteamento que deu origem ao bairro foi adquirido pelo Sr. Nelson da Silveira Cintra, em 27 de dezembro de 1945, época na qual Duque de Caxias já havia se emancipado, mas ainda não possuía um aparelho de Estado com prefeito e vereadores. (Fonte: Arquivo CRPH/DC – Museu Vivo de São Bento).

Em Duque de Caxias, os loteamentos foram se constituindo nas proximidades das estações ferroviárias de Duque de Caxias, Gramacho, Campos Elíseos e, também, por toda extensão da Rodovia Washington Luís. Em Lustosa (1958, p.242) “Neste Bairro, dos mais modernos, encontram seus moradores os melhores recursos da técnica. Uma Estação Ferroviária do mais requintado modelo arquitetônico foi construída inteiramente por Nelson Cintra, doada a Estrada de Ferro Leopoldina”. Aos poucos os loteamentos foram se expandindo e ruas foram sendo abertas, originando novos bairros. O número de residências e comércios ia crescendo, e o povoamento nas proximidades das estações, aumentando cada vez mais. A estação ferroviária de Jardim Primavera foi inaugurada em 1953. Possuía um relógio de origem inglesa que ficava em uma torre. Eram apenas seis viagens diárias que os trens realizavam diariamente.

### **Figura 15**

Estação ferroviária de Jardim Primavera



O bairro de Jardim Primavera é muito grande. Foi formado pelo Loteamento Nelson Cintra, pela Chácara Rio-Petrópolis, pela Vila Maria Helena e pelo Loteamento Santana do

Pilar. O Loteamento Nelson Cintra marca a entrada da Avenida Primavera, atual entrada da Praça da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. Os loteamentos eram, em sua maioria administrados por empresas imobiliárias, pelo Banco Central Brasileiro S/A e por iniciativas privadas, lideradas por cidadãos com interesses particulares. No caso de Jardim Primavera, Nelson Cintra foi o responsável pelo empreendimento. Nas décadas de 1940 e 1950, surgiram diversos loteamentos que dividiram o município de Duque de Caxias e daí surgiram os muitos bairros, dos quais Jardim Primavera faz parte.

### **Figura 16**

Início do loteamento do bairro de Jardim Primavera



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

De acordo com Ferdinand Dvorsak, no final da década de 1950 o bairro de Jardim Primavera ainda estava em processo de crescimento: muitas ruas sendo abertas e loteamentos sendo construídos, mas a vegetação ainda prevalecia na maior parte da região.

Quando nós chegamos aqui em primavera, tinham poucas casas e quando a gente queria atravessar aqui era mato à dentro. Pô, tinha arranha-gato! Eu me lembro de que levávamos quase um dia para passar de uma rua para outra porque não tinha uma passagem; era muito mato, mata fechadas, árvores altas. Você entrava de dia e no meio do mato estava escuro como se fosse de noite, muito escuro! Imagina como era essa região aqui, ainda num estado bem natural? Que as ruas eram de barro, né! (FERDINAND DWORSAK et.al., 2022, p.2)

O bairro crescia e as ruas começavam a ser abertas; as casas foram sendo construídas e surgiu, então, um novo loteamento no bairro de Jardim Primavera. Os migrantes que chegavam ao bairro e fixavam suas residências foram construindo suas casas, de acordo com o que podiam e com suas referências arquitetônicas.

## Figura 17

### Início do loteamento do bairro de Jardim Primavera



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

O bairro já oferecia uma estrutura voltada para o público estrangeiro, já que era conhecido como a “Suíça” brasileira. Era uma área com muito verde, árvores frutíferas, ar puro e pouco explorado. A impraticabilidade era por ser uma área rural e o desenvolvimento custaria a chegar. Os migrantes chegavam aqui buscando viver uma vida tranquila, longe das perseguições, falta de trabalho e dificuldades diversas, as quais viveram em seus locais de origem. Era um bairro arborizado e com clima ameno, o que atraiu compradores estrangeiros de diversas nações. Esses chegavam vindos de países destruídos pela II Guerra Mundial ou ocupados por governos e políticas que não permitiam a liberdade e o bem-estar da população. De acordo com Peter, que também era um migrante, quando chegaram ao bairro com seus pais e irmãos, no final da década de 1950, o bairro era uma grande floresta e o loteamento crescia, mas devagar.

No final dos anos 50-60, isso aqui era uma grande floresta. Aqui nessa rua, onde (...) tinham duas ou três casas, a gente andava até a escola de primavera, era tudo mato, dos dois lados. Hoje (...) você olha em volta, tudo povoado, virou uma cidade. Inacreditável! Pra quem viu aquilo tudo floresta, agora ver tudo uma cidade, imensa cidade! Realmente, é uma transformação. 60 anos! (PETER DVORSAK et.al., 2022, p.10)

Em Duque de Caxias, alguns bairros foram planejados de uma forma melhor, com mais estrutura. Segundo aponta Braz e Almeida (2019, p.85): “Bairros como Jardim Primavera e o Bairro 25 de Agosto, retratavam o status social dos seus moradores. Eram bairros com espaços mais organizados e melhor equipados para receber novos moradores”. Eram muitos migrantes, trabalhadores recém-chegados, homens e mulheres pobres, mas dispostos a lutar por uma vida melhor e pela sobrevivência da família. Geralmente, chegavam primeiro os homens, os chefes

da família e, quando se estabilizavam no trabalho e podiam garantir uma residência pra família, chegavam os outros integrantes: mulher e filhos e até outros parentes. O objetivo era sempre o de reconstruir os laços familiares e os meios de sobrevivência, onde o esforço de cada um contribuía com o sucesso e o bem-estar de todos. O Bairro de Jardim Primavera, segundo Manhães:

(...) Jardim Primavera, pois este bairro concentrou vários grupos de origens internacionais, como alemães, austríacos, poloneses, italianos, judeus, árabes, entre outros. Pretendemos contribuir para este debate analisando a relação desses grupos estrangeiros com a comunidade, suas tradições mantidas e perdidas, e suas interações na vida sociocultural da localidade e da região (...). A maior parte dos netos proprietários era constituída por duas classes distintas: a primeira, de imigrantes advindos de vários países devastados pela Segunda Guerra Mundial, tais como alemães, austríacos, poloneses, italianos, judeus, árabes, etc. A segunda, de migrantes do próprio estado, de municípios vizinhos e de outros estados. Os pioneiros que aqui chegavam, vinham em busca do sossego das áreas verdes semiexploradas e ricas em oxigênio puro, porém logo sentiam as desvantagens e dificuldades de uma zona rural com algumas perspectivas de urbanização, embora remotos (MANHÃES, 2004, p. 91-92).

Os migrantes estrangeiros foram se familiarizando, mas muitos marcados pela descrença, já que chegavam oriundos de uma federação onde a guerra e a rivalidade eram uma realidade. Com a chegada de conterrâneos e migrantes de outras nacionalidades, passaram a tomar iniciativas de aproximação e formarem grupos, associações, alguns até fechados. Segundo Manhães (2004, p.93): “(...) o bairro teve um cinema, que foi construído por um imigrante iugoslavo”. Eles se reuniam para beber, jogar e se divertirem. A população tinha como diversão as festas de comunidade, das igrejas e famílias. As brincadeiras aconteciam nas praças, nas ruas e nos campos de várzea. Os times costumavam ser patrocinados pelos comerciantes e políticos e as sedes se tornavam também locais de reuniões. Alguns estrangeiros chegavam sem nenhuma ajuda; outros vinham a convite de alguém, que oferecia determinado apoio, como trabalho e moradia. A maioria era pobre e tinha costumes simples, mas com esforço e trabalho conseguiam se assentar e constituir sua estabilidade, mantendo sua família dentro dos padrões da época. Geralmente, as atividades profissionais dos moradores eram mais simples como domésticas, ferramenteiros, pedreiros etc. Muitos se deslocavam para a cidade do Rio de Janeiro ou outros municípios para trabalhar, o que acentuava a dificuldade, já que o transporte no bairro era precário. A única opção naquela época era o trem da Leopoldina Railway como meio de chegar à capital, que se tornava muito distante pela falta de acessibilidade. O transporte foi irregular durante décadas. Só no final dos anos 1950 surgiram as primeiras “lotações”, que mais tarde foram substituídas pelos ônibus da Empresa Junel, com sede em Santa Cruz da Serra. Circulavam apenas dois ônibus de manhã e dois à tarde. Mais tarde, a Junel tornou-se a principal empresa de transporte da região. Posteriormente, a Trel e a União assumiram o transporte rodoviário. Até os anos 80, os ônibus circulavam de hora em hora. Atualmente, a mudança foi

pouca em relação à prestação de serviços de transportes na região e ainda permanecem muitos problemas e precariedade.

### **Figura 18**

Modelo de ônibus que atendia Jardim Primavera, em 1947



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

Em Jardim Primavera não havia praça e nem escola pública. Existia somente uma escola particular, o Ginásio Primavera. Em 1951, cumprindo a promessa feita ao Sr. Constantino Régis, o senhor Nelson Cintra mandou edificar no lugar onde o filho do proprietário foi assassinado de tocaia o Ginásio Primavera, composto de uma Escola Maternal e Jardim de Infância, denominada de Escola Pássaros do Brasil, o Ginásio Primavera, com curso primário, admissão, ginásio e técnico em contabilidade, além de cursos de Línguas, educação física e música. Foi um dos primeiros colégios a oferecer o curso de Formação de Professores no município. Era dirigido pelo professor Heitor Combat e contava com cerca de 300 alunos. Os alunos tinham disponíveis, para recreio, esportes diversos e piscinas no Clube Primavera. Em 1958, foi construída a primeira escola pública, o Grupo Escolar Minas Gerais, atual Escola Estadual Minas Gerais. Lustosa completa dizendo:

(...) Um dos mais prestigiados e completo colégio, para Educação e instrução, encontra-se no referido bairro, enriquecendo o município com uma das realizações mais caras no gênero, porque sua construção e aparelhagem importaram em mais de Dez milhões de Cruzeiros, não pararia aí a obra de Nelson Cintra, que sabe ser a Educação um complexo problema que exige a prática de esportes, daí ter ele construído a mais aparelhada piscina do município (...) (LUSTOSA,1958, p.245).

## Figura 19

### Ginásio Primavera



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

O professor Heitor Combat<sup>20</sup> foi o professor de português, inglês, francês e alemão, além de lecionar geografia, história e ciências. Sempre ligado ao meio musical, fez curso de música, canto e regência. Foi diretor do Ginásio Primavera por muitos anos.

Foi nessa escola que os dois filhos mais velhos de Anton Dworsak foram matriculados quando chegaram ao Brasil. Segundo Ferdinand, a escola era de primeira e muito conceituada. Funcionava só até o ginásio, quando foram alunos. Peter lembra que estudou francês e latim e tanto a escola como o diretor tiveram muita importância na vida deles, principalmente pela atitude tomada ao saber do falecimento do seu pai:

Heitor Combat era diretor e também era proprietário da escola. Ele soube que papai tinha falecido e que estava abrindo uma escola. Ele falou pra mamãe: “olha os seus filhos, não se preocupe, eles vão se formar, de graça até o final do curso”. (PETER DWORSAK et.al., 2022, p.5).

---

<sup>20</sup> Heitor Geraldo Magella Combat, nasceu em Bom Jardim, RJ em 1912. Aos 12 anos, ingressou na congregação dos irmãos Maristas e permaneceu lá até os 22 anos. Mudou-se para São Paulo para estudar e trabalhar. Fez curso superior de magistério e foi professor de várias línguas. Mudou-se para cidade de Cássia, MG em 1971 e hoje dá nome ao centro olímpico e à escola de música do município.

## Figura 20

Diretor Heitor Combat



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

Na década de 1950, já havia um total de 135 escolas no município. A maioria era particular, somavam 101 unidades. As estaduais e municipais somavam juntas 34 unidades. A rede particular mantinha 70% das vagas oferecidas no município, enquanto as outras 30% ficavam a cargo da educação pública. Enquanto a população passava dos 200 mil habitantes, as vagas na rede escolar atingiam um total de 27.659 matrículas. A maioria da população não tinha renda suficiente para pagar escola para os filhos que, na maioria, eram sempre mais de um. Com isso, a oportunidade de estudar ficava distante da realidade de muitos caxienses e o analfabetismo crescia cada vez mais. Afirma Braz e Almeida:

Os números do recenseamento de 1950 revelavam que de 20.152 crianças com idade entre 5 e 14 anos, apenas 7.761 eram alfabetizadas e que dos 92.459 habitantes do município, cerca de 31.789 não sabiam ler e escrever. Em 1957, segundo dados da Agência de Estatística do Município, havia 10.000 crianças em idade escolar fora das salas de aula. Não só no que diz respeito aos números, mas também às condições em que se dava o processo educacional, eram muito precárias.” (BRAZ e ALMEIDA, 2019, p.73)

As poucas escolas que existiam não tinham prédios próprios, algo que permanece até os dias atuais. Eram instaladas em casas alugadas, galpões e locais inadequados. Assim como eram inadequados, também, os mobiliários e os materiais de trabalho utilizado pelos professores. Os professores, que eram indicados pelo poder público, nem sempre tinham formação necessária. A educação vivia uma situação de abandono. As crianças, nos bairros mais afastados, eram impedidas de estudar pela falta de recursos e de oferta de vagas dos órgãos públicos.

Em 1958, o bairro de Jardim Primavera foi considerado o “Paraíso das Delícias” e contava com cerca de 3.000 habitantes, mas escola pública não havia, segundo os arquivos do CRPH/DC. Em 1958, no Jornal Tópico, a descrição do bairro de Jardim Primavera como

“Paraíso das Delícias”: “Dispõe, atualmente, de quatrocentas residências, onde vivem 3 mil pessoas, entre brasileiros (a maioria), alemães, suecos, austríacos, italianos, espanhóis, portugueses, tchecos e húngaros. Segundo Lustosa:” No conjunto residencial existem as mais modernas construções dotadas, quase todas, de excelentes jardins, o que dá ao bairro um aspecto de cidade Europeia” (...) (LUSTOSA, 1958, p.242). Algumas casas e a escadaria permanecem com a mesma fachada até os dias atuais.

**Figura 21**  
Arquitetura estilo europeu



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

Essa foto retrata uma das construções, em estilo europeu, das primeiras residências construídas no bairro. Algumas delas resistem ao tempo e conservam a mesma fachada, sendo possível, atualmente, identificá-las no bairro.

**Figura 22**  
Fachada residencial construída em Jardim Primavera



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

O Parque Municipal da Caixa D’água foi criado no alto do morro, conhecido com o mesmo nome dado ao parque, com objetivo de preservar sua fauna característica da Mata

Atlântica. São encontrados lá, também, alguns tipos de plantas da região. O escadão, construído há algumas décadas, faz parte do dia a dia de muitos moradores adeptos à prática de atividades físicas e ao ar livre em meio à natureza.

### **Figura 23**

Escadão de Jardim Primavera



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

Os imigrantes que chegaram a Jardim Primavera eram, principalmente, alemães, eslavos, finlandeses, italianos, iugoslavos, etc. Construíram ali suas tradições, suas famílias e seus nomes, que permanecem até hoje em alguns lugares, como a própria escola estudada - Anton Dworsak, a Pizzaria Calabrisella e a Cantina Bonavitta, que funcionou até poucos anos. São tradições ainda mantidas, mas outras ficaram perdidas no tempo e só existem na lembrança de quem viveu a época. Chegaram ao bairro, também, migrantes de cidades próximas e de outros estados do país, buscando no Rio de Janeiro oportunidades que em seus estados de origem não eram encontradas. Nessa época, a localidade contava com 23 casas comerciais, o que, de certa forma, manteve o polo gastronômico que existe no bairro e a diversidade comercial.

A padaria “São Severino” permanece funcionando com grande movimento até os dias atuais; porém, hoje, com outro nome.

Possuía, ainda, o Clube Primavera, fundado em 23 de setembro de 1948, considerado de utilidade pública por leis federal e municipal, com novecentos sócios. Era recreativo, cultural e de assistência social. O Clube Primavera disponibilizava transporte para seus empreendimentos esportivos e culturais. Segundo antigos moradores, o privilégio de viajar sentado era apenas para os sócios do Clube. Aos outros, restava viajar em pé. Além do Clube Primavera, os clubes eram sempre uma alternativa de lazer e recreação. Nem todos os moradores tinham acesso a esse tipo de diversão, que geralmente era frequentada pelos

moradores com maior poder aquisitivo. Entre os mais antigos estavam, segundo Braz e Almeida (2019, p.78) “[...] a Agremiação Esportiva Aliança, fundada em agosto de 1943, o Clube Recreativo, em agosto de 1947 e, principalmente, “o aristocrático” Clube dos 500, criado em setembro de 1952”. Outros clubes seguiam uma proposta mais aberta, aonde a população poderia ingressar. Entre eles, o Clube Belém (no centro de Duque de Caxias), Gramacho, Rosário (em Saracuruna), São Bento e Primavera Mocidade.

Além do lazer, a religiosidade da população também era uma preocupação de Nelson Cintra, por isso percebeu a necessidade de construir locais em que as pessoas pudessem praticar suas crenças. Há registro de que havia uma igreja Católica, uma igreja Batista e um Centro Espiritualista. Os Protestantes se reuniam na casa do Sr. Fuche e o pastor era o Sr. Kreutlin, conforme afirma Lustosa:

(...). Também havia a necessidade da instrução religiosa livre, como convém ao regime democrático, então Nelson Cintra construiu uma Igreja Católica Romana, um templo cristão, um local para o desenvolvimento espiritualista, satisfazendo assim todas as manifestações das necessidades religiosas. (...). (LUSTOSA, 1958, p.243)

Dos templos citados acima, só temos conhecimento da existência da Igreja Católica São Judas Tadeu e da Igreja Presbiteriana de Jardim Primavera, atualmente com 62 anos. Não conseguimos confirmar a existência nem resgatar a história dos outros locais de culto.

#### **Figura 24**

Templo da Igreja Católica São Judas Tadeu no início e após ser concluída



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

A água encanada também foi ofertada aos novos moradores, conforme prometido pelo grande idealista Nelson Cintra. O loteamento foi servido com a distribuição de água potável, construída numa grande caixa d'água que existe até hoje. Segundo Lustosa, a água do bairro

era oferecida com fartura e qualidade: “(...) cujo serviço de distribuição se faz por processos moderníssimos, de forma a permitir que o precioso líquido seja servido filtrado e esterilizado por processo de fluoretação”. (LUSTOSA, 1958, p.243).

**Figura 25**  
Construção da caixa d’água



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

O morro da caixa d’água ficou conhecido e hoje é uma reserva ambiental. O morro da caixa d’água tornou-se o Parque Municipal da Caixa D’água desde 1991, a partir do decreto Municipal nº 2238. Essa caixa d’água de estrutura arredondada servia para armazenar e abastecer as residências locais desde o início, quando surgiu o loteamento. Foi construída no ponto mais alto, em meio à vegetação.

Braz e Almeida comentam que: “Água encanada só a partir de 1961, mas somente para o centro e os bairros próximos. Até a década de 1970, pelo menos 70% dos moradores do município não dispunham ainda desse serviço.” (2019, p.96). A água encanada sempre foi um problema para os moradores de Duque de Caxias, embora o reservatório encontre-se em Xerém, no 4º distrito do município. Ainda que seja uma localidade rica em água, rios e cachoeiras, não há fornecimento de água potável a todos os moradores da cidade.

### **Figura 26**

Reservatório para abastecimento do bairro



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

Assim como a água, o serviço de telefonia não poderia faltar no novo bairro. Com todo idealismo de construir um bairro “modelo”, para Cintra seria incoerente o loteamento não possuir um Posto Telefônico. Superou os obstáculos e conseguiu realizar sua instalação, tornando o bairro cada vez mais elegante.

Cintra pensou em tudo e a energia elétrica não poderia faltar. Nenhum detalhe faltou ao organizador, que se comprometeu de oferecer um bairro de excelência aos novos moradores. A Luz chegou ao tão sonhado bairro de Nelson Cintra e, afirma Lustosa (1958, p.244). “Desfrutam assim os moradores do melhor serviço no gênero”. Muitos moradores conseguiram a luz elétrica com esforços próprios e ajuda da comunidade.

### **Figura 27**

Início do fornecimento de energia elétrica no bairro



Fonte: CRPH/DC - Museu Vivo de São Bento

O resultado desse grande povoamento levou o município a ser dividido em um grande espaço loteado. Segundo Braz e Almeida (2019, p.78): ” Até 1949, haviam sido cadastrados junto ao governo municipal 57.206 lotes e, durante o período de 1950 a 1959, mais 85.642 foram registrados”. Conforme a população foi crescendo, os problemas relacionados à moradia também. Muitas terras ocupadas ilegalmente, enquanto outros perdiam as suas por gangs armadas que invadiam as propriedades. Afirma Alves (2020):

Apoderando-se de terras alheias através de documentos falsos e despejando lavradores através de recursos que iam das ações judiciais ao uso da violência de policiais e de jagunços, eles operaram uma profunda ruptura nas relações até ali entre lavradores e proprietários (p.122).

Os documentos emitidos pelos vendedores e imobiliárias eram guardados como algo precioso. Era a garantia de um dia ter em mãos seu lote tão sonhado, sua escritura tão almejada. Os carnês e os documentos emitidos na hora da compra eram guardados com todo cuidado de quem não quer perder o que conquistou com tantos esforços. A Rio-Petrópolis, que recebia o tráfego da população e da grande maioria dos transpores, também era local de tocaia e mortes. O município cresceu e vários bairros surgiram. No entanto, nem todos cresceram ou se desenvolveram da mesma forma. Alguns ficaram perdidos no tempo, e outros permanecem até hoje:

A transição de loteamentos para bairros não foi imediata, muitos empreendimentos fracassaram, outros tiveram sua ocupação realizada muito lentamente, o que propiciou, durante anos, a existência de um ambiente intermediário entre o rural e o urbano, com uma paisagem pouco habitada, cheia de terrenos baldios e a inexistência quase total de equipamentos urbanos (BRAZ e ALMEIDA, 2019, p.79).

Poucos bairros foram planejados de forma adequada. Algumas vantagens oferecidas ao comprador jamais foram cumpridas por determinados loteadores. A maioria dos bairros não apresentava a infraestrutura adequada, nem as vantagens previstas pelas imobiliárias. Os próprios moradores que adquiriam o seu lote se responsabilizavam pela instalação dos serviços básicos de água, luz e saneamento. Era comum as fazendas, chácaras e sítios que originaram tantos loteamentos receberem melhorias de quem também construía sua casa. Em alguns lugares, apenas as ruas abertas já eram o suficiente para surgirem vendedores e compradores que, com a esperança de adquirir a casa própria, se aliavam a outros com os mesmos interesses e buscavam melhorar a localidade a qual haviam escolhido para viver. Braz e Almeida (2019), afirmam: a precariedade fazia homens e mulheres, proprietários ou moradores, a buscar sair da situação precária na qual viviam. Os serviços básicos dependiam de quem usava e não de quem deveria se responsabilizar:

Desde a obtenção da luz elétrica e no furo de poços para obtenção de água para o uso doméstico. Tudo isso, é claro, posterior e/ou concomitantemente à aquisição do modesto lote e a penosa construção da residência, por si só uma penosa epopeia familiar (p.83).

Atualmente, a maior e principal dificuldade encontrada nos lançamentos dos novos loteamentos se dá pelo fato de pessoas ligadas ao executivo e às empresas loteadoras não administrarem como deveria, e sim como lhes convém. Os interesses próprios dos políticos impedem um trabalho transparente que de fato favoreça a população. Os loteamentos que deveriam ser fiscalizados e construídos com a estrutura apropriada, são lançados como um local de moradia sem qualquer estrutura. A História de Duque de Caxias se prolonga com fatos em que políticos, funcionários de cartórios e hoje, os milicianos, tomam o poder de quem deveria garantir moradia e transforma o local em “uma colcha de retalhos”. São inúmeros loteamentos irregulares, locais sem qualquer estrutura ou legalização que são comercializados sem documentação adequada e qualquer garantia de posse. Um exemplo citado por Braz e Almeida:

[...] foi no governo do prefeito Braulino de Matos Reis, que antes de assumir a prefeitura no período de 1952 a 1955, ganhava a vida como corretor da Empresa de Melhoramentos Caxias Ltda, tabelião do Terceiro Ofício de Notas do município e deputado federal. (BRAZ e ALMEIDA, 2019, p.92).

Não era sem motivo que seu governo era atacado pela oposição e pela imprensa, pois era muito óbvia sua relação com as vendas dos lotes e o poder exercido através do cargo que ocupava. Motivos havia o suficiente para a população reclamar acerca dos direitos que lhe eram tirados no governo de Braulino Reis. Eram escolas e prédios públicos sem conservação, Transporte sem horário e condição de transitar, ruas sem asfalto, água, luz e esgoto.... Assim foram construídos os loteamentos em Duque de Caxias. Atualmente, é um município grande, que possui muitos habitantes, comércios concentrados em determinados pontos, conhecido pela quantidade de condomínios residenciais e pelo polo gastronômico que possui. O bairro de Jardim Primavera fica no centro geográfico do município, onde fica localizada a sede da prefeitura de Duque de Caxias – desde a década de 90 se instalou no bairro e a sede da prefeitura deixou o Centro de Caxias para ocupar o Jardim Primavera. Essa transferência proporcionou várias mudanças no bairro, principalmente a facilidade de acesso às principais rodovias. A localização às margens da Rodovia Washington Luís facilitou o crescimento do bairro e o surgimento de outros, proporcionado pela acessibilidade e viabilidade de transportes para o centro do Rio de Janeiro e para bairros vizinhos.

Em número de escolas, o bairro precisa muito melhorar e atender a demanda que possui. Conta com apenas uma creche e três escolas públicas da rede municipal, duas com o primeiro segmento e uma que atende da Educação Infantil até a Educação de Jovens e Adultos, que é a Anton Dworsak. São escolas pequenas que, apesar da obrigatoriedade, ainda não são suficientes para oferecer vagas para toda a comunidade que, por direito, deveria estudar. Possui maior número de escolas da rede estadual, porém essas, em sua maioria, acolhem os estudantes da rede municipal no segundo segmento e no Ensino Médio. Após 60 anos de luta para construir

uma escola pública que atendesse a comunidade local de Jardim Primavera, ainda é preciso crescer, lutar, mobilizar muita gente, a fim de ofertar a todos a educação garantida por Lei.

---

## CAPÍTULO 3: ESCOLA MUNICIPAL ANTON DWORSAK: SUA HISTÓRIA, ORIGEM E MEMÓRIA

---

### 3.1- ANTON DWORSAK: A HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

De acordo com o historiador Bloch<sup>21</sup> (2002, p.52 e 55): a História é a ciência “dos homens no tempo”. Ele chama a atenção para o “Tempo”, que é o grande definidor da história. E a História remete à reflexão dos fatos e acontecimentos, das diferentes formas de vida humana nos diferentes tempos e espaços. E nela é possível compreender e, às vezes, explicar as diferentes relações sociais e suas consequências. A História é presente, e por ela é possível conhecer o passado.

O homem é resultado do seu tempo e nele se transforma, e transforma o que está à sua volta. Em cada época, os homens são diferentes e mostram seus interesses a partir da sua realidade e necessidade. Partindo desse princípio, faremos o estudo da Escola Municipal Anton Dworsak.

Desse modo, pensar a pesquisa no campo da História da Educação é importante para refletirmos sobre a atuação na pesquisa que queremos desenvolver sobre a história das instituições escolares. E naquilo a que nos propomos, importa uma apreciação sobre o atual desempenho e instituição dos estudos historiográficos. Conforme afirma Le Goff (2003, p.28): “É oportuno esclarecer que a historiografia é concebida por nós como um ramo da ciência da história que estuda a evolução da própria ciência histórica no interior do desenvolvimento histórico global, ou seja, historiografia é a história da história”.

De acordo com os autores acima citados, pela história presente queremos conhecer o passado, concebido por nós e por aqueles que a construíram. Portanto, escrever sobre a história da escola é uma tarefa difícil, porém muito instigante. A busca pela memória de uma instituição, seja através de documentos, registros, fotos, narrativas, objetos e outros materiais despertam no pesquisador sentimentos nobres, inquietantes e, no leitor, o prazer e a curiosidade de conhecer a história de uma instituição que fez diferença na vida de várias gerações.

Foi pensando na singularidade desta instituição em particular que realizamos nossa pesquisa a partir do referencial teórico no campo de estudo das instituições escolares, elegendo a Escola Municipal Anton Dworsak como *locus* da pesquisa.

---

<sup>21</sup>Marc Léopold Benjamin Bloch foi um relevante historiador e um dos fundadores da Escola dos Annales. Nasceu em Lyon (França) no dia 6 de junho de 1886.

O estudo das instituições escolares teve início na década de 1950 e, posteriormente, foi se ampliando, de acordo com a criação de novos cursos e instituições, em especial com a expansão do ensino superior para o interior do Estado de São Paulo, com a criação de seis institutos de Ensino Superior.

De acordo com Nosela e Buffa (2006), a constituição de campo de estudo voltado para as instituições educacionais ocorreu em três momentos.

O primeiro, situado nas décadas de 1950 e 1960, demarca o período anterior à criação dos programas de pós-graduação. Em 1955, essa produção foi impulsionada com a criação dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais (CRPE) “criados pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), na gestão de Anísio Teixeira”. A partir da década de 1960, período em que a escola pesquisada foi inaugurada, acontece um fato de grande relevância acerca das pesquisas sobre a História das Instituições Escolares - a promulgação da 1ª Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), LEI Nº 4.024, aprovada em 20 de dezembro 1961.

O segundo momento situou-se nas décadas de 1970 e 1980 e foi marcado pela criação e expansão dos Programas de Pós-graduação em educação.

Nesse momento duas características fundamentais qualificaram a pesquisa em educação: a institucionalização da Pós-Graduação em Educação, acarretando a escolarização da produção da pesquisa e a reação à política dos governos militares (NOSELLA; BUFFA, 2006, p. 01 e 02).

A partir da década de 1970, a criação de cursos de pós-graduação na área da educação possibilitou uma maior dedicação ao estudo da História da Educação. Portanto, os autores pontuam que é a partir dos anos 90 que os estudos sobre instituições escolares se desenvolveram, ainda que de forma esporádica. Nesse sentido, foi a partir da década de 1990 que a temática acerca da história e a historiografia das instituições escolares passou a ser considerada por um grupo maior de pesquisadores, a maioria vinculados à História da Educação.

Outra possibilidade vista pelos pesquisadores é a motivação de poder escrever a história da educação, não somente utilizando o enredo dos documentos oficiais, mas utilizando-se de outra vertente que visa valorizar o regional, sem desconsiderar as dimensões maiores. Assim, é possível pesquisar uma determinada instituição e conhecer o contexto em que a mesma foi criada.

O início do terceiro momento caracteriza-se pela consolidação da pós-graduação e o desenvolvimento dos estudos da educação. É marcado teoricamente pela chamada crise de paradigmas e criticado por muitos historiadores pelo fato dos estudos sobre a sociedade e educação não conseguirem abarcar sua complexidade e diversidade. Sugere-se o pluralismo epistemológico e temático e privilegia-se o estudo de objetos singulares. O aspecto positivo é

representado pela ampliação das linhas históricas de investigação, pela diversificação teórico-metodológica e pela utilização das mais variadas fontes de pesquisa (NOSELLA; BUFFA, 2006, p.03).

Para Saviani, as instituições são criadas com objetivo de atender às necessidades humanas e suas especificidades; por isso, estão em constante reformulação, já que atender a humanidade é algo complexo e dinâmico e, portanto, é preciso se organizar, se construir e se modificar constantemente:

As instituições são criadas para satisfazer determinadas necessidades humanas. Portanto, isso que significa que elas não se constituem como algo pronto e acabado. Para satisfazer as necessidades humanas, são unidades de ação. Constituem-se como agentes e práticas, com seus agentes, meios e instrumentos operados, a fim de atingir sua finalidade. As instituições são necessariamente sociais, tanto na sua origem como na relação com o homem, visto que esse é o objetivo de sua criação. Manter um relacionamento entre si e com a sociedade e se constituir como agente entre ambos. (SAVIANI, 2005, p.28).

A sociedade se constitui a partir das relações que estabelece entre si, fruto da ação humana e das interações com o ambiente. Portanto, estudar uma instituição é também valorizar uma comunidade e/ou região e suas particularidades considerando todas as dimensões. Segundo Ribeiro e Coutinho:

A História da Educação permite compreender o processo educacional experimentado nas diferentes sociedades humanas; de como os vários grupos sociais, em variados contextos históricos, estruturaram o ensino, quais as teorias pedagógicas praticadas e as concepções acerca do mundo traduzidas nas instituições escolares, lócus privilegiados para educação (RIBEIRO e COUTINHO, 2016, p. 2).

Portanto, é possível considerar o quanto o estudo da História da Educação é válido, no sentido de compreender que a educação de hoje constrói a do futuro e nos permite pensar na educação do presente. Mas, para tanto, faz-se necessário conhecer o passado. De acordo com Nosella e Buffa (2006, p.10) “(...) assim como uma determinada sociedade foi a condição para a criação e o desenvolvimento de uma determinada instituição escolar, esta é a condição de existência daquela, porque lhe molda suas relações de produção”. Uma instituição se constrói na relação com os grupos, classes sociais e o mundo que é levado de fora para dentro dela.

Assim acontece também com os educadores que transitam por ela e estabelecem suas relações conflituosas e antagônicas com as práticas legais, políticas e jurídicas que nem sequer foram escolhidas ou determinadas para fazerem parte de sua política educacional. E de acordo com Sanfelice:

O estudo da história de uma instituição escolar é o estudo de um objeto singular, porém entendemos, também, que nenhuma instituição escolar tem o sentido da sua singularidade explicitado se tomada apenas em si mesma. (2016, p.29).

Segundo o autor, é necessário que comunidade e escola construam uma relação recíproca e dialética, ou seja, uma relação em que haja condição para que ambas permaneçam e se constituam atendendo uma à outra, fazendo com que sua existência e a de todos os

envolvidos seja recompensada com as relações existentes entre elas. A escola pode ser considerada como uma instituição criada pela sociedade e gerada pelas necessidades produzidas por ela. Ela possui uma demanda complexa e dinâmica, bem como uma função específica na qual seus membros se renovam e suas especificidades se alternam, apesar do seu papel fundamental que não muda, posto que educar seja transmitir a cultura historicamente construída pela humanidade e formar indivíduos.

De acordo com os autores, o pesquisador, quando investiga uma determinada instituição escolar, não deve preocupar-se em apenas “registrar fontes ou narrar sobre o passado e/ou presente, mas compreender e interpretar a própria educação praticada em uma dada sociedade”, visto que esta acontece nos espaços das instituições escolares como um espaço próprio para a construção da mesma; percebe-se, assim, a importância que “a singularidade das instituições educativas mostra e esconde como ocorreu e/ou ocorre o fenômeno educativo escolar de uma sociedade” (SANFELICE, 2016, p. 28).

Sendo assim, o pesquisador que se dispõe a investigar uma instituição educacional deve comprometer-se a dialogar não somente como a mesma funciona e quais as práticas pedagógicas, mas analisar as diversas dimensões que apontarem desde a sua implantação, consolidação e funcionamento, ou seja, a instituição não pode ser estudada como fim em si mesma. Justino Magalhães afirma:

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro da evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico. (MAGALHÃES, 1996, p. 2).

Para Gatti Junior (2002), as escolas são fontes e conservam acervos importantes para o estudo delas mesmas e do sistema de ensino, que possibilitam conhecer e analisar o passado e o presente e sua importância para a História da Educação. Pesquisar as instituições escolares é uma tendência atual da historiografia capaz de atribuir destaque epistemológico a estudos particulares que pouco contribuíam com as evidências. Essa renovação trouxe uma maior perspectiva de conhecer a História e o que pode descortinar.

Nesse sentido, a mobilidade da renovação é resultado das tradições francesa e inglesa da história, que marca o tempo presente e a tendência ao uso dos aportes teóricos e das evidências que, nesse caso, não serão mais somente leis e documentos, para incluir fontes orais e iconográficas. Com isso, as interpretações hoje devem ser fruto do diálogo que as nossas ideias devem manter com as provas. (GATTI JUNIOR, 2002).

A Escola Anton Dworsak surge na década de 1960, em que a necessidade de um bairro ia além da necessidade de ter uma escola pública. Porém, a necessidade de educar os infantes e de tirar as crianças em idade escolar da rua eram maiores naquele momento. A responsabilidade

era do estado, mas os moradores a tomaram para si e, juntos, conseguiram erguer a instituição escolar que abriria novos horizontes para a comunidade, a qual, a partir daquele ano de 1961, poderia conquistar a tão esperada chance de estudar, de ter a educação que era seu direito, de ter vidas transformadas por meio da educação que receberiam naquela escola.

### ***3.2. ESCOLA E COMUNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO DE TODOS E PARA TODOS***

A relação entre escola e sociedade é construída a partir de um movimento de reconhecimento de direitos. Enquanto a comunidade busca pelo seu direito, a escola busca construir uma forma de garantir à comunidade o direito que ela tem. Ambas se constroem a partir da necessidade que ambas têm uma da outra. Fortalecem-se quando reconhecem a necessidade de uma relação dialética em que ambas produzem e são produzidas pela escola. Desse modo, percebemos que, de acordo com Saviani (2007), as instituições, de uma forma geral, e as instituições educacionais, de forma específica, são “necessariamente sociais” tanto “pela relação entre os sujeitos” que as concebem quanto pelo “conjunto de agentes que estabelecem as relações entre si e com a sociedade à qual pertencem” (SAVIANI, 2007, p.05).

Desse modo, percebemos que a criação da Anton Dworsak tem relação com a necessidade que havia na comunidade, assim como com o momento histórico, social e político pelo qual passava o município, e, principalmente, o distrito que se desenvolvia e o projeto de crescimento do bairro, e os melhoramentos urbanos eram vistos como a marca do progresso local. A população crescia e precisava de educação, o bairro alargava suas fronteiras em relação ao desenvolvimento e a chegada de novos moradores. A política da época surgia com a Lei que garantia o direito à educação e, diante da necessidade que havia na comunidade, foi preciso que a própria comunidade agisse em prol de seu direito e o garantisse.

A falta de estrutura e políticas públicas voltadas para o ensino básico incomodou Anton Dworsak ao chegar a Jardim Primavera e fixar residência com sua família. Eles já haviam passado por muitas dificuldades e misérias ocasionadas pelas Guerras. Foi preciso agir, mas sozinho não seria viável. Fez-se necessário sensibilizar a vizinhança e mobilizar quem poderia com ele construir o que seria um local de mudança de realidade naquele lugar.

Além de Anton, outros moradores da comunidade participaram do projeto, entre eles: José Barbosa, Turíbio, Severino, dona Margarida - que cozinhava para os que trabalhavam na obra da escola. Segundo Ferdinand, a construção da Anton Dworsak foi um processo comunitário e político:

(...) Tinha um vizinho, o José Barbosa, esse era o cara dos contatos, ele era conversador, conhecia as pessoas, foi ele um tal de Turíbio, eu não lembro mais o nome, mas o sobrenome era Turíbio, foram na prefeitura de Duque de Caxias, não essa que tem aqui próximo não, aquela que tinha lá em Duque de Caxias, lá disseram

“tem um terreno municipal naquela região, a escola pode ser feita ali”. (...). Esse trabalho de autorização foi feito por terceiros, o papai não sabia falar. (...) E sem saber falar português direito. A gente ia junto, já estávamos na escola, para rir do papai, falando tudo errado, usava o tempo errado, e a gente já falava o português mais correto, já estudava isso na escola. Então era assim, as pessoas que podiam doar recurso, doavam recurso, areia, cimento, as pessoas que não tinham, ajudavam vindo sábado e domingo aqui, todo final de semana durante um ano tinham 10, 12 pessoas vindo trabalhar, com aquele recurso que ele recolhia, comprava o material, ele mesmo comprava material também, com recurso dele, ele foi em Xerém, o delegado de Xerém também contribuiu com recurso para comprar o material, eu me lembro da grande festa que eles fez, no dia de colocação da laje, porque ai tinha que ter muita gente, a massa era virada na rua, cimento, pedra, faz o concreto, leva lá pra cima da laje, aquele esforço todo. Tinha que ser muita gente porque a laje precisa ser feita toda, não dá para fazer uma parte e terminar depois. (FERDINAND DVORSAK et.al., 2022, p.3)

A obra era realizada durante a semana por Anton, ao chegar do trabalho, e seus filhos adolescentes que, apesar da pouca idade, acompanhavam o pai e amarravam os ferros para enchimento das vigas e sapatas.

A gente nessa fase, já era adolescente, não tinha conversa, tinha que desentortar prego, tinha que arrancar os pregos das tábuas eram quilos e quilos, muito material, tinha que arrumar as tábuas né, porque quando desenfuma a turma joga pra lá, arrancar os pregos e arrumar as tábuas. (FERDINAND DVORSAK et.al., 2022, p.4)

No final de semana, a ajuda era maior. O mutirão acontecia com a presença de outros moradores, sob a liderança de Anton. Esse movimento foi em prol da escola, não havia até então uma associação de moradores.

Logo após a construção e inauguração da escola, iniciou-se a Associação de Pró-Melhoramento da Vila Maria Helena e Jardim Primavera. Não era mais a luta de um homem apenas, mas foram muitos que se mobilizaram e, através da força que construíram, puderam solicitar do poder público algo que não só era direito, mas era também possível. A prefeitura, através da Câmara de Vereadores, resolveu doar o terreno e os moradores, com os próprios recursos e forças, construíram a escola. De acordo com Sanfelice (2016), nenhuma instituição educacional revela o seu sentido se tomada em si mesma e, de acordo com o autor:

Uma instituição escolar avança, projeta-se para dentro de um grupo social. Produz memórias ou imaginários. Mobiliza ou desmobiliza grupos de pessoas e famílias; assinala sua presença em comemorações, torna-se notícia na mídia, ou seja, é muito, mas muito mais mesmo que um prédio que agrupa sujeitos para trabalharem, ensinarem e aprenderem (SANFELICE, 2016, p.29).

Desse modo, o autor versa acerca de diferentes interesses que uma instituição escolar pode ter. Portanto, conhecer aspectos de sua criação no 2º distrito do município permitiu também vislumbrar uma nova instituição escolar, assim como surgia no município o crescimento populacional, industrial, comercial etc. Assim como cresciam, também, os movimentos políticos e sociais, como a própria Associação de Pró-Melhoramento de Vila Maria

Helena e Jardim Primavera, que surgiu da necessidade que a comunidade teve de unir-se e construir a própria escola.

Sendo assim, analisam-se as instituições escolares a partir de Saviani (2007), como algo “criado, posto, organizado, construído pelo homem” com o objetivo de atender a uma necessidade. Para o autor as instituições dinâmicas são “unidades de ação” que:

Constituem-se, pois, como um sistema de práticas com seus agentes e com meios e instrumentos por eles operados tendo em vista as finalidades por elas perseguidas. As instituições são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem, já que determinadas pelas necessidades postas pela relação entre os homens, como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade à qual servem (SAVIANI, 2007, p.05).

Neste sentido, compreendemos que a escola corresponde a um valioso papel na formação social da cultura, em seus diferentes níveis e contextos, pois é a transformação do homem através da educação que transforma a sociedade. Com isso as escolas eram – e ainda são - as grandes responsáveis por moldar e socializar as gerações futuras, bem como por inculcar no seu público valores e comportamentos importantes para conviver em sociedade. As instituições privilegiavam os locais as quais pertenciam “uma vez que eram todas como símbolos da modernidade e do progresso sociocultural da localidade”. (DINIZ; SOUZA, 2019, p.97)

Sendo assim, procuramos conhecer a criação da Anton Dworsak, não apenas em suas particularidades, mas em consonância com as esferas municipal, estadual e federal. A Escola Municipal Anton Dworsak, segundo os registros encontrados nos arquivos da escola e no CEPEMHED, foi criada em 1961 e inaugurada no dia 15 de novembro de 1962, em um prédio que pertence ao Centro de Pró-Melhoramentos da Vila Maria Helena, cujo fundador foi o Sr. Mário Pedreira Lapa e outros moradores da comunidade. De acordo com Peter Dworsak (2022, p.5), foi ela (a escola) iniciada a construção em 59, 60, meu pai morreu em dezembro de 61, as salas estavam quase prontas. Funcionou o ano todo (referência ao ano de 1962). De acordo com a informação de Peter a respeito do Centro de Pró-Melhoramentos da Vila Maria Helena e Jardim Primavera, seu surgimento foi após a criação da escola. Desse modo, entendemos que a mobilização dos moradores em prol da escola, após a construção e municipalização do seu funcionamento, fez com que aquelas pessoas construíssem também uma Associação, visto que já haviam experimentado a força que tem a população quando busca algo em comum. Assim foi feito, mas o prédio da escola, que deveria ser entregue à prefeitura, não foi. E, com isso, os responsáveis pela associação incorporaram a escola ao seu patrimônio, estando esta dentro do seu terreno e sob sua posse. Esse processo de posse da escola pela associação inviabiliza qualquer tipo de ação de melhoria do prédio pelo governo federal, visto que não há possibilidade de recebimento e/ou aplicação de verba federal em prédio que não seja propriedade pública. Em relação à Associação de Moradores, Peter afirma:

Não, foi criado depois (referindo-se à associação). (...) depois de morto (referindo-se ao pai Anton Dworsak), ele recebeu uma carteirinha da associação em memória como fundador número 1 da associação (...). Não, ali era mato, funcionava aqui, a escola era como um polo né. A associação veio depois da escola, a prefeitura autorizou fazer a escola, depois criaram essa associação, eu já não tenho conhecimento de como foi feita a associação dos moradores. (PETER DVORSAK et.al., 2022, p.5)

O terreno onde está localizada a escola foi doado ao Centro de Pró-Melhoramento pela Câmara Municipal, através da Deliberação Municipal Nº 817/63, sendo prefeito na época o Sr. Joaquim Tenório. Na DELIBERAÇÃO nº 817 de 10 de setembro de 1963. Consta o seguinte termo:

A CÂMARA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS, decreta e eu sanciono a seguinte Deliberação:

Art.1º - Fica o Prefeito Municipal autorizado a doar ao Centro Pró- dos Bairros Vila Maria Helena e Jardim Primavera, o Lote P 11, da Quadra nº 33, do loteamento de vila Maria Helena, no 2º distrito deste município, destinado a construção de sua sede, onde funciona a Escola Anton Dworsak.

Art.2º-A presente doação será considerada revogada automaticamente, revertendo a Patrimônio Municipal à área doada, se a escritura de doação não for assinada dentro do prazo de 120 dias (cento e vinte) dias, contados da data de publicação desta Deliberação.

Art.3º - Esta Deliberação será transcrita integralmente na escritura de doação da área de terra.

Art.4º - A presente Deliberação entrará em vigor na data de sua publicação, revogando-se as disposições em contrário. Prefeitura Municipal de Duque de Duque de Caxias, em 10 de setembro de 1963. Prefeito Joaquim Tenório.

O prédio sempre constou como cedido e está localizado na Rua Geraldo Rocha S/Nº, esquina com a Rua Onofre Silva em Jardim Primavera, localizado a cerca de 600 metros da Rodovia Santos Dumont – a BR-116/RJ, principal acesso da capital e Região Metropolitana a Região serrana, aos estados do Espírito Santo e Minas Gerais, acesso à Região dos Lagos, ao Norte do estado e às regiões Norte e Nordeste do país. O prédio se encontra a cerca de 2 Km da Washington Luiz (BR 040), uma das principais rodovias federais do país, conhecida como Rio-Petrópolis, um dos mais importantes eixos da malha rodoviária nacional, que possibilita a integração do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás, passando pelo Distrito Federal. E distante 3,5 Km da estação ferroviária do bairro.

Anton não pôde ver a realização de seu sonho ser concretizado, nem o esforço do seu trabalho se tornando o prédio que tanto lutou para que existisse, visto que faleceu no ano em que a escola estava pronta, em dezembro de 1961. Seus esforços, entretanto, não foram em vão: a escola foi inaugurada no dia 15 de novembro de 1962 e no ano seguinte à sua morte, várias crianças foram matriculadas e já não só brincavam nas ruas, mas experimentavam o direito que a cidadania lhes garantia. A comunidade agora gozava do direito à educação que, de uma forma muito respeitosa e grata, homenageava com o seu nome aquela instituição que surgia para educar, transformar e valorizar as vidas que ali estavam.

Entre as matrículas que foram realizadas, estava a do seu filho Anton Dworsak, na época com 8 anos de idade, na 2ª série, tendo como professora Maria Luiza Rena da Fonseca. , o qual

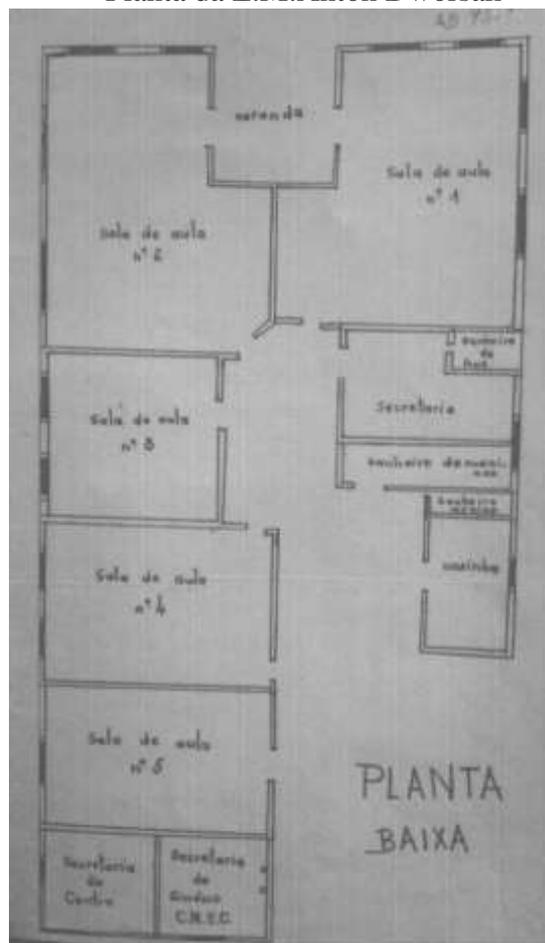
permaneceu estudando lá até a 4ª série em 1964. Mais tarde, no ano de 1968, foi matriculado o filho caçula Danilo Dworsak, nascido em 1961, mesmo ano em que Anton faleceu e em que a escola ficou pronta para funcionar. Danilo foi matriculado na 1ª série, embora não tenha sido encontrado nos registros pesquisados o nome da professora da turma 103, com a qual ele estudou. Danilo permaneceu estudando até a 4ª série, com a professora Maria José.

Apesar da difícil trajetória de Anton Dworsak e dos próprios filhos durante a infância, todos os quatro estudaram, tornaram-se engenheiros e carregam com eles um grande orgulho dos feitos do pai. Entendem que a educação é o único caminho que pode mudar a vida humana e transformar a sociedade num lugar mais justo de se viver. São amigos da escola e, sempre que possível, aparecem e contribuem por meio das experiências que viveram e que os ajudaram a tornarem-se pessoas tão especiais.

A Escola Municipal foi inaugurada no 2º distrito de Duque de Caxias em 15 de novembro de 1962. Quanto à criação da escola, as datas divergem - encontramos o ano de 1961 em alguns documentos, como no Projeto Político Pedagógico, no Acervo da Subsecretaria de Administração e Gestão Pessoal da Secretaria de Educação e no CEPEMHED. A entrada do Registro do Ensino Primário foi em 27/07/1976, e registrado através do Regimento escolar N° 03/101.023/76. Porém, o Ato de Criação se deu no dia 06/07/1984 através de Lei N° 601/84/PMDC/RJ e do BO E. 554, de 06/07/84.

À época, contava com duas salas de aula: as salas “1” e “2” vistas na planta a seguir. Uma secretaria, cinco turmas e 174 alunos. Poucas modificações foram realizadas no prédio, as obras iam sendo feitas de acordo com a necessidade de adaptar o espaço para receber novos alunos e atender a comunidade. A planta ilustra a parte mais antiga da escola, com cinco salas e duas secretarias – uma, da própria escola, e a outra que atendia as demandas da Associação de Moradores.

**Figura 28**  
Planta da E.M. Anton Dworsak



Fonte: Arquivo da E.M. Anton Dworsak

Em 1963, foi construída uma sala de aula - “sala 3”, vista na planta acima, e uma cozinha. No ano seguinte, duas salas de aula - “salas 4 e 5”, com divisões de madeira pois, nesse espaço, era também celebrada a missa aos domingos, antes da construção da Igreja Católica Cristo Rei, que veio a existir posteriormente, no terreno ao lado da Associação. Nove anos mais tarde, em 1973, foi construído um muro para diminuir o pátio, realizada a pintura, troca de vidros e outros serviços. A escola estava adaptando seu espaço para receber as novas demandas visto que, ano seguinte, em 1974, funcionou em suas instalações o ginásio da Companhia Nacional dos Educadores da Comunidade, o qual no mesmo ano deixou de funcionar.

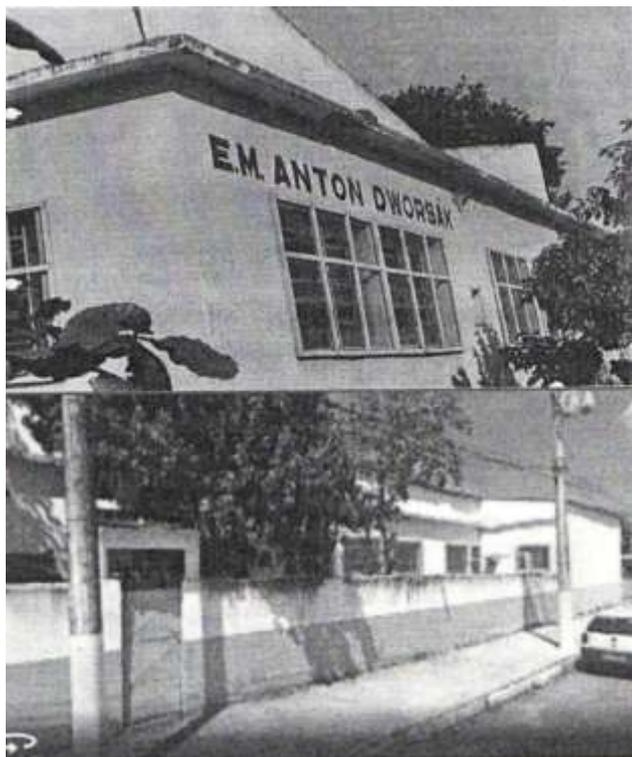
Em 1975, foi construído o muro interno, o depósito para merenda e feita a ampliação da secretaria. Dois anos depois, foram construídas mais três salas, um refeitório, uma cozinha e banheiros para os alunos, que não foram concluídos.

A foto a seguir retrata a antiga e a atual lateral da escola, onde havia o portão que dava acesso à entrada e à saída da unidade. Não se pode precisar a data, mas, na década de 1990, essa lateral foi fechada para construir um depósito; o portão lateral permaneceu, mas não é utilizado como acesso ao prédio, e sim como uma saída provisória, bem como acesso para abastecimento

e realização de obras e serviços da escola. A entrada da escola é realizada pela área por trás do prédio

**Figura 29**

Fachada da lateral da E.M. Anton Dworsak



Fonte: Arquivo da E.M. Anton Dworsak

Em 1992, foi realizada a pintura geral do prédio, construção de mais três salas, banheiros masculinos e femininos, e vestiários. A construção dessas salas foram as maiores obras realizadas na escola desde a sua inauguração. Devido ao espaço da escola ser reduzido e o pátio interno ser pequeno, não há possibilidades de novas construções no térreo, apenas no 2º andar. Dentro dessa realidade, a escola só passou por obras de manutenção e adequação do espaço, o que é ainda pouco diante do que é necessário para ter uma estrutura que atenda bem a comunidade escolar.

O pensamento que permeou a comunidade escolar da Anton Dworsak, de defender o direito de uma educação pública para os infantes da comunidade, reaparece também no contexto do Congresso Nacional após a renúncia do presidente Jânio Quadros e da posse do vice-presidente. A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN 4024/61 foi promulgada pelo presidente João Goulart no dia 20 de dezembro de 1961 e implementada no mesmo ano em que a escola foi criada.

A primeira LDBEN foi discutida e construída na conjuntura da redemocratização do país, logo depois da queda do Estado Novo, período entre 1937-1945. Foi promulgada em 1961, mantendo a estrutura tradicional do ensino e por duas vezes foi reformulada, a primeira pela

Lei nº 5.592/71 e a segunda, pela Lei nº 9.394/96. A LDBEN fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e delibera sobre a autonomia didática, administrativa e disciplinar às universidades autárquicas e fundações, bem como garante o direito à educação com verbas do estado. O CFE (Conselho Federal de Educação) foi criado, a centralização do MEC (Ministério da Educação e Cultura) diminuiu e ganharam mais autonomia os órgãos municipais e estaduais. Em 1962, CFE aprovou o primeiro PNE (Plano Nacional de Educação), um conjunto de metas qualitativas e quantitativas para serem executadas em um período de oito anos.

Para melhor compreensão acerca da implementação e tramitação das leis sobre o ensino primário, faz-se necessário conhecer o período que precedeu e deu início ao encaminhamento do primeiro Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) ao Congresso, que se prolongou de 1948 até a sua aprovação, em 1961. É nesse contexto que a LDBEN se inseria: em um momento histórico brasileiro e mundial quando o desejo pela democracia e desenvolvimento econômico e social atravessava toda a sociedade em meio a acentuados movimentos políticos e sociais. Sendo assim, o Brasil, após o Estado Novo, regime político procedente da era Vargas (1937-1945), experimentou o sentimento de “redemocratização política” e de inquietação dos ideais voltados ao desenvolvimento, à modernidade e ao progresso social.

No período entre 1948 a 1961, no Brasil, a educação teve sua importância exaltada em função da necessidade de alavancar o progresso social, sendo ela reconhecida como fundamental à evolução da economia nacional e, assim, vista como indispensável no plano desenvolvimentista, sendo então o ensino primário reconhecido como um importante componente no projeto de modernidade na sociedade brasileira. Todavia, eram inúmeros os problemas retratados que precisavam ser suplantados, com o objetivo de contribuir positivamente no processo econômico e social. Em Saviani (2013, p.281), as perspectivas do ensino primário foram debatidas no contexto da elaboração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e reconhecidas como um importante percurso para a estruturação de novos parâmetros de desenvolvimento ao ensino brasileiro.

### ***3.3. O ARQUIVO E A CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA: O CORPO DISCENTE E O MOVIMENTO ESCOLAR***

Os arquivos têm a função de guardar os documentos que preservam a memória coletiva. Os acervos das instituições escolares exercem importante papel no processo de levantamento, catalogação e acondicionamento de documentos que se constituem como fontes para pesquisa sobre a história da educação. No entanto, se o pesquisador não dispõe das fontes, que são a base

da pesquisa e o que ampara a análise histórica, como analisar, pesquisar, registrar e recuperar os documentos que não existem mais na instituição?

As lacunas no tempo vão aparecer, as informações não serão completas; e é assim que nos encontramos ao pesquisarmos os arquivos da Anton Dworsak. Constatamos, no decorrer da pesquisa, que os arquivos da escola, infelizmente, estão incompletos. E muitos se perderam por estarem acondicionados em condições precárias, em local insalubre, com mofo e traças. Muitos já se perderam, por falta de local adequado ao arquivamento das fontes. A escola guarda o que é possível, até mesmo os que poderiam ser descartados com o tempo, como diários de classe, planejamento escolar e outros. Mas, com o objetivo de manter o arquivo o mais completo possível, eles não seriam descartados se permanecessem em bom estado de conservação, “[...] pois documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu...” (BACELLAR 2011, p.63). O arquivo é a alma de uma instituição. Ainda que esteja “morto”, remete a um passado vivo. Segundo Mogarro:

Os arquivos possuem uma diversificada guarda de documentos, com origens e utilidades diversas: a) documentos ativos – usados com regularidade e com fácil acesso (pasta de alunos, livro de ponto, pasta de ofícios etc.); b) semiativos – são localizados com relativa facilidade (cadastro de professores e alunos (...)) os pedidos de certificados, declarações devem ser certificados a partir do original. c) documentos inativos – são normalmente depositados em locais que não garantem as condições necessárias para a sua salvaguarda e preservação material, amontoando-se sem organização e misturando-se documentos de origem e natureza diversa. (MOGARRO, 2005, p. 79).

A realidade de muitas escolas, em relação aos seus arquivos, é a falta de espaço, ou de espaço adequado para a guarda dos documentos. Essa preocupação por parte dos pesquisadores é recente, enquanto por parte da sociedade é quase nula. No entanto, a pesquisa da História da Educação é possível a partir das fontes documentais, e o arquivo é um elemento muito importante em todo o processo da investigação histórica. Principalmente porque a História da Educação e as possíveis pesquisas que tem proporcionado têm utilizado outras fontes além da escrita, como as audiovisuais, pictóricas, iconográficas, arquitetônicas, etc. Esses elementos se constituem fontes importantes na construção da memória e da escrita da história.

De acordo com as informações obtidas nos Livros de Julgamento e nos documentos da SME e CEPEMHED, a primeira diretora da Anton Dworsak foi a Professora Amélia Câmara dos Santos, conhecida carinhosamente como “dona Amelinha”, mas não foi encontrado nenhum documento comprobatório sobre o cargo exercido por ela. Consta também, no mesmo ano, a professora Amélia Câmara como regente de duas turmas, além das professoras Rosa Maria Braga Rena, Maria Luiza Rena da Fonseca e Nair Campos Chamarelli Leser. De acordo com a realidade apresentada na época em que a escola iniciou, é possível que a professora Amélia Câmara tenha realizado as duas funções - de professora regente e diretora da unidade escolar.

O estabelecimento iniciou com cinco turmas: duas de 1ª A, uma de 1ª B, uma de 2ª série e uma de 3ª série. Havia 174 alunos matriculados nos dois turnos, oitenta e nove eram do sexo masculino e oitenta e cinco do sexo feminino, de acordo com o Livro de Matrícula referente ao ano de 1962.

É possível afirmar que a escola, após ser inaugurada, tenha atendido principalmente as crianças moradoras do entorno e em idade escolar, visto que essas eram as que brincavam nas ruas do bairro e não tinham condições de frequentar a única escola particular que havia na região.

Nesse sentido, a escola atendeu a um grupo social pouco diversificado pois, segundo o registro no Livro de Matrícula referente ao primeiro ano de funcionamento, a profissão das mães em sua maioria era de doméstica. Eram 56 mães. Considerando que são elas, em grande parte, as responsáveis pelos filhos na vida escolar e que, na época, a profissão doméstica era equivalente à que hoje é “do lar”, então não podemos concluir se todas exerciam a função de empregada doméstica ou se identificavam como tal, mas eram trabalhadoras do lar. Além da profissão de doméstica, havia apenas uma costureira e uma cabeleireira. Foram identificadas, também, algumas ocupações profissionais relacionadas aos pais; entre as vinte e cinco diferentes profissões citadas, havia maior quantidade de pedreiros, lavradores, serventes e industriários, além de outras como comerciantes, comerciários, eletricitas, funcionário público, dentista, etc. Esse dado mostra que, economicamente, havia certa paridade entre as crianças.

Outro dado informado no Livro de Matrícula foi a nacionalidade dos pais e dos filhos. O registro foi realizado a partir da informação que consta a respeito do aluno ou dos seus pais. Entre os que informaram, havia 111 brasileiros, 3 portugueses, 2 italianos, 1 tcheco, 1 japonês, 1 chinês e 1 austríaco. O austríaco era o Anton, filho do Anton Dworsak.

Outros dados não foram possíveis de registrar devido a informações que não constam no Livro. O Livro de Matrícula está incompleto e os dados não estão preenchidos. Só há no arquivo da escola o Livro de Matrícula referente aos anos de 1962 e 1963. No período entre 1964 a 1974, não foi localizado Livro de Matrícula, portanto, não há registro sobre os alunos durante esse período, além da relação das turmas na Ata de Julgamento, que consta até 1973. Somente a partir de 1975, no Livro de Matrícula referente aos anos de 1975 a 1981, foi possível retomar as informações.

Constatamos, no Livro de Matrícula referente ao ano de 1975, que foram matriculados na 1ª série 223 alunos.

As perspectivas das famílias poderiam se diferenciar, mas a escolarização dos filhos era um ponto em comum. A igualdade de acesso à escola pública nunca foi e não é até hoje algo fácil de conquistar, mas, naquele momento, quem teve a chance de ingressar através da

matrícula tinha a possibilidade de galgar um futuro mais justo e, por meio da escolarização, tornar-se o sujeito da própria história.

Outra forma de igualar os alunos e minimizar as diferenças entre eles era o uso do uniforme. No contexto educacional, o uso do uniforme tende a promover um padrão de igualdade, uma vez que: “[... ao se constituírem como símbolos de padronização, os uniformes foram considerados um elemento fundamental para a construção de um sistema educacional que postulava uma educação igual para todos” (RIBEIRO; SILVA, 2012, P.583). Com o passar dos anos, essa padronização tornou-se obrigatória na realidade da escola pública, e mesmo nos particulares.

Nesse sentido, é possível afirmar que os alunos da Anton Dworsak construíram suas histórias, ações e vivências através de experiências vividas no contexto escolar que, apesar da simplicidade do prédio e dos poucos atrativos, proporcionou momentos que acreditamos terem sido significativos para eles. Considerando que a escola e seus profissionais sempre buscaram construir princípios de respeito, colaboração, afeto e solidariedade com toda a comunidade escolar, esse compromisso é o que faz com gerações de pais, avós e familiares tenham sido alunos da escola e continuem hoje mantendo seus sobrenomes nos atuais Diários de Classe e Livros de Matrícula da instituição.

No ano em que a escola foi inaugurada, foram matriculados nas turmas da 1ª série A, 38 alunos, a qual tinha como regente a professora Maria Amélia Câmara. Nessa turma de 1ª A, havia 15 alunos do sexo feminino e 22 do sexo masculino; já na outra turma da 1ª A, a qual possuía 37 alunos, a regente era Rosa Maria Braga Rena e nela havia 21 meninas e 17 meninos. Dona Amélia também era professora da 1ª B, turma que continha 25 alunos, dos quais 11 eram do sexo masculino e 14 do feminino. A turma da 2ª série tinha como professora regente Maria Luiza Rena da Fonseca e possuía 41 alunos e, entre eles, estava o terceiro filho de Anton; era uma turma composta por 23 meninas e 18 meninos. A 3ª série, da professora Nair Campos Chamarelli Leser, era formada por 33 alunos e diferente, das outras anteriores, tinha apenas 12 meninas e 21 meninos.

Na Anton Dworsak, desde o seu primeiro ano de funcionamento, de 1962 até 1964, só havia registro do chamado à época curso primário, de 1ª a 4ª série. Nos dois primeiros anos, 1962 e 1963, funcionava em dois turnos, manhã e tarde. Em 1964, foi implementado o 3º turno e a escola passou a se organizar da seguinte maneira - 1º turno, de 8h às 11h; o 2º turno, de 11h às 14h e o 3º turno, de 14h às 17h. Em 1965, constam duas turmas de 5ª série, uma da professora Nayr e outra da professora Eny. Porém, as atas de exames finais de 5ª série só constam entre os anos de 1968 e 1973.

Nessa época, não havia a obrigatoriedade da carga horária de 4 horas diárias nas primeiras séries, e a escola se adaptava de acordo com o número de alunos, turmas e espaço.

Somente com a aprovação da Lei 9.394/96, a carga horária diária de 4 horas passou a ser obrigatória, conforme cita o Artigo 34: a jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola.

O exame aplicado em 1968 avaliou quarenta alunos. Os conceitos aplicados foram: bom – 21 alunos, Médio: 18 alunos e Fraco: 1 aluno. Os critérios usados eram a nota do aproveitamento e o conceito. Portanto, o que consta na ata não determina que um conceito que fosse “Bom” comprovasse que o aproveitamento fosse igual ou superior à nota 6. Havia aluno com nota “5” e conceito Bom, enquanto havia outro com nota “6” e conceito Médio.

A nota do Aproveitamento era calculada a partir dos resultados apresentados nas provas escritas e orais de Língua Nacional, Matemática e Conhecimentos gerais. Eram avaliados, principalmente, a leitura e o cálculo, o conhecimento das quatro operações era fundamental para o aluno que queria avançar nos estudos e cursar o ginásio. Já o conceito era dado a partir do comportamento do aluno e das atitudes dentro do espaço escolar.

Os alunos que concluíam a 4ª série e quisessem dar continuidade aos estudos precisavam realizar os Exames de admissão e, se fossem aprovados para a 6ª série, tinham que ser transferidos para outra unidade escolar, pois na escola só havia as primeiras séries do ensino primário

Nessa época, cursar os primeiros anos de escolaridade era difícil, cursar o ginásio era muito mais raro. Além de poucas escolas, o curso ginásio não era comum para aqueles que não pudessem pagar as mensalidades das escolas particulares. Considerando que não havia Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e o trabalho infantil era comum nas camadas mais pobres, não era raro que adolescentes e até crianças deixassem suas escolas para exercerem alguma atividade remunerada, a fim de ajudarem seus pais.

Ao concluir a 4ª série, o aluno que desejasse dar prosseguimento aos estudos teria de passar pelos exames de admissão ao Ensino Ginásio. Abreu, afirma que:

O exame de admissão ao ginásio foi instituído em 1931 em nível nacional e permaneceu até 1971, quando a Lei nº 5692/71 foi promulgada e o ensino de 1º grau tornou-se obrigatório com duração de 8 anos e integrando em um único ciclo os cursos primário e ginásio. (2012,p.108)

Durante quarenta anos, os alunos precisaram ser submetidos e aprovados com uma média nas provas escritas e orais em quatro áreas do conhecimento para terem acesso ao ensino secundário. O exame passou por vários formatos, mas todos tinham o objetivo de selecionar os estudantes, e o ensino primário era o limite para muitos da população mais pobre, enquanto o ginásio era mais acessível para os mais ricos. Os alunos que não eram aprovados poderiam refazê-lo no ano seguinte, desde que tivessem idade adequada.

O conteúdo aplicado no exame tinha um fim classificatório e nem sempre era ensinado nas escolas. Com isso, o mercado editorial começou a investir em materiais que auxiliassem os estudantes que seriam avaliados. Era comum que esses estudantes precisassem de alguém, além de sua professora, para auxiliar na aprendizagem necessária ao exame. O governo não tinha compromisso e nem estrutura para a continuidade dos estudos. Cabia aos estudantes e familiares galgar esforços, de forma que concluir os estudos não se tornasse algo impossível.

Em 1980, foi implementada a Pré-Escola, com a matrícula de 22 alunos no 1º Turno e 21 no 2º. Embora a escola não fosse um Jardim de Infância e um espaço para oferecer somente a educação infantil, ela precisou adaptar-se à realidade da comunidade e a necessidade de escolarizar as crianças da faixa etária em questão. Até então, só havia turmas da 1ª a 5ª série. Mas, de acordo com as matrículas realizadas naquele ano de 1980, duas turmas foram formadas para a referida classe. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 4.024/61, no capítulo I mencionava que a educação pré-primária, destinada aos menores até sete anos, seria ministrada em escolas maternas ou nos chamados jardins-de-infância. Somente em 1996, através da LDBEN, a educação infantil passou a ser obrigatória e prevista no Capítulo II, da Educação Infantil, no Art.30. A educação infantil passou a ser oferecida em pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos de idade. Desde então, a escola atende turmas de 5 anos e, há doze anos, atende turma de 4 anos.

Além das turmas regulares já citadas e a educação infantil, que se iniciou nesse mesmo ano, a escola também trabalhava com alguns projetos como, por exemplo, o Clube da Saúde que tinha como objetivo criar a consciência sanitária nos alunos. Envolvendo atividades artísticas e lúdicas e, principalmente, relacionadas ao cuidado com a água, lixo e sanitários, o Clube da Saúde foi uma associação de alunos dirigida por eles mesmos. Havia uma professora dirigente, responsável por acompanhar os alunos durante as reuniões e atividades do grupo.

A associação tinha o papel de reunir os estudantes para discutir e propor temas a respeito da saúde, higiene, cuidado com o corpo, com a escola e com os membros da escola.

O primeiro registro sobre o programa foi um Termo de visita redigido em 16/06/1980 por Maria Celeste Vieira Pereira, lotada na SME no setor de merenda. Nesse termo, constava que o objetivo da visita foi dar orientações necessárias sobre o programa e agendar a posse da diretoria para 25 de junho, às 15 horas. Foi feita uma apreciação sobre a horta e os canteiros que já estavam organizados e sobre o interesse demonstrado pela diretora Leyde Vieira.

O Termo de Visita de 23/06/80, redigido pela mesma profissional, registra os preparativos do Clube de Saúde e transfere a data da posse para o dia 1º de julho, às 9 horas, devido à Feira de Informação Ocupacional que seria realizada na mesma data.

O Termo de Visita posterior, datado de 10/07/80, tem o objetivo de saber o dia da posse da diretoria do Clube de Saúde, já que o dia 1º, marcado anteriormente, foi desmarcado devido à

visita do Papa ao Brasil. Ela finaliza, aguardando no Setor de Merenda Escolar o comunicado com a nova data.

Não foi encontrado registro sobre o documento em que constaria a remarcação da data. Encontramos nos arquivos um Programa “Clube de Saúde”, manuscrito, que seria apresentado no dia da posse, e uma Ata de Posse do Clube da Saúde, com toda a programação do dia 09/07/1981, às 15 horas.

O Programa Clube da Saúde funcionou de junho de 1980 até o ano de 1985. Iniciou-se na gestão da Diretora Leyde Vieira Muniz e Silva e passou pela gestão das diretoras Heloisa Helena Cristiano Resende da Costa, Marlene Leite de Souza e Yvone Ribeiro.

Em 1981, foram implantadas as primeiras turmas de 6ª série: a 601, com 29 alunos e a 602, com 26 alunos matriculados no 3º turno que, nessa época, já funcionava no período de 15h às 19h.

Em 1982, a escola teve a primeira turma de 7ª série e, no ano seguinte, em 1983, a primeira turma da 8ª série concluiu o 1º Grau, com 18 alunos.

A primeira turma do ginásio, que iniciou a 6ª série com 55 alunos, no ano seguinte, na 7ª série, possuía apenas 26 alunos e concluiu a 8ª série com 18 alunos. Apenas uma aluna ingressou na 7ª série e concluiu a 8ª. Os outros concluíram o ginásio na unidade escolar. Da 6ª para 7ª série, formou-se uma turma com menos de 50% dos alunos e, da 7ª para a 8ª, com menos de 75% dos alunos. Não foi possível saber se houve transferência desses alunos ou a evasão escolar.

O curso ginásio iniciou-se em 1981, mas o seu registro só ocorreu em 1984, conforme o BOE da Câmara Municipal de Duque de Caxias.

No dia 06/07/1984, através do BOLETIM OFICIAL ESPECIAL Nº 554, página 03, a LEI Nº 601 de 06 de julho de 1984 cita a seguinte EMENTA: cria Escolas Municipais situadas no 1º, 2º, 3º e 4º Distritos. Implanta Ensino de 1º Grau de 1ª a 8ª série, nas Escolas Municipais que menciona, cria cargos e funções e dá outras providências.

A Câmara de Duque de Caxias decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art 1º - Ficam criadas as Escolas Municipais assim distribuídas:

I – 1 Distrito

II – 2º Distrito

b) Ensino de 1º Grau de 1ª a 8ª série:

E. M. Anton Dworsak

O Ato de Criação que ampara a implantação de 5ª a 8ª séries 1980: Lei Nº 601/84, de 6/7/84 –PMDC/RJ - B.O.E. Nº 554, de 6/7/84. Regimento Escolar: Portaria 4027/ECDAT/83-BO.08/03/83. Parecer Nº 330/90/CEE/RJ de 25.10.90.

Em 1983, além da primeira turma concluindo o 1º grau, também foram matriculados 12 alunos. Os primeiros alunos com deficiência, em uma Classe Especial com nível de 1ª série.

A escolarização das pessoas com deficiência começa a ser discutida nos meados da década de 1930, com influência da ideologia da Escola Nova. As classes especiais eram consideradas como transformações revolucionárias no processo escolar. As pessoas com deficiências, que viviam segregadas, começaram a frequentar instituições religiosas ou filantrópicas. A Lei 4.024 não alterou a estrutura do ensino em relação às pessoas com deficiência, mas os alunos chegavam às escolas. Foi somente em 1971, por parte da Lei 5.692, através do Art.9º, que os alunos com deficiência física ou mental, distorção de série e idade e superdotação tiveram o direito garantido de receber tratamento especial, de acordo com as normas dos Conselhos de Educação.

Essa Classe Especial funcionou até 1996. Nos anos de 1994 a 1996, a escola funcionou com atendimento na Classe Especial e Sala de Recursos. A Sala de Recursos foi implementada em 1994, com três alunos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, no Capítulo V da Educação Especial em seu Art. 58 – entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais (BRASIL, 1996).

Desse modo, conforme orienta a Lei, a escola precisou se adaptar e modificar sua estrutura para atender o seu público alvo.

Em 1994, foi implementada a Sala de Recursos com objetivo de atender as especificidades dos alunos portadores de deficiência e só dois anos depois, em 1996, de acordo com a proposta de inclusão e atendimento prioritário nas turmas regulares de ensino. A Classe Especial foi extinta e o AEE (Atendimento Educacional Especializado) passou a ser realizado apenas pelo professor em Sala de Recursos, que funciona até os dias atuais e, atualmente, conta com duas turmas e 31 alunos matriculados.

Em 1984, outro projeto tornou-se destaque. O VIMA (Vigilantes do Meio Ambiente) foi um projeto desenvolvido na escola e supervisionado pela SME. Seu objetivo era a manutenção de hortas - para o plantio de hortaliças e de plantas medicinais para consumo dos alunos, na merenda escolar - e de jardins, com o plantio de plantas ornamentais. As turmas tinham diferentes tarefas nesse cuidado com as plantas e as atividades eram acompanhadas

pelos professores. Nessa época, havia a professora de Técnicas Agrícolas, que lecionava a disciplina para os alunos do ginásio. Foi trabalhado na escola um programa que visava à manutenção de uma horta e à preservação do meio ambiente.

O Programa Vigilantes do Meio Ambiente (VIMA) foi descrito através de um Relatório e uma Ata de Posse, datada aos vinte e quatro dias do mês de maio de 1984. A Ata de Posse relata que a Dirigente fez uso da palavra e a responsável pelo Centro Cívico falou sobre a finalidade e os objetivos do VIMA. Logo após, foi feita uma oração e um juramento, dirigido pela secretária Maria Rosângela Silva. A ata foi lavrada e assinada pela Diretora Yvone Ribeiro e pela responsável pelo Centro Cívico, Nancy Lima de Santana, constando o nome dos oito alunos que fariam a composição do VIMA.

No Relatório do VIMA, no qual é avaliado o primeiro semestre de 1984, consta o desenvolvimento de um trabalho digno de apreciação e a responsabilidade de cada criança ao cuidar das plantas - hortas, jardins e plantas medicinais. Foi organizada uma campanha pelos alunos, através da doação de sementes de hortaliças, e um concurso de plantas que teve os alunos do 2º turno como vencedores. No “Concurso de Hortas Escolares”, promovido pelo Serviço de Alimentação Escolar da SME, a horta da Anton Dworsak foi premiada em 1º lugar e teve destaque para o bom desempenho do programa na escola.

### Figura 30

Certificado de 1º lugar da E.M Anton Dworsak no concurso de horta expedido pela SME em 1983



Fonte: Arquivo da E.M. Anton Dworsak

Em 1985, foi implantada a Educação de Jovens e Adultos (EJA) que, segundo o Ministério da Educação e Cultura (MEC), tinha o objetivo de proporcionar o acesso à educação e à capacitação às pessoas que, por diversos motivos, não concluíram a Educação Básica na idade certa.

As primeiras turmas do 4º turno, que era o ensino noturno, foram da 2ª série, com 108 alunos matriculados. Esse número foi crescendo a cada ano e a escola ampliou o atendimento aos alunos do Ensino Fundamental, cursado por ciclos, isto é, dois anos de escolaridade em um ano letivo. Essa modalidade era voltada para alunos a partir de 15 anos de idade, e muitos trabalhadores que não concluíram o Ensino fundamental retornaram aos bancos escolares. No entanto, após as três últimas décadas, desde que a EJA foi implantada na escola, a procura pela matrícula tem diminuído e, quando há matrícula, a evasão é grande e por vários motivos relatados como, por exemplo, o horário das aulas e do trabalho não coincidem, a carga horária de trabalho e o desgaste físico, a violência no trajeto de ida e volta para a escola, e etc. Essa questão não é privativa da escola, e nem todos da comunidade têm o EF que a escola oferece. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) funciona até hoje e com apenas 3 turmas e três etapas diferentes (etapa III – 4º e 5º ano de escolaridade, Etapa IV – 6º e 7º ano, e Etapa V – 8º e 9º ano).

Em 1988, foram matriculadas 66 crianças em duas turmas na Classe de Alfabetização (CA), uma no 1º turno, com 32 alunos e outra no 2º turno, com 34. Nos dois anos seguintes, 1989 e 1990, já eram 5 turmas de Pré, uma no 1º turno e 4 no 2º turno. Nessa época, a Lei

9.394/96, que garantia a matrícula a partir de 6 anos de idade, ainda não existia. Portanto, a necessidade da comunidade em matricular as crianças de 6 anos era urgente e a escola precisou atender, até mesmo porque já havia turmas de EI, e somente as crianças que já estavam matriculadas tinham a CA garantida.

Em 2009, a Emenda Constitucional nº 59, em seu Art. 208, altera a lei anterior e passa a prever a obrigatoriedade do ensino de 4 a 17 anos.

### ***3.4. A FORMAÇÃO, SELEÇÃO E CONTRATAÇÃO DE DOCENTES NA ESCOLA MUNICIPAL ANTON DWORSAK***

A formação docente na educação escolar, principalmente na escola pública do município de Duque de Caxias, era fundamental para contribuir na qualificação da sociedade e na construção de uma população mais consciente. Não havia professores leigos nem sem formação adequada no quadro funcional do magistério de Duque de Caxias. No entanto, a exigência para os profissionais atuarem nas primeiras séries do curso primário era apenas o curso Normal.

Desde a década de 1930, grandes mudanças ocorreram na política, na economia e na sociedade, resultantes de uma enorme crise internacional; evidenciou-se, então, a necessidade de escolarização para a população trabalhadora, pois o mercado de trabalho passou a exigir maior preparo, com objetivo de direcionar o trabalhador a um novo mercado promissor.

Sendo assim, o governo precisou se mobilizar e, para atender às reivindicações, tomar determinadas medidas. Ao mesmo tempo, um grupo de educadores, intelectuais motivados com novos ideais da educação, declara uma renovação na educação e, em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação foi publicado.

Para os Pioneiros da Educação, a criação de universidade no Brasil seria o único meio de ampliar o número de escolas e universalizar o ensino. Era esse o objetivo dos educadores que participavam dos movimentos sociais.

Foi a partir desses movimentos que, em 1934, teve origem a Universidade de São Paulo, e em 1935, a Universidade do Distrito Federal. Com a criação dessas universidades, os cursos de formação para professores secundários foram organizados e implementados em todo o país, através do Decreto-lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939. Um dos objetivos desse Decreto foi formar profissionais do magistério do ensino secundário e normal.

Nesse sentido, buscamos identificar a forma como os docentes eram selecionados e contratados para lecionar na Anton Dworsak, bem como suas possíveis formações e atuações dentro do magistério, tendo em vista que, a partir de 1931, o Registro profissional passou a ser

exigência no Ministério da Educação, assim como a formação dos professores em instituição específica.

Não encontramos registros de informações sobre a forma de seleção e contratação de professores no primeiro ano de funcionamento da escola, em 1962.

O corpo docente da Anton Dworsak era formado por cinco profissionais do sexo feminino, como sempre foi composto, em sua maioria, ao longo dos séculos até os dias atuais, no ensino dos primeiros anos de escolaridade. Eram formadas no magistério; porém, naquela época de 1960 até o início da década de 1990, os professores eram contratados pela Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e, na maioria das vezes, ocupavam o cargo por indicação política ou por um processo seletivo que atendesse a necessidade de determinada unidade escolar.

Os arquivos da escola guardam documentos pessoais, fichas individuais e documentação comprobatória das disciplinas afins as quais os docentes ministravam. Da forma de seleção para o primeiro ano do ensino ginásial também não possuímos registro, mas foi feita uma seleção pela prefeitura municipal, após professores interessados se inscreverem e comprovarem sua escolaridade e docência. Na época, a divulgação das vagas para professores de disciplina foi feita “boca a boca”, segundo uma professora que participou da seleção e permanece até hoje na escola como Regente de Turma, ministrando a disciplina de Ciências, e possui 40 anos de serviço público na educação do município de Duque de Caxias. Quem tivesse interesse, deveria se inscrever e cumprir os requisitos necessários ao cargo.

Os professores de disciplinas afins que foram contratados pela prefeitura na implementação do curso ginásial e que permaneceram no cargo, foram efetivados no município. Outros, devido ao baixo salário, desistiram da função; e alguns professores contratados foram efetivados até mesmo em outra função que exerciam na prefeitura. Professores que atuavam como psicólogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais e etc, foram efetivados nas respectivas funções antes do primeiro concurso do município.

Como mencionamos anteriormente, não encontramos registros completos sobre os primeiros anos de funcionamento da escola, seja no ensino primário ou ginásial. Mas através do Livro de Julgamento referente ao primário e de algumas fichas cadastrais que constam nos arquivos referentes aos docentes de disciplinas, foi possível conhecer alguns dados pessoais, tais como nome, sexo, idade, naturalidade, escolaridade e endereço. Apesar de não serem em número expressivo, são informações relevantes para a nossa pesquisa.

### ***3.5- COMPOSIÇÃO DO CORPO DOCENTE DA ANTON DWORSAK***

A Anton Dworsak como espaço de formação, conferiu sentido à vida de vários educadores que por ela passaram. A partir de suas práticas, experiências e modo de vida, alguns profissionais puderam compreender que o que era apenas um local de trabalho, tornou-se um

ambiente amistoso, de modo que os aspectos profissionais não eram a única condição para estar ali. O contexto educacional era também um local de aprendizagem, troca de experiências e um lugar onde sujeitos tão diferentes tornam-se tão iguais a partir de condicionantes e, sobretudo de humanismo, tornando o trabalho docente mais dinâmico e menos complexo. Um local onde os sujeitos se constroem a si mesmos, e são também construídos nas relações que estabelecem com outros profissionais, com seus alunos e com a comunidade escolar como um todo.

A escola como um espaço vivo de aprendizagem e trocas, no qual os sujeitos são produtores da sua história, o que demanda uma condição para que o autor, através de diferentes práticas e ações busque condição de ator perante a vida e o que se propõe a fazer. Considerando o sujeito como autor de sua própria história e de diferentes práticas e ações, a finalidade dessa pesquisa – que também é a de compreender alguns dos atores da Anton Dworsak – torna-se relevante. Partimos do princípio de que alunos e professores “não apenas põem em funcionamento uma instituição ou uma cultura definida sem a sua presença, mas que pelo contrário, participam ativamente na construção da escola e da cultura e de si mesmos como sujeitos sociais”. (FARIA FILHO, 2002, p.87).

Nosso objetivo é apresentar as primeiras professoras que fizeram parte da Anton Dworsak no período de 1962 a 1973, considerando que, durante dez anos, o quadro era formado apenas por profissionais femininos. Somente em 1972 chegou um professor para compor o quadro dos professores do Ensino Primário.

O corpo docente, em sua maioria ou unicamente feminino, não era e ainda não é um fato raro, uma vez que a feminização no ensino primário é uma realidade no Brasil e no exterior, sobretudo nos séculos passados. O crescimento urbano, os baixos salários, o sacerdócio imposto pela Igreja e pelas famílias, foram algumas das razões para que a docência em grande maioria fosse uma opção feminina. Peres (2000, p.177), afirma que a presença de mulheres no magistério é “resultado de um conjunto de elementos sociais, culturais e econômicos, decorrente das transformações que se operaram na sociedade na virada do século”. Realidade que não foi diferente na escola pesquisada posto que, nos primeiros dez anos de funcionamento, só havia profissionais do sexo feminino.

Nos arquivos da escola, encontramos dois livros nomeados “Folhas de Julgamento”, onde constam informações das turmas do ensino primário dos anos de 1962 a 1973. Não foi possível obter maiores informações do corpo docente desse período, pois não há dados suficientes, algumas nem mesmo têm registro do sobrenome. Dessa forma, apresentamos as informações que estão acessíveis à nossa pesquisa.

### Quadro 6

Nomes dos professores que trabalharam na escola nos anos de 1962 a 1973

| Ano  | Nome dos Professores  |
|------|---|
| 1962 | Rosa Maria Braga Rena, Amélia Câmara dos Santos, Maria Luiza Rena da Fonseca, Nair Campos Chamarelli Leser  |
| 1963 | Rosa Maria Braga Rena, Maria Luiza Rena da Fonseca, Maria Rita Costa Silva, Rosa Ana de Paola Gonçalves, Maria do Céu Vieira de Souza, Hilda dos Santos Sagias, Euza Maria Santos e Nair Campos Chamarelli Leser  |
| 1964 | Constancia Pereira da Costa, Ana Clara, Magda Rezende Noronha, Irene, Maria Luiza Rena da Fonseca, Nair Campos Chamarelli Leser, Mery e Erzy Viana Macedo   |
| 1965 | Izaura, Esmeralda, Maria José, Marlene, Sônia, Luzimar, Débora, Edna, Maria Luiza Rena da Fonseca, Diosnete, Josefina, Maria Irene, Giseli, Maria Batista Ramos, Nair Campos Chamarelli Leser e Eny   |
| 1966 | Maria Batista Ramos, Josefina, Esmeralda, Hucrecia, Isaura, Diosnete, Maria Bernadete, Neide, Maria Irene e Giseli  |
| 1967 | Adnéia Lurdes Gomes, Libânia Pereira dos Santos, Maria Isabel da Silva Nascimento, Maria Batista, Luiza Helena Filho, Esmeralda Brasil de Lima, Janice Firmino do Amaral, Guaratinga G. de Oliveira, Maria José Alves Bezerra, Maria Luiza Rena da Fonseca, Rosa Maria Braga Rena, Elza Glória Almeida dos Santos, Marly Dias Nunes, Giseli Rodrigues da Silva e Ilça |
| 1968 | Esmeralda Brasil de Lima, Libânia Pereira dos Santos, Luiza Helena Filho, Florinildes Vieira dos Santos, Josefina Patriarca Durval, Maria Batista, Rosa Maria Braga Rena, Maria José Alves Bezerra, Marly Dias Nunes, Adnéia Lurdes Gomes e Giseli Rodrigues da Silva   |
| 1969 | Iêda Mello Ferreira, Elizabeth, Marilena, Ângela Maria, Mariza, Elza Glória Almeida dos Santos, Norma, Regina, Marilene, Rosa Maria Braga Rena, Valderéz Nery Santana e Adnéia Lurdes Gomes   |
| 1970 | Maria José Alves, Rosa Maria Braga Rena, Denair, Regina, Dulce, Ivani, Adnéia Lurdes Gomes, Lenaíde, Aurelice, Dalcinea e Marisa,   |
| 1971 | Mirian Posto Vasconcelos, Maria Anadias, Mariza Ribeiro Barreto, Maria Auxiliadora, Dulce, Elizabeth, Elza Glória Almeida dos Santos, Regina, Guaratinga G. de Oliveira, Rosa Maria Braga Rena, Maria José Alves, Dalcinea, Marilena e Denair   |
| 1972 | Marilena Campos Gomes, Mirian Posto Vasconcelos, Maria Lea, Maria Dilma, Déa, Marilene, Eunice, Maria José de Abreu, Maria da Fé, Eliane, Maria, Maria das Dores, Mariza Ribeiro Barreto e Denair   |
| 1973 | Zuleica J. dos Santos, Maria da Fé Guimarães Marques, Déa, Eunice, Lygia, Eliaci, Maria Lea, Wanda, Maria Dilma, Wilson, Eliane, Maria Anadias, Marilena Campos Gomes, Mariza Ribeiro Barreto e Dilma   |

Fonte: Aatoria

Ao analisarmos os arquivos da escola, não pudemos constatar quantos e quais professores foram contratados para lecionar disciplinas nos anos de 1981, 1982 e 1983, quando se iniciou o curso ginásial na instituição.

Para identificar os docentes que lecionaram no curso ginásial da Anton Dworsak, utilizamos as fichas individuais disponíveis nos arquivos, os livros de Conselho de Classe e

Diários. Existem diversas lacunas nesses documentos, a maioria está incompleta e muitos foram perdidos no local em que foram armazenados. Nas fichas individuais, não constam informações pessoais completas, e a quantidade das mesmas é inexpressiva. Da mesma forma, não foram encontrados todos os Livros de Conselho de Classe dentro desse período, assim como os Diários de Classe.

Encontramos, de forma mais completa e organizada, os Diários de Classe dos professores que lecionaram de 5<sup>o</sup> a 8<sup>a</sup> série no ano de 1983, onde podemos verificar informações acerca dos nomes dos professores, disciplinas que lecionavam e as séries em que trabalhavam.

### **Quadro 7**

Disciplinas cursadas no curso ginásial da Escola Municipal Anton Dworsak nos três primeiros anos de implantação

| Disciplinas         | Turmas  | Turno          |
|---------------------|---|----------------|
| Educação Física     | 5 <sup>a</sup> , 6 <sup>a</sup> , 7 <sup>a</sup> e 8 <sup>a</sup> | 3 <sup>o</sup> |
| Matemática          | 5 <sup>a</sup> , 6 <sup>a</sup> , 7 <sup>a</sup> e 8 <sup>a</sup> | 3 <sup>o</sup> |
| Geografia           | 5 <sup>a</sup> , 6 <sup>a</sup> , 7 <sup>a</sup> e 8 <sup>a</sup> | 3 <sup>o</sup> |
| Técnicas Comerciais | 7 <sup>a</sup> e 8 <sup>a</sup>                                   | 3 <sup>o</sup> |
| Língua Nacional     | 5 <sup>a</sup> , 6 <sup>a</sup> , 7 <sup>a</sup> e 8 <sup>a</sup> | 3 <sup>o</sup> |
| Inglês              | 5 <sup>a</sup> , 6 <sup>a</sup> , 7 <sup>a</sup> e 8 <sup>a</sup> | 3 <sup>o</sup> |
| Técnicas Agrícolas  | 5 <sup>a</sup> , 6 <sup>a</sup> , 7 <sup>a</sup> e 8 <sup>a</sup> | 3 <sup>o</sup> |
| Ciências            | 5 <sup>a</sup> , 6 <sup>a</sup> , 7 <sup>a</sup> e 8 <sup>a</sup> | 3 <sup>o</sup> |
| História            | 5 <sup>a</sup> , 6 <sup>a</sup> , 7 <sup>a</sup> e 8 <sup>a</sup> | 3 <sup>o</sup> |

Fonte: arquivos da escola e dos Diários de Classe de 1981 a 1983

A Escola Municipal Anton Dworsak construiu, com sua comunidade escolar, laços afetivos que fizeram com que muitos professores e funcionários exercessem suas funções na unidade, permanecendo desde a sua admissão até a sua aposentadoria ou aguardando que ela chegasse. Nesses últimos treze anos, foram dez funcionários que se aposentaram ou que aguardam aposentadoria e outros que, embora já tenham tempo para se aposentarem, ainda continuam trabalhando.

### ***3.6- A DIREÇÃO ESCOLAR: UM CARGO DE CONFIANÇA QUE VIVE A DEMOCRACIA***

A direção de uma escola pública é responsável por toda a administração da instituição, por isso se faz necessário destacar sua importância no contexto educacional da Anton Dworsak. A instrução e o desenvolvimento do país estavam intimamente relacionados no início da década de 1960. A educação tecnicista atendia às expectativas de desenvolvimento e progresso, escolarização e profissionalização. Esse não era o objetivo do Ensino Primário, mas as instituições escolares primavam por um representante com o papel de gerir e se incumbir de representar o governo em suas ações, bem como dar continuidade ao processo pedagógico.

Além das responsabilidades administrativas, a diretora também concentrava responsabilidades políticas e sociais, entre outras.

O êxito do bom funcionamento de uma unidade escolar está sempre ligado ao papel da direção, ainda que não seja ela a única responsável por todos os segmentos e particularidades dentro espaço escolar. Há sempre alguém esperando da direção a boa vontade, o conhecimento, a resposta correta ou esperada, a divisão e supervisão das tarefas, a fiscalização permanente de todos e de tudo, o cumprimento de prazos, a execução dos programas, o bom senso com os profissionais, o estímulo ao trabalho dos professores, o reconhecimento do trabalho da equipe pedagógica, a disciplina dos alunos, o atendimento adequado e produtivo aos responsáveis, a ordem, a limpeza e o funcionamento do prédio, a qualidade da merenda, a representação dos órgãos superiores de educação. Enfim, o que é o diretor? É alguém que expressa a própria alma e a da instituição em que atua. Alguém que contempla a dinâmica do grupo e se inclui, sem receio de ser professor ou aluno. Na verdade, o que ele quer é ser gente, parte integrante daquele espaço. Mas a função requer mais que isso. O cargo de direção era destinado às pessoas de confiança das autoridades políticas; para isso, as exigências de qualificação eram necessárias para atuar no cargo e atender às necessidades educacionais das instituições escolares. Hoje, na Rede Municipal de Duque de Caxias, a direção escolar é eleita pela comunidade escolar. No entanto, o trabalho não difere em nada de tudo que foi citado acima. Mas, de acordo com a Lei Municipal nº 2.864 de 01 de novembro de 2017, a qual dispõe sobre a Gestão Democrática da Educação Pública do Município de Duque de Caxias, as atribuições do Diretor são descritas abaixo:

### CAPÍTULO III DA CONSULTA PÚBLICA PARA ESCOLHA DE DIRETORES

#### Seção I

##### Dos Diretores e Vice-Diretores

Art. 33. São atribuições do Diretor:

- I – representar a escola, responsabilizando-se pelo seu funcionamento;
- II – executar as políticas públicas para a educação, asseguradas a qualidade, a equidade e a participação dos segmentos envolvidos;
- III – coordenar a implementação do Projeto Pedagógico da Escola, assegurando sua unidade e o cumprimento do currículo e do calendário escolar;
- IV – submeter ao Conselho Escolar, para apreciação e aprovação, o Plano de Aplicação dos recursos financeiros;
- V – organizar o quadro de recursos humanos da escola com as devidas especificações, mantendo o respectivo cadastro atualizado, assim como os registros funcionais dos servidores lotados na escola;
- VI – coordenar o processo de avaliação das ações pedagógicas e técnico-administrativo-financeiras desenvolvidas na escola, assegurando a transparência desses processos;
- VII – apresentar, anualmente, à Secretaria Municipal de Educação e à comunidade escolar a avaliação do cumprimento das metas estabelecidas no Projeto de Gestão, além de propostas que visem à melhoria da qualidade do ensino e às estratégias para o alcance das metas estabelecidas;
- VIII – zelar pela conservação da escola e de seu patrimônio;
- IX – dar conhecimento à comunidade escolar das diretrizes e normas emanadas dos órgãos do Sistema Municipal de Ensino;
- X – cumprir e fazer cumprir a legislação vigente; e

A educação básica é gerida, predominantemente, por mulheres. Esses dados mostram que 80% dos gestores do país são do sexo feminino. É o resultado da maior pesquisa estatística educacional brasileira, realizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Esse perfil feminino na educação e, particularmente da direção de escolas do Ensino Fundamental, foi construído ao longo da história, e principalmente, pelo fato do preconceito e da exclusão que sofreram ao longo da história.

A figura feminina ficou excluída do sistema de ensino estabelecido na colônia e sua educação era restrita à catequese, quando era possível. E o acesso à educação básica no Brasil, quando finalmente as mulheres passaram a ser aceitas, foi a partir de 1863. Sendo assim, foi preciso muita força, luta e coragem para conquistarem seu espaço dentro da sociedade. Um dos primeiros passos para que a mulher tivesse acesso à educação foi dado a partir da Reforma Educacional Pombalina. A mudança, na prática, foi pouca, mas as mulheres passaram a ter permissão para estudar, embora fossem separadas por sexo; com a escolarização, o mercado de trabalho surgiu e o magistério foi a opção para aquelas que queriam ou precisavam trabalhar, e lecionar seria apenas para moças.

A vinda da família real não alterou a realidade feminina em relação à sua escolarização. Mas a chegada de estrangeiros ao Brasil levou as famílias a buscarem por professoras que ensinassem seus filhos.

A primeira constituição do Brasil, em 1824, tinha como objetivo o ensino primário extensivo a “todos” os cidadãos, com exceção de índios e negros. No entanto, a primeira Legislação específica do ensino primário só veio em 15 de outubro de 1827, o que marcou a criação das escolas de primeiras letras, hoje o EF. Nessas escolas, as meninas não tinham acesso a todas as matérias e, quando se tornavam mestras, tinham seus salários menores do que dos homens, apesar de terem igualdade garantida pela Lei Geral. Somente em 1835 foi criada a primeira Escola Normal do Brasil, na cidade de Niterói, mas as moças não puderam ser matriculadas.

No Rio de Janeiro, em 1854, a educação feminina se iniciou através da participação de religiosos no Colégio Imaculada Conceição, voltado para a educação das filhas da elite, sob os princípios morais da Igreja Católica Romana. Alguns anos mais tarde, em 1870, as escolas protestantes foram fundadas, sobretudo as presbiterianas e metodistas e, pela primeira vez no país, reuniram na mesma classe meninos e meninas.

A partir daí, as escolas públicas foram surgindo e a necessidade de professoras para lecionar para meninos de 12 a 14 anos foi uma oportunidade para quem queria exercer o

magistério e, em 1910, as mulheres já dominavam o mercado de trabalho nas primeiras séries. No entanto, foi na década de 1990 que as mulheres brasileiras ultrapassam a marca da escolarização sobre os homens. E, após avançarem nos estudos superiores, as mulheres brasileiras continuaram avançando no campo da educação.

Não foi diferente na história da Anton Dworsak, onde todas as diretoras que passaram pela escola desde seu início foram mulheres.

Diante do exposto, não poderia deixar de ressaltar a importância do trabalho dessas mulheres que, por pouco ou muito tempo, dedicaram-se a realizar a tarefa tão importante de dirigir uma instituição de tão grande valor como a Anton Dworsak. É lamentável não ter um arquivo com informações completas sobre cada funcionário para que. Nesse trabalho tornássemos conhecidas cada profissional que contribuiu para o crescimento e o desenvolvimento da unidade escolar. Destaco aqui o trabalho da Professora Amélia Câmara dos Santos, que foi a primeira diretora da Anton Dworsak e atualmente dá nome a uma escola da Rede Municipal de Duque de Caxias, no Bairro Pilar. Yvone Ribeiro, Professora e Advogada, dirigiu a escola por um período de doze anos, deixou sua marca referente à organização que mantinha na escola. Samyra Harb, Pedagoga, conhecida por sua simpatia e pela relação amistosa com os funcionários, dirigiu a escola também por doze anos e hoje continua na Rede Municipal de Ensino, como Diretora de uma escola municipal.

Ao analisarmos os arquivos da escola, constatamos que, nos sessenta anos que tem a instituição, passaram pela direção da unidade, de acordo com os registros encontrados, treze mulheres como Diretoras. Algumas ocuparam o cargo por um período bem curto, principalmente quando essa cadeira era indicação exclusiva de determinados políticos e não havia profissional concursado pela rede municipal de ensino. As direções das escolas permaneciam o tempo que determinava a política ou um determinado político, ou deixavam seus cargos, às vezes, até sem saber o real motivo, isso se o cargo fosse do interesse de alguém considerado melhor naquele momento ou em determinada situação específica. O fato de profissionais da educação serem concursados e não mais nomeados, levou segurança e estabilidade e, conseqüentemente, conhecimento de direitos além dos deveres. Essa possibilidade estendida aos diretores também possibilitou àqueles que desejassem exercer a função e tivessem as condições e critérios a permanência no cargo sem a influência da política, ou de políticos alheios ao processo educacional.

## Quadro 8

Nomes das diretoras que dirigiram a escola nos anos de 1962 a 2009

| <b>Período</b> | <b>Nome</b>                               |
|----------------|---|
| 1962-1963      | Amélia Câmara dos Santos                  |
| 1963-1967      | Nair Chamarelli Leser                     |
| 1967-1968      | Maria Irene Gomes                         |
| 1968           | Janice Firmino do Amaral                  |
| 1968-1971      | Neudima Lima Luna                         |
| 1972           | Célia Maria de Abreu Gomes                |
| 1973           | Nair Alves Santangelo                     |
| 1974-1980      | Leyde Vieira Muniz e Silva                |
| 1982           | Heloisa Helena Cristiano Resende da Costa |
| 1983           | Marlene leite de Souza                    |
| 1984-1996      | Yvone Ribeiro                             |
| 1997-2008      | Samyra Harb                               |
| 2009           | Rosangela Martins da Silva                |

Fonte: Arquivos da E.M. Anton Dworsak

No município de Duque de Caxias, como na maioria dos municípios brasileiros, a direção escolar é um cargo de confiança e, por isso, é indicado, com o aval da Secretaria de Educação. Na escola Municipal Anton Dworsak, todos os diretores foram indicados para a função de confiança desde 1962. Porém, em 2015, houve a primeira Eleição para diretor e vice-diretor na Rede Municipal de ensino de Duque de Caxias. Após muitos anos de luta dos profissionais da educação e comunidade escolar, no governo do prefeito Alexandre Cardoso, publicou-se o Decreto 6542/15, que dispunha sobre a eleição de Diretores e Vice-Diretores das Unidades Escolares de Duque de Caxias. Neste documento, foram determinadas as normas do processo eleitoral. Entre elas, os requisitos para registro da candidatura aos respectivos cargos, que eram: ser servidor público municipal da Secretaria de Educação e detentor de cargo efetivo, disponibilidade para trabalhar 40 h semanais, entre outras. Com objetivo de regulamentar, ainda, outros aspectos relacionados à eleição, foram publicadas as Portarias nº 34/2015, nº 61/2015, nº 80/2015 e nº 64/2015, um documento com Orientações Gerais sobre o pleito e o Regimento da Primeira Eleição Para Diretores e Vice-Diretores das Unidades Escolares da Rede Pública Municipal de Duque de Caxias. Nesse mesmo processo, estava também a Eleição para Conselheiros Escolares.

Para Freire (1996), uma escola democrática é aquela que se constrói a partir de diálogos e acordos criados pelo grupo. A educação libertadora que tanto se deseja precisa ser antecedida pela tolerância e o respeito ao outro.

É no respeito às diferenças entre mim e eles ou elas, na coerência entre o que faço e o que digo, que me encontro com eles ou com elas. Viver a abertura respeitosa aos outros e de quando em vê, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência

Em 2017, o Decreto torna-se Lei Municipal, e o Processo Eleitoral da Consulta Pública para eleger os Diretores e Vice-Diretores das Escolas Municipais, agora, é baseado nos Artigos 51 e 52 da Lei Municipal nº 2.864 de 01 de novembro de 2017, a qual dispõe sobre a Gestão Democrática da Educação Pública do Município de Duque de Caxias. Essa Lei expõe, no Art. 70, que o Diretor e Vice-Diretor escolhidos serão nomeados para um mandato de 2 (dois) anos, permitida uma única recondução sucessiva.

Essa Lei amparou as eleições de 2017 para o biênio 2018/2019 e em 2019, para o biênio 2020/2021. Em 2021, não houve eleição pelo fato de estarmos vivendo a pandemia da Covid 19, de modo que os Diretores e Vice-Diretores foram reconduzidos ao cargo. A escola, em 2020, iniciou suas atividades normalmente em fevereiro e, em 13 de março de 2020, fomos afastados de nossas funções, por meio de um decreto, por um período inicial de quinze dias e, depois, por outros decretos que tornaram nosso trabalho pedagógico remoto. O envio das atividades era feito por redes sociais que fossem mais viáveis para os alunos, visto que nem todos possuíam internet em seus lares ou de forma acessível.

Em 2021, o retorno aconteceu para alguns. Professores e alunos com comorbidade tiveram o direito de permanecer em casa, bem como o de continuar trabalhando ou estudando de forma remota. O desejo e a pressa pela vacina era algo intrínseco à maioria dos educadores. À maioria, sim, pois ainda havia professores que não desejavam se vacinar nem davam credibilidade à ciência para acreditar que sua vida seria poupada com tal garantia. Vivíamos uma política conturbada e o ano letivo não foi diferente.

A Lei nº 3.254, de 30 de junho de 2022 dispôs sobre a gestão democrática da educação pública no Município de Duque de Caxias, e deu outras providências. Entre elas, a revogação do inciso VII, do art. 41: “O diretor e Vice-Diretor escolhidos serão nomeados para um mandato de 2 (dois) anos, permitida uma única recondução sucessiva”. A partir dessa Lei o Diretor e Vice-Diretor podem concorrer a outros pleitos, desde que esteja de acordo com a vontade soberana da comunidade escolar (professores, funcionários, alunos e responsáveis).

A democracia na escola é pautada na participação ativa da comunidade escolar e nas decisões próprias da gestão. É a garantia de direito facultada a todos, seja de forma individual ou representadas por grupos.

Foi com o desejo e a certeza de que o processo democrático sempre será o melhor e mais viável que a Escola Municipal Anton Dworsak completou seus sessenta anos. E na perspectiva que a escola cumpra cada vez mais o seu papel na região, celebramos junto à comunidade e inauguramos o Centro de Memória da Escola Municipal Anton Dworsak no dia 18 de novembro de 2022. Os centros de memória têm como objetivo geral a preservação da história institucional

e, como objetivos secundários, a utilização como instrumento de gestão e organização institucional (LAURETTI, 2011).

**Figura 31**

Fachada da E.M. Anton Dworsak

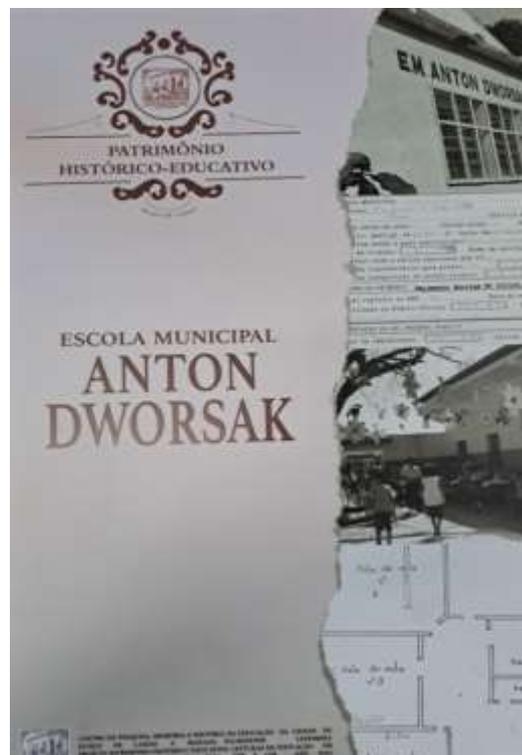


Fonte: Arquivo da autora

Os centros de memória são espaços de preservação da memória das instituições e tem como objetivo reunir, preservar e organizar a memória institucional, a fim de mantê-la viva e torná-la acessível.

**Figura 32**

Placa doada pelo CEPEMHED



Fonte: Foto da autora

Ao inaugurar o Centro de Memória da Escola Municipal Anton Dworsak, considerou-se importante refletir sobre o que é memória. E, a partir do que foi vivido e experimentado durante esse período de pesquisa, conclui-se que memória é sempre o que associamos às nossas lembranças do passado. É a nossa capacidade, digo, dos seres humanos, de aprender, guardar e recordar de uma determinada lembrança ou informação. Não nos lembraremos de tudo que vivemos, vimos ou ouvimos, mas na memória sempre ficarão os mais importantes fatos que a vida nos proporcionou; sendo eles bons ou ruins, ficarão registrados. De acordo com Pollack:

(...) a memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais (...). A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade. (POLLACK, 1989, p.9).

A relação que a história tem com a memória é muito íntima, e é exatamente a História que guarda a memória de um povo ou de um determinado grupo. Sendo assim, a frase de Marc Bloch: “o homem é fruto do seu tempo” significa que os homens são diferentes e possuem diferentes interesses em cada época da sua vida. Portanto, é o presente que direciona a História. E o Centro de Memória constitui-se com a representação desse grupo, que deseja descortinar o passado e preservá-lo, mantendo viva a memória da instituição.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa, buscamos demonstrar que a criação da Escola Municipal Anton Dworsak, instalada no 2º distrito do município de Duque de Caxias, ocorreu em um contexto de grandes mudanças políticas, econômicas e sociais proporcionadas pelo desenvolvimento do município que, paralelamente ao seu processo de modernização e industrialização, buscava o progresso do seu centro comercial, assim como dos bairros mais afastados. Grandes loteamentos estavam sendo formados e era preciso fazer mais do que abrir ruas. A necessidade da época para a população, em especial do bairro de Jardim Primavera, eram as escolas, hospitais, praças, ruas pavimentadas, iluminação elétrica, saneamento, transporte público.

A vinda de Anton Dworsak para o Brasil e, particularmente, para o bairro de Jardim Primavera contribuiu para a construção da escola. Contudo, sem o apoio da comunidade e de alguns moradores que aderiram ao projeto, talvez não fosse possível acontecer, ou até acontecesse, mas de uma forma mais remota, diante da realidade de tantas famílias com seus filhos fora da escola. O fator primordial para a construção do estabelecimento no local se deu a partir da mobilização de pessoas com um interesse comum, que era a educação escolar.

A escola, que nasceu junto com a primeira LDBEN, projetou seu objetivo no Ensino Primário durante seus primeiros vinte anos pois, além da estrutura física inadequada, não havia, da Prefeitura Municipal de Educação, autorização, nem profissionais que pudessem oferecer à comunidade local o Ensino Ginásial. O corpo docente, formado por dez anos exclusivamente por mulheres, inclusive em cargos de gestão, durante seus 60 anos de funcionamento, apresentava formações e trajetórias profissionais e educou várias gerações que, através do benefício da educação, puderam vislumbrar outros horizontes.

Vimos que o investimento por parte da municipalidade em ampliar a oferta de ensino primário na localidade foi quase inexistente pois, durante anos, foi a única escola pública da região e, ainda hoje, a escola municipal mais próxima da Anton fica a cerca de 2 km. Todavia, a oferta do ensino Ginásial ficou a cargo da rede estadual ou da iniciativa privada. O Curso Ginásial da Anto Dworsak só ganhou forma vinte anos depois que a escola passou a funcionar. Em 1982, iniciou com a primeira turma, após contratar professores graduados com licenciatura para ministrar conteúdos de disciplinas escolares, específicas para aquele segmento. Nessa época, no ensino tradicional, além das disciplinas comuns, eram lecionadas também Técnicas Agrícolas, Moral e Cívica, Técnicas Comerciais e outras que estimulavam nos educandos o respeito pela pátria, a consciência social e religiosa.

Foi possível verificar o caráter seletivo do curso Ginásial: uma enorme disparidade na quantidade de alunos que entrava no estabelecimento no primário e que concluía o curso ginásial, até mesmo no início da implantação. Muitos alunos iniciaram a 6ª série, metade deles deu continuidade na 7ª e somente um terço concluiu a 8ª.

A escola, dentro de sua limitação e possibilidades, sempre buscou se adequar às necessidades da comunidade e às normas que regem a educação pública municipal em todas as instâncias estaduais e federais.

A partir do apresentado, concluímos que as mudanças ocorridas no campo educacional entre a LDBEN Nº 4.024/61 (ano em que a escola foi criada) e a Lei 5692/71, que concretizou a obrigatoriedade do ensino básico, passando de 4 para 8 anos, proporcionou uma visão mais centrada na faixa etária de 7 a 14 anos; pois se para chegar nessa etapa de escolarização era difícil, concluir o ensino fundamental era pior, ainda mais pensando na classe popular e trabalhadora. Sendo assim, ultrapassar essa margem educacional do ensino fundamental nem era possível para uma grande parcela da população. A escolarização era um dos eixos das mudanças que se buscava na sociedade e, no município não era diferente, uma vez que a cidade se tornava um modelo econômico com a chegada da Refinaria Duque de Caxias (REDUC) - a qual a elevava ao 6º PIB do país - e recebia migrantes de diferentes estados e nações.

O país viveu a década de 1960, principalmente, considerando a educação um instrumento de mobilidade social. A escola, além de socializar, formar, tinha também o papel de dar “status” aos indivíduos. A educação representava a oportunidade de prestígio e ascensão. Nesse período, também o contexto mundial é caracterizado por uma sociedade abalada pela Segunda Guerra Mundial e, não diferente de outros países, o Brasil recebeu milhares de migrantes em busca de segurança e condições para criar suas famílias. O país se beneficiava da mão de obra estrangeira, porém precisava se organizar para proporcionar a educação aos filhos dos imigrantes, uma vez que a população infantil vivia a incerteza do acesso à escolarização devido à escassez de oferta de vagas na rede pública.

O Brasil vivia uma crise política nessa época, quando Jânio Quadros assumiu a presidência da República em 31 de janeiro de 1961 e, alegando perseguição política, renunciou no dia 31 de agosto de mesmo ano. Seu Vice-Presidente na época, João Goulart, assumiu no dia 7 de setembro do mesmo ano e governou até 1º de março de 1964, quando aconteceu o Golpe Militar. A partir dessa data até 1985, todo o país viveu a realidade do regime militar. Na educação, pouca variação ocorreu no período: a falta de vagas permanecia e nem todas as crianças tinham a oportunidade de estudar - o número de escolas privadas aumentou e muitas famílias mantinham seus filhos fora da escola para ajudar na renda familiar.

Retomando o objetivo deste trabalho, que foi analisar o processo de criação da Escola Municipal Anton Dworsak no 2º no distrito de Duque de Caxias, verificou-se que a criação da escola esteve diretamente vinculada ao processo de crescimento do bairro e do município. No entanto, a responsabilidade efetiva na construção da instituição coube aos moradores da localidade. O bairro estava em pleno crescimento, assim como o município, que se apresentava em desenvolvimento do setor industrial, alinhado ao projeto de recuperação econômica do

Estado. Embora a ideia da educação escolar como fator de regeneração da sociedade já vigorasse, a responsabilidade do estado com a educação pública ainda não havia chegado à localidade; a mobilização popular, com o aval da prefeitura - por meio da doação do terreno para a construção – foi a base para a criação e institucionalização da Escola Municipal Anton Dworsak.

Nesse sentido, pudemos constatar que muitos dos problemas vividos na ocasião da criação da escola, além de reais, persistem até os dias atuais. Considero essa pesquisa uma oportunidade profícua para se pensar o direito à educação, o qual não atende toda a população em idade escolar, bem como para se refletir sobre o esforço da comunidade local em garantir uma escola pública de qualidade para a população, sobretudo para as crianças. Ainda hoje, centenas de crianças estão fora da escola por não haver vagas, as quais deveriam garantir um direito que é constitucional. Não há como saber se o número de infantes sem estudar na época era maior ou menor do que o número de colegas dos filhos de Anton, aqueles que brincavam com eles e não estudavam porque não havia escola na localidade. Já há 60 anos que a escola vem servindo à população da localidade, que cresceu e, entretanto, a falta de vagas e de escolas próximas ainda permanece.

Pelo que foi pesquisado e analisado neste trabalho, identificamos que a relação da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias (PMDC) e do Centro de Pró Melhoramento de Vila Maria Helena e Jardim Primavera não se deu de forma amistosa, pois o que se observa é que nunca houve um interesse mútuo real a ponto de garantir ao prédio escolar a responsabilidade do pertencimento. A Associação não construiu, mas apropriou-se, com base em documentos de posse, do terreno no qual foi construída a escola. Por outra vertente, a prefeitura cedeu o terreno e não registrou o prédio como sua propriedade; porém, desde o seu funcionamento, ela mantém de todas as formas a instituição. A instituição é pública e mantida pela PMDC, todavia o prédio consta como cedido e funciona no mesmo espaço há 60 anos.

A associação apresenta um documento assinado, no qual registra que passará o prédio para a prefeitura à medida que seja construído por esta um segundo pavimento sobre o já existente e em funcionamento na associação. Diante dos cargos e funções provisórias que passam pelos setores responsáveis da PMDC e da Secretaria de Educação, não houve quem se interessasse em resolver tal situação.

Enquanto o prédio permanecer cedido, não há perspectiva de uma grande reforma ou de recebimento de verba federal que proporcione mudanças estruturais e que, de fato, propicie um ambiente mais favorável ao aprendizado como, por exemplo, a cobertura da quadra e a construção de salas no segundo pavimento.

A luta da comunidade em relação à construção da escola, iniciada no final da década de 1950, ainda não acabou. Há muitas questões para serem conquistadas. Duque de Caxias é uma

cidade com grandes empresas e arrecadações, uma das mais ricas do país. De acordo com o IBGE, no Censo de 2020, Duque de Caxias ocupava no ranking do PIB o 2º lugar do estado do Rio de Janeiro e o 18º do Brasil. Apesar disso, o investimento na educação da população não é suficiente para atender e escolarizar todos. A taxa de escolarização na faixa de 07 a 14 anos atinge 96,1%. O que falta para chegar a 100%? Faltam mais escolas públicas, escolas mais amplas, mais vagas disponíveis e acesso facilitado à população a um direito garantido por Lei.

Jardim Primavera sempre foi um bairro expressivo. É o centro geográfico do município e é onde está localizado o prédio da Prefeitura Municipal. É cortado por duas das principais rodovias do estado: Washington Luís e Rio-Magé. Concentra um grande número de empresa de ônibus municipais e intermunicipais, embora ainda haja muitos bairros que não são atendidos por transportes públicos. Essa é uma realidade que atinge a Escola Anton Dworsak, localizada a cerca de 1 km dos acessos aos transportes públicos, o que dificulta o acesso dos estudantes, principalmente para aqueles que residem distante da escola e precisam estudar.

Apesar da grande concentração de moradores, e da existência de comércios, pólo gastronômico e de uma diversidade de serviços, a quantidade de escolas públicas, principalmente municipais, ainda é insuficiente para atender, particularmente, a educação infantil e o ensino fundamental do 1º segmento.

Entretanto, consideramos que o contato entre associação e escola não são suficientes para estabelecer, de fato, a forma como o prédio da escola se tornará propriedade da Prefeitura e garantir que unidade continue a utilizar o espaço onde se localiza, bem como a realização das obras necessárias e fundamentais para adequá-la às necessidades da comunidade. Outro ponto que promove a reflexão é até quando a comunidade que construiu a escola permitirá que a associação de moradores impeça o crescimento da unidade - bem como um atendimento mais amplo à população - e como encontrará meios para conscientizá-la de que a escola pública pertence ao povo e, por isso, deve ser administrada e mantida pelo poder público, não por sociedades isoladas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, G. S. A. Política de admissão ao ginásio (191-1945): conteúdos e forma revelam segmentação do primário. *Revista HISTEDBR On-Line*, Campinas, n.46, p.107-118, 2012.
- ALBERTI, V. Fontes orais: História dentro da História. In: PINSKY, C. B. (Org.). *Fontes Orais*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.
- ALMEIDA, J. S. Mulheres na escola: algumas reflexões sobre o magistério feminino. *Caderno de Pesquisas*, São Paulo, n. 96, p. 71-78, 1996.
- ALVES, J. C. S. *Dos Barões ao extermínio: Uma história de violência na Baixada Fluminense*. 2. Ed. Editora Consequência, 2020.
- ALMEIDA, T. M. A.; BRAZ, A. A. *De Merity a Duque de Caxias: Encontro com a História da Cidade*. Duque de Caxias, 2. Ed. Associação dos amigos do Instituto Histórico, 2019.
- ARAÚJO, J. Estudo de Comunidade & História Oral. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n.5, p. 43-62, 1999.
- AQUINO, R. S. L. *História das Sociedades: das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais*. Rio de Janeiro. Editora: Ao Livro Técnico S/A - Indústria e comércio, 1985.
- BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). Fontes Históricas. - 2.ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008. p. 23- 76.
- BARROSO, J. A história das instituições escolares: a escola como objeto de estudo. In: PINTASSILGO, J.; CORREIA, L. A. L.; FELGUEIRAS, M. (Org.). *A História da Educação em Portugal*. Balanço e Perspectivas. Porto. ASA, 2007.  
<file:///C:/Users/Particular/Desktop/Downloads/JBarroso-2007-HistriadadasInstituiesEscolares-ASA.pdf>. Acesso em 20/01/2023.
- BLOCH, M. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- BONATO, Nailda Marinho da Costa. Os arquivos escolares como fonte para a história da educação. *Rev. Bras. História da Educação*, Maringá, v.5,n.2, p. 193-220,jul. /dez. 2005.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e Misérias da Biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). Fontes Biográficas. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.203.
- CARINO, J.A biografia e sua instrumentalidade educativa. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 20, n.67, p.153-182, 1999.
- COGGIOLA, O. *História da Segunda Guerra: Causas, estrutura e consequências*. 1. Ed. Livraria da Física, 2015.
- NORMAN, Davies. *A Europa em Guerra*. Lisboa: Edições 70, p. 350-351, 2006.
- DINIZ, C. A.; SOUZA, R. F. A colaboração dos municípios na expansão do ensino secundário no estado de São Paulo (1930-1964). *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v.18, n.1, p.93-121, 2019.
- Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/eslovenia.ht>> Acesso em: 15/01/2023.

Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br>> Acesso em: 18/01/2023.

Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 20/01/2023.

Disponível em: <<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/smeportal/wp-content/uploads/2020/05/Cartografia-Conhecendo-o-munic%C3%ADpio-de-Duque-de-Caxias.pdf>> Acesso em: 25/01/2023.

Disponível em: <<http://www.cmdc.rj.gov.br>> Acesso em: 26/01/2023.

Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br>> Acesso em: 28/01/2023.

Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn2.pdf)> Acesso em: 11/01/2023.

Disponível em: <<https://www.cmdc.rj.gov.br/>> Acesso em: 18/01/2023.

FARIA FILHO, L. M.; VIDAL D. G. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 19-34, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Escolarização, culturas e práticas escolares no Brasil: elementos teórico-metodológicos de um programa de pesquisa. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.). *Disciplinas e integração curricular: história e políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FARIA FILHO, L. M.; BERTUCCI, L. M. Experiência e cultura: contribuições de E. P. Thompson para uma história social da escolarização. *Currículo Sem Fronteiras*, v.9, n.1, p.10-24, 2009.

FREIRE, Paulo – *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra. 1987

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERMANN, N. *Hermenêutica e Educação*. Rio de Janeiro: DP&A. 2002. História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados, 1999, p. 67-72

HOBBSBAWN, E. *A Era dos Extremos: o breve século XX. 1941-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUDT, T. *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008

KRAUSE, C; KRAUSE, M. *Educação de mulheres do período colonial brasileiro até a o início do século XX: do imbecilitussexus à feminização do magistério*. X Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental, 2016.

LACERDA, S. J. S. A Emancipação Política do Município de Duque de Caxias: Uma tentativa De Compreensão. *Revista Pilares da História*, Duque de Caxias, n. 3, p. 9-27, 2003.

- LAURETTI C. F. Centros de memória e arquivos históricos: semelhanças e diferenças. (Trabalho de Conclusão de Curso) - Departamento de Biblioteconomia e Documentação. Escola de Comunicações e Artes, 2011.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LUSTOSA, J. *Cidade De Duque De Caxias*: Desenvolvimento Histórico do município- Dados Gerais, 1958.
- MAGNOLI, D. História das guerras. 3. Ed. São Paulo, Contexto, 2006.
- MAGALHÃES, J. P. Breve apontamento para a história das instituições educativas. In: SANFELICE, J. L.; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. (org.). História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados, 1999a.
- MANHÃES, A. (Orgs.). Jardim Primavera: lugar de refúgio e sobrevivência. Revista Pilares da História. Duque de Caxias, n. 4, 2004.
- MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. *Rev. Bras. História da Educação*, Maringá, v.5 - n.2 - jul./dez. 2005, p. 75-99.
- MOURA, G. Eslovênia - O Livro na Rua. Série Diplomacia ao Alcance de Todos, Biblioteca do Cidadão. Thesaurus Editora do Brasil-2012.  
<file:///C:/Users/escol/Downloads/eslovenia.pdf>
- NOSELLA, P; BUFFA, E. As pesquisas sobre Instituições Escolares: o método dialético marxista de investigação. *ECCOS*. São Paulo, v.7, n.2, p. 351-368, 2005.
- NOSELLA, P.; BUFFA, E. As pesquisas sobre instituições escolares: balanço crítico. Navegando na história da educação brasileira, 2006. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, vol.15, nº.43, jan./apr.2010
- OLIVEIRA, L. H. M. M.; GATTI JÚNIOR, D. História da Instituições Educativas: Um novo olhar historiográfico. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, v. 1, n.1, p. 73-76, 2002.
- PERES. E. M. *Aprendendo formas de ensinar, de pensar e de agir*: A escola como oficina da vida. Discursos pedagógicos e práticas escolares na escola pública primária gaúcha (1909-1959). Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação (UFMG), Belo Horizonte, 2000.
- POLLACK, M. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v 2, n.3, p. 3-15,1989.
- RIBEIRO, I.; SILVA, V. L. G. Das materialidades da escola: o uniforme escolar. São Paulo: *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 575-588, 2012.
- RIBEIRO, A.; COUTINHO, M. A. Editorial: História da Educação Revisitada. *Caderno Eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 3, n. 2, p. 2, 2016.
- SALLES, M. R. R.; BASTOS, S. R. *Migrações*: Implicações passadas, presentes e futuras - Política Imigratória e Imigração Italiana no Pós-Segunda Guerra Mundial: Perfil das Entradas e Trajetórias – Marília/Unesp, 2012

\_\_\_\_\_. (1999a). *Breve apontamento para a História das Instituições Educativas*. IN: SANFELICE, José Luis, SAVIANI, Dermeval e LOMBARDI, José Claudinei. História da Educação; perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados. p. 67-72.

SANFELICE, J. L.; SIQUELLI, S. A. *Desafios à Democratização da Educação no Brasil Contemporâneo*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2016.

SANFELICE, José Luís - História das instituições escolares: desafios teóricos, Ponta Grossa: UEPG, 2007.

SAVIANI D. *Instituições Escolares: Conceito, História, Historiografia e Práticas*. Cadernos de História da Educação, Uberlândia, n. 4, 2005.

SAVIANI, Demerval. História das idéias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2013. 473p.

\_\_\_\_\_. História das idéias pedagógicas no Brasil– Campinas SP: Autores associados, 2007. (Coleção memória).

SOUZA, M. S.; *Escavando o passado da cidade: história política da cidade de Duque de Caxias*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2014.

TENREIRO, A. *Atlas Escolar do Município de Duque de Caxias*. 2. Ed. Duque de Caxias, RJ Secretaria Municipal de Educação, 2015.

VALLE, LÍlian do. *A Escola e a Nação: as origens do projeto pedagógico brasileiro*. São Paulo: Letras& Letras, 1997.

VIANNA, R. C. S. L. *História e Geografia: O Município de Duque de Caxias*: Duque de Caxias 2006.

Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias - CEPEMHed

PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS. Câmara Municipal de Duque de Caxias. *Lei n. 2.713*, de 30/06/2015. Disponível em: <<http://www.cmdc.rj.gov.br/?p=5837>>. Acesso em: 18 de abril de 2016.

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Educação. *Decreto 6.542*, de 11/05/2015 publicado no Boletim Oficial nº 6228 de 12/05/2015. Dispõe sobre Eleições para Diretores e Vice-Diretores das Unidades Escolares do município de Duque de Caxias.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS. Câmara Municipal de Duque de Caxias. *Lei Nº 2.713*, de 30/06/2015. Disponível em <<http://www.cmdc.rj.gov.br/?p=5837>>. Acesso em: 18 de abril de 2016.

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Educação. *Decreto 6.542*, de 11/05/2015 publicado no Boletim Oficial nº 6228 de 12/05/2015. Dispõe sobre Eleições para Diretores e Vice-Diretores das Unidades Escolares do município de Duque de Caxias.